



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**“PARA LEVANTAR AS MULHERES”: HARRIET ANN JACOBS,  
(RE)TRADUÇÃO FEMINISTA NEGRA COMENTADA DE *INCIDENTS  
IN THE LIFE OF A SLAVE GIRL* (1861)**

LUCIENE DO RÊGO DA SILVA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Brasília/DF

2018

Luciene do Rêgo da Silva

**“PARA LEVANTAR AS MULHERES”: HARRIET ANN JACOBS, (RE)TRADUÇÃO  
FEMINISTA NEGRA COMENTADA DE *INCIDENTS IN THE LIFE OF A SLAVE  
GIRL* (1861)**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Brasília/DF

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S" Silva, Luciene do Rêgo da  
"PARA LEVANTAR AS MULHERES ": HARRIET ANN JACOBS,  
(RE)TRADUÇÃO FEMINISTA NEGRA COMENTADA DE INCIDENTS IN THE  
LIFE OF A SLAVE GIRL (1861) / Luciene do Rêgo da Silva;  
orientador Alessandra Ramos de Oliveira Harden. --  
Brasília, 2018.  
149 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Estudos de Tradução) -  
Universidade de Brasília, 2018.

1. Tradução Feminista Negra. 2. Feminismo Negro. 3.  
Funcionalismo. 4. (Re)tradução. I. Oliveira Harden,  
Alessandra Ramos de , orient. II. Título.

Luciene do Rêgo da Silva

**“PARA LEVANTAR AS MULHERES”:** HARRIET ANN JACOBS, (RE)TRADUÇÃO  
FEMINISTA NEGRA COMENTADA DE *INCIDENTS IN THE LIFE OF A SLAVE  
GIRL* (1861)

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Aprovada em: 31 de outubro de 2018.

Banca Examinadora:

---

Professora Doutora Alessandra Ramos de Oliveira Harden

(Orientadora)

POSTRAD – UnB

---

Professora Doutora Tatiana Nascimento dos Santos

CEAM – UnB

---

Professor Doutor Alcione Correa Alves

PPGEL-UFPI

BRASÍLIA/DF

2018

**Em memória de Vovô Manoel  
Vovó Pedrina, Vovó Nenê e Vovô João  
e dos/as meus/minhas ancestrais.**

## AGRADECIMENTOS

Ao Grande Espírito.

Ao GMCKS e seus ensinamentos.

Às/aos minhas/meus mentoras/es.

A Harriet Ann Jacobs.

À minha mãe, Maria Luíza do Rêgo da Silva, e ao meu pai, Antônio Ribeiro da Silva Neto, pela minha existência. À minha irmã Anatólia Labilloy. Ao meu irmão-afilhado Raphael de Jesus pela sua existência e amor infinito. A todas/os minhas/meus familiares pelo amor e apoio.

À minha amiga, professora e orientadora Alessandra Ramos de Oliveira Harden por sua orientação, amizade, suporte e apoio em todos os momentos.

A todos as/meus amigas/os, pela amizade e carinho durante essa jornada, em especial àqueles que acompanharam o desenvolvimento desta pesquisa mais de perto: Flávia Abati; Geysa Costa; Lanna Alves; Janailton Mick; Luciana Lima; Adriana Moellmann; Lourival de Carvalho; Thaisy Souza; Marta Molina; Nicolás Gomez; Luzia Gomes; Camila Acosta; Ariel Pheula; Maisa Vanderlei; Luciana Lima; Lennon Noletto; Clarissa Santos; Rogfel Thompson; Elena Coronado; Kali Dasa; Otávio Teodoro Chaves; Gil Nagô; Artenildes Silva; Laura Gigriola; Ruimar Batista; Loisima Schiess; Ranyelle Beatriz; Elany Cristina; Raquel Araújo; Lorildes Costa; Roberto Crístofer; Kali Dasa; Patrícia Ramos de Oliveira e família; Anahides Bucar; Simone Pazzini; Lucia Hugueney; Francisco Brasileiro; Carlos Costa e a todos/as do Instituto Prana Brasília, a todos/as amigos e amigas que encontrei ao longo dessa jornada;

Ao amigo, professor e orientador durante a minha Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Francesa, Alcione Corrêa Alves pelo carinho, amizade, respeito e orientação durante o período da minha graduação;

Ao Grupo de “Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome” nas pessoas de Luciléa Silva da Cruz; Geysa Costa; Ella Ferreira Bispo; Crisadália Oliveira; Jéssica Catharine B. de Carvalho; Lana Leal; Livia Maria da C. Carvalho; Fabiana Viana Cruz; Jonata de Oliveira;

Ao amigo Smael Maicon pelo carinho, amizade. Agradeço por haver colocado o edital do Protrad em minhas mãos, incentivando-me a fazer a seleção, e por termos construído juntos os Projetos de Extensão de língua francesa e alemã VALF e o SWDL na UFPI.

À amiga e professora Germaine Elsoult de Aguiar pela amizade, pelo carinho; pelo incentivo aos estudos, ao mestrado e por ter sido minha coordenadora nos Projetos de Extensão de língua francesa e alemã VALF e no SWDL na UFPI.

À amiga e professora Rebeca Hennemann pela amizade, carinho e apoio em um dos momentos cruciais em minha vida acadêmica e pessoal.

À amiga e professora Lourdes Teodoro pela amizade, pelo afeto, pelos muitos ensinamentos teóricos e práticos, por despertar em mim o amor à tradução.

À professora, poeta e cantora Tatiana Nascimento dos Santos pela sua pesquisa, seus textos poéticos e amizade.

Ao professor Gleiton Malta pela presteza e oportunas colaborações ao meu trabalho na etapa de defesa; ao PPE UnB Idiomas, meu suporte financeiro no início e no fim da pesquisa; às/aos colaboradoras/es queridas/os que de alguma forma me incentivaram a seguir.

Aos professores Luizir de Oliveira; João Evangelista; Elio F. de Souza; Wellington Borges; Hans Theo Harden; Cristiane Roscoe Bessa; Sebastião A. T. Lopes; Juliana Paz, e a todos/as que compartilharam conhecimento comigo e me incentivaram a voar.

Às amigas Gil Nagô, Laura África, Gilsão, Wg, Gilsamara, Dj Lais, Nega Deka, e ao Coletivo Questão Ideológica (QI) pela amizade, respeito, carinho e por terem plantado em mim a consciência político-social, o inconformismo e a vontade de fazer algo para contribuir para a mudança em nossa sociedade. Ao Pré-Vestibular Popular da Casa do Hip Hop que me possibilitou o acesso à universidade pública, ao Prof. Gisvaldo Oliveira da Silva e a Profa. Juliana Malherme pelos ensinamentos no Pré-vestibular e direcionamentos para a pesquisa acadêmica.

À CAPES, pela bolsa concedida durante um ano— a qual, tendo em vista nosso cenário político, foi de suma importância para o desenvolvimento da minha pesquisa; à Universidade de Brasília e ao POSTRAD, às/aos professoras/es agradeço pelo conhecimento compartilhado; e às/aos colegas das aulas e das pesquisas a troca de vozes, leituras e experiências.

## RESUMO

SILVA, Luciene do Rêgo da. **“Para levantar as mulheres”**: Harriet Ann Jacobs, (re) tradução feminista negra comentada de *Incidents in the life of a Slave girl (1861)*. 2018. 149f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília-UnB, Brasília/DF, 2018.

Harriet Ann Jacobs foi uma escritora negra estadunidense que escreveu e publicou sua autobiografia nos EUA em 1861. A primeira tradução de “*Incidents in the life of slave girl*”, no Brasil, tem autoria de Waltensir Dutra e foi publicada pela Editora Campus. Apesar de ser uma das obras fundadoras do gênero *slave narratives* (narrativa de sujeitas escravizadas) em seu país de origem (YELLIN, 1988), “*Incidents*” ainda não obteve grande reconhecimento no Brasil. Harriet vivia como escravizada numa fazenda no sul dos Estados Unidos, e, após sua primeira fuga, quando passou oito anos escondida no sótão da casa de sua tia-avó, fugiu para o Norte do país, em um exílio forçado pelo sistema escravagista, o qual não reconhecia a pessoa negra como livre, nem como sujeita pensante e com direito de fala. Fundamento-me no pressuposto de que a voz de Harriet Ann Jacobs era direcionada às mulheres – inicialmente do Norte dos Estados Unidos, de acordo com o prefácio e, com sua retradução no século XXI, às brasileiras. Este projeto de (re)tradução feminista dialoga intrinsecamente com as teorias da tradução feminista com as quais trabalham Lori Chamberlain (2000) e Sherry Simon (1996), que subvertem a linguagem, usualmente hegemônica e patriarcal, com o intuito de causar um estranhamento intencional na língua traduzida. Metodologicamente, sigo o modelo funcionalista, proposto por Christiane Nord para realizar o projeto tradutório. O viés feminista negro constante em Angela Davis (2016), Sueli Carneiro (2003), Tatiana Nascimento dos Santos (2014), Diana Norma Hamilton (2018) me posiciona diretamente no meu local de fala, discutido em Djamila Ribeiro (2017) e nominado como sujeita negra “*outsider within*” (COLLINS, 2016).

**Palavras-Chave:** Tradução Feminista Negra. Feminismo Negro. Funcionalismo. (Re)tradução.

## ABSTRACT

SILVA, Luciene do Rêgo da. “**To rise the women**”: Harriet Ann Jacobs, a commented black feminist (re)translation of *Incidents in the life of a slave girl (1861)*”. 2018. 149f. Dissertation (MA in Translation Studies) – School of Languages, Department of Foreign Languages and Translation, University of Brasília-UnB, Brasilia/Brazil, 2018.

Harriet Ann Jacobs was a black American writer who wrote and published her autobiography in the USA in 1861. The first translation of “Incidents in the life of slave girl” in Brazil, has the authorship of Waltensir Dutra and was published by Editora Campus. In spite of being one of the founding masterpiece of the genre slave narratives in its country of origin (YELLIN, 1988), “Incidents” has not yet obtain great recognition in Brazil. Harriet has lived as an enslaved person on a farm in the southern United States. After her first escape, when she spent eight years hidden in the attic of her great-aunt’s house, she fled northward into an exile forced by the slavery system, which did not recognize the black person neither as free or as a thinking subject with a speaking right. My research was based on the assumption that Harriet Ann Jacobs’ voice was directed for the women – initially from the North of the United States, according to the preface – and, with its (re)translation in the 21st century, to Brazilians. This feminist (re)translation project dialogues intrinsically with the theories of feminist translation presented by Lori Chamberlain (2000) and Sherry Simon (1996), who subvert language, usually hegemonic and patriarchal, with the intention of causing intentional estrangement in the translated language. In terms of methodology, I follow the functionalist model, proposed by Christiane Nord to carry out the translation project. The Black Feminist bias constants in Angela Davis (2016), Sueli Carneiro (2003), Tatiana Nascimento dos Santos (2014), Diana Norma Hamilton (2018) positions me directly in my speaking place, discussed in Djamila Ribeiro (2017) and nominated as: a black subject ‘*Outsider within*’ (COLLINS, 2016).

**Keywords:** Black Feminist Translation. Black Feminism. Functionalism. (Re)translation.

## SUMÁRIO

1 ABRINDO OS TRABALHOS	11
1.1 Observações Iniciais	11
1.2 Justificativa	15
1.3 Princípios metodológicos: como tudo começou?	18
1.4 Objetivos	19
1.5 Pergunta de Pesquisa	20
1.6 Organização da pesquisa	20
2 HARRIET ANN JACOBS: O TEXTO E A RELEVÂNCIA DA OBRA	23
2.1 Harriet A. Jacobs: vida e obra	23
2.2 Recorte histórico e relevância da (re)tradução de <i>Incidents</i> no Brasil	26
2.3 Contexto histórico e importância de <i>Incidents</i> nos EUA	31
2.4 Paratextos editoriais de <i>Incidents</i> nos EUA e no Brasil	34
3 MOVIMENTO FEMINISTA: HISTÓRIA DO MOVIMENTO NOS EUA E BRASIL	39
3.1 A situação das mulheres nos Estados Unidos e no Brasil do século XIX	39
3.2 Feminismo interseccional e feminismo negro	43
3.3 Feminismo interseccional	44
3.4 Feminismo negro	45
3.5 Por que a tradução feminista?	48
3.5 Tradução Feminista Negra	54
4 ALGUMAS NOÇÕES TEÓRICAS	69
4.1 (Re)tradução: algumas noções	71
4.2 Tradução Comentada	73
4.3 Construção do Projeto Tradutório	74
4.4 O Funcionalismo e o modelo de Christiane Nord	76
4.5 Funcionalismo e tradução feminista	81
4.5.1 O projeto tradutório	81
4.5.2 Discussão sobre pontos específicos da (re)tradução de <i>Incidents in the Life of a Slave Girl</i>	85
5 A (RE)TRADUÇÃO DE INCIDENTS IN THE LIFE OF A SLAVE GIRL	93
5.1 Dedicatória	93
5.2 Prefácio da autora	95

<b>5.3 Introdução da organizadora do texto</b>	<b>100</b>
<b>5.4 I Infância</b>	<b>107</b>
<b>5.5 VI A Senhora Ciumenta</b>	<b>120</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>143</b>

### **negrícia**

certas feridas  
são a própria máscara,  
outras apenas gemem,  
os elefantes gritam negritude  
    com suas estratégias de sobrevivência a tiracolo  
os mais políticos se consomem  
    no túnel de serem os únicos  
    para si mesmos e o mundo,  
e não sei a quantas andamos  
tentando dar as mãos  
    às mãos que não se dão.

Lourdes Teodoro, 1996

## 1 ABRINDO OS TRABALHOS

O poema supracitado me situa diretamente no meu local de fala, o de sujeita negra “*outsider within*”, aquela que ‘fala de dentro’. As minhas feridas foram ressignificadas ao longo do meu percurso. Transformadas em resiliência, elas constituem a base da minha militância, dentro e fora da academia. Entretanto, não as mascaro, grito pela negritude, evocando pelo reconhecimento do meu povo afro-ameríndio. O fazer político perpassa meu percurso acadêmico, já que não há pesquisa neutra; tomar posição implica um ato político não neutro.

Escolhi esse poema para abrir meu texto por se tratar de um texto poético que dialoga intrinsecamente com minha pesquisa e com minha identidade de mulher negra tradutora. Negrícia é um poema de Lourdes Teodoro, autora brasileira negra que tem um grande percurso poético e teórico na área de pesquisa da Identidade Cultural; Literatura Comparada; *Négritude* antilhana e Modernismo Brasileiro. A pesquisa apresentada nesta dissertação se insere no âmbito dos Estudos da Tradução e possui um viés político feminista. A temática da tradução feminista, sobretudo com a abordagem do feminismo negro, encontra-se em construção e ainda tem poucas referências de um modo geral. A (re)tradução constitui-se como um aparato teórico de grande importância para esta pesquisa e possui como embasamento teórico Gambier (1994) e Malta (2016). A metodologia se construiu em cima do entrecruzamento de algumas abordagens em tradução: o funcionalismo de Nord (2016); a tradução feminista de Lori Chamberlain (2004) e de Sherry Simon (1996); o feminismo negro de Angela Davis (2016), de Sueli Carneiro (2003), de Patricia Hill Collins (2000) e Djamila Ribeiro (2017); a tradução feminista com feminismo negro, por meio da teoria lésbica negra em diáspora afro-americana de Tatiana Nascimento dos Santos (2014) e de Patricia Hill Collins (2017), e, ainda, a tradução comentada de Marie-Hélène Torres (2017).

### 1.1 Observações iniciais

Escrevo em primeira pessoa e dirijo minha tradução primeiramente ao público feminino, meu público almejado. Escolho causar estranhamento na língua de chegada – do texto (re)traduzido – do mesmo modo que no texto acadêmico, quebrando padrões de gênero hegemonicamente baseados no masculino. Também uso a primeira pessoa do plural quando me

refiro à comunidade negra, lugar de fala em que estou inserida e de onde emana minha voz plural. Como observa Nascimento dos Santos:

A divisão de saberes explorada no contexto acadêmico de onde elas falam (e de onde falo também) faz uma polarização entre textualidades, colocando de um lado negativo as que são consideradas militantes e de um lado positivo as que são consideradas efetivamente acadêmicas. As acadêmicas têm que ser não-militantes, ou seja, neutras, impessoais e distanciadas. (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2014, p. 80).

Concordo com a afirmação de que ser militante é estar envolvida em uma pesquisa que me envolve epistemologicamente. Além disso, devido à escassez de textos que abordem a temática abordada aqui, sobretudo a relação entre a tradução feminista e o feminismo negro, essa questão me coloca em uma zona desconfortável, em que tenho de lidar com as implicações teóricas da escrevivência e também com o fato de ver meu rosto por meio do “espelho de Oxum” (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2014). Embora eu tenha Nascimento dos Santos (2014) como uma referência que me faz pensar os entrecruzamentos entre tradução e feminismo negro, partimos de alguns lugares de fala diferentes. Dessa forma, adentro a teoria lésbica Negra para beber da sua fonte e seguir rumo a outras intersecções. As teorias com que trabalho nem sempre são as mesmas adotadas pela autora, e o caminho que percorro segue para locais similares e ao mesmo tempo diversos. Entretanto, com alguns pontos em comum, resalto a seguinte afirmação:

A alcunha de “militante” é extremamente desvalorativa, e eu sinto que está também fundamentada em uma hierarquia entre a organização social de elites intelectuais que devem gerar e fornecer conhecimento teórico a ser posto em prática por, ou analisado desde a prática de grupos de movimentos sociais. Um simples termo que significa “você não pertence a este lugar” – ao menos, foi assim que me senti muitas vezes em que minha escrita foi assim considerada. (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2014, p. 80).

Ser militante em um espaço acadêmico, em que as mulheres negras não são a maioria, ser oriunda de uma localidade periférica e ser negra dentro de uma pós-graduação me colocam em um espaço privilegiado de fala em relação a(o)s antepassada(o)s que trago no sangue e ao meu povo, às mulheres que fazem com que eu me recorde a cada dia que minha boca e minha caneta são microfones e papeis em branco, preparados para escrever uma nova história, na qual eu sou a personagem principal, a tradutora. O texto que traduzo também foi escrito por uma mulher negra. É uma responsabilidade tremenda e espero poder cumprir com o que me proponho fazer.

No processo de citação ao trabalhar com as narrativas orais de nós, os subalternizados, em nossos textos acadêmicos, podemos e temos a obrigação de apresentar-lhes uma declaração, solicitando que eles nos concedam os direitos autorais, e de mostrar-lhes como ficou a transcrição. Entretanto, serei eu, enquanto intelectual, que recortarei e selecionarei o que quero mostrar e dizer a partir dos relatos desses outros. E o mesmo fazemos com os textos acadêmicos – quando apresentamos excertos dos livros e artigos alheios –, com a diferença de que muitos desses teóricos já são doutores e possuem o privilégio da autoridade acadêmico-científica. Porém, seja de qual forma for, após a defesa de tese, quem sairá com o título de doutora será eu e não “o outro subalternizado semelhante a mim” que me ofertou o seu conhecimento. Por isso, assumo a minha escrita acadêmica em primeira pessoa. No entanto, como sujeita negra, os meus passos vêm de longe e, dentro da heterogeneidade dos subalternos tão bem explicitada por Spivak, não falo apenas por mim mesma, mesmo quando afirmo escrever “eu por mim mesma”. Sei que não estou sozinha nessa empreitada e nem estou inovando. Talvez esteja revisitando. (FERREIRA, 2018, p. 71).

Como destaca a teórica Luzia Gomes Ferreira (2018), meus passos vêm de longe. Estar em um espaço acadêmico representa não somente uma vitória pessoal, mas de um coletivo. Minha história de militância é anterior a minha entrada na universidade. Meu primeiro contato com a literatura negra ocorreu antes de cursar a graduação em Letras Português/Francês na Universidade Federal do Piauí, em 2008, quando tive contato com a militância Negra na Casa do Hip Hop no Parque Piauí, bairro em que nasci e me criei. Lá tive contato com as militantes e artistas Laura África e Gil Nagô, que me falaram sobre o feminismo – e o feminismo negro – pela primeira vez. Também me contaram do Movimento Negro dos Estados Unidos, a militância de Angela Davis e do “Partido dos Panteras Negras”, fundado em 1966. Lá conheci, ainda, obras que marcaram minha militância. O irmão de Laura África e Gil Nagô, Gilson Pinto “Gilsão”, me emprestou o livro “Autobiografia de Malcolm X”, de Alex Haley [1964], publicado em 1965 pela editora Record, no Brasil, com a tradução de A. B. Pinheiro de Lemos, e o livro *Negras Raízes*, também de Alex Haley [1976], publicado no mesmo ano pela Editora Record, no Brasil.

Esses dois livros foram o meu primeiro contato com a militância Negra, e a partir deles comecei a desconstruir o racismo que vinha arraigado em mim, tarefa que mantenho até hoje. Entrei na Casa do Hip Hop para fazer um curso de Penteados Afro; depois, acabei sendo convidada a trabalhar como secretária voluntária do movimento, permanecendo por um ano e meio nesse posto, e também como radialista, em uma atividade voluntária pela Antares Am, realizando um programa chamado Na Real, durante dois anos. Apresentei durante um ano o programa com uma rapper, Dj e militante do movimento, a Dj Lais, e depois segui sozinha. O

programa tocava somente música Negra, brasileira e internacional, priorizando o rap produzido pelo Movimento Hip Hop no Piauí, no Coletivo Questão Ideológica-QI. Escolhíamos sempre um/a cantor/a e falávamos da sua história de vida; tocávamos várias músicas desse/a artista juntamente com canções de outros/as cantores/as ao longo do programa, que durava em torno de duas horas. Tínhamos um operador de áudio, que depois também me ensinou a operar o equipamento. Foi um momento de grande aprendizado. Em 2009, o Coletivo Questão Ideológica ofereceu gratuitamente um curso preparatório para o vestibular, intitulado “Pré-Vestibular Popular para Negros e Negras, Excluídos e Excluídas”, o qual ajudei a organizar, tampem me inscrevendo como participante; Cheguei ao término do curso no início de 2010, com a notícia da minha aprovação em duas universidades públicas: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), para o Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês, e Universidade Federal do Piauí (UFPI), no Curso de Licenciatura Plena em Letras Português/Francês e suas Respectivas Literaturas.

Após ingressar na UFPI, no segundo período passei a fazer parte do “Grupo de Pesquisa Teseu o Labirinto e seu Nome: identidade e desvio em uma compreensão das literaturas de língua francesa das Américas”, ocasião em que tive contato com as literaturas negras caribenhas e brasileiras e aprendi a fazer pesquisa acadêmica, sob a orientação do Prof. Alcione Correa Alves. Nesse universo acadêmico, passei a ter contato com a literatura Negra. Vale ressaltar que o fato de ter vivido durante cinco anos em um país de língua estrangeira e de falar alemão e inglês, ler em espanhole estar em formação em francês, permitiu-me ler diversos textos em suas fontes e ter contato com os/as autores/as que escreviam literatura Negra nas Américas, no Caribe e nos EUA. No grupo de pesquisa, fui bolsista de “Iniciação Científica Voluntária” – ICV, nos anos de 2011 e 2012, e pesquisei durante um ano a obra “Texaco” (1993), de Patrick Chamoiseau.

Durante a graduação, atuei no ensino de língua alemã na como professora particular e em um projeto de extensão, quando veio o contato com a tradução pela primeira vez ao realizar tradução coletiva de um relato de viagem aos Estados do Piauí e Maranhão, escrito por uma francesa em 1920, sob a supervisão da Profa. Germaine Elshout de Aguiar. Apesar de haver submetido para a Universidade de Brasília um projeto de tradução que visava analisar o conto de fadas Cinderela e algumas das traduções e adaptações para a língua alemã e francesa da história, quando entrei no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução

(POSTRAD/LET/IL/UnB), propus a mudança para um projeto de (re)tradução de “*Incidents in the Life of a Slave Girl*” (1861), de Ann Jacobs Harriet.

## 1.2 Justificativa

A primeira tradução do texto *Incidents* para a Língua Portuguesa data do ano de 1988; realizada por Waltensir Dutra, foi publicada pela Editora Campus. Ao pesquisar sobre a biografia do tradutor, encontrei uma publicação em coautoria com Fausto Cunha, intitulada “Biografia Crítica das Letras Mineiras” (1956) e um texto teórico sob o nome de “Processos e Técnicas de Tradução (1993). Dutra também tem seu nome citado em vários artigos acadêmicos como tradutor. Dentre as obras que traduziu, destacam-se:<sup>1</sup>

Quadro<sup>2</sup> 1. Lista de obras traduzidas por Waltensir Dutra

<b>Título</b>	<b>Autor</b>
“Ensaio de Sociologia”	Max Weber
“A civilização Bizantina”	Steven Runciman
“Teoria do desenvolvimento capitalista: princípios de economia política marxista (Os economistas)”	Paul M. Sweezy
“A Senhora da Magia: As Brumas de Avalon 1”	Marion Zimmer Bradley
“A grande Rainha: As Brumas de Avalon 2”	Marion Zimmer Bradley
“O Gamo Rei: As Brumas de Avalon 3”	Marion Zimmer Bradley
“O Prisioneiro da Árvore: As Brumas de Avalon 4”	Marion Zimmer Bradley
“Belos e Malditos”	F. Scott Fitzgerald
“Penélope”	E. V. Cunningham
“Caos: a criação de uma nova ciência”	James Gleick
“2061: uma odisséia no espaço III”	Arthur C. Clarke
“O marinheiro que perdeu as graças do mar”	Yukio Mishima

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://www.goodreads.com/author/list/4736301.Waltensir\\_Dutra](http://www.goodreads.com/author/list/4736301.Waltensir_Dutra)>. Acesso em: 05 jun. 2017.

<sup>2</sup> Todas as tabelas são de minha autoria, excetuando-se aquelas já publicadas.

“Os Invencidos”	William Faulkner
“Um, dois, três...infinito”	George Gamow
“Democracia”	Joan Didion
“A Máscara de Apolo”	Mary Renault
“O Ciúme”	Alain Robbe-Grillet
“A extensão interior do espaço exterior: a metáfora como mito e religião”	Joseph Campbell
“História da riqueza do homem”	Leo Huberman
“Conversas como Diabo”	P. D. Ouspensky

Verifico, no entanto, que, apesar de uma gama de livros já traduzidos, não é possível encontrar uma biografia ou algo que faça referência a sua carreira como tradutor e/ou autor em fontes digitais. Na tradução da obra foco desta pesquisa, intitulada “Incidentes na vida de uma escrava: contados por ela mesma”, também não há um prefácio do tradutor. A obra traduzida foi publicada em 1988 no Brasil e, apesar de ser autobiográfica e de grande importância para a história das mulheres negras escravizadas e para o Movimento Abolicionista e Feminista nos Estados Unidos, não é muito conhecida pelas feministas negras brasileiras. Não há, também, muitas referências a ela em pesquisas acadêmicas empreendidas no Brasil. Entretanto, no país de origem da autora, a obra é conhecida como um texto fundante do gênero literário “narrativas de escravos”, como é possível inferir da passagem a seguir, ao ser comparada com “A Cabana do Pai Tomás”:

Em Ohio, o *Anti-Slavery Bugle*, de Salem, publicou um comentário sobre o livro e insistiu com os abolicionistas do Oeste para que o adquirissem, um dólar o exemplar, do Anti-Slavery Office de Boston. O comitê Hovey pagou a Harriet cem dólares pelos exemplares, presumidamente para serem distribuídos a agentes abolicionistas, e em meados de fevereiro o *National Anti-Slavery Standard* estampava uma carta comparando os **Incidentes** com **A Cabana do Pai Tomás**, aprovando a sua falta de sensacionalismo e deplorando seu tom por vezes moralizante [...]. O Standard comentou formalmente o livro na semana seguinte, mencionando que podia ser encontrado no Anti-Slavery Office, em Nova Iorque. (YELLIN, 1988, p. 12, grifos da autora).

O livro de Harriet foi amplamente divulgado pelos abolicionistas dos EUA e em suas organizações, obtendo sucesso desde a sua publicação em 1861 nesse país. É uma narrativa que

tem um caráter de reescrita da escravidão, trazendo um viés de um feminismo diverso do proclamado pelas teóricas brancas. Em *Incidents*, pode-se observar que as mulheres negras que escravizadas nos EUA viveram situações similares às irmãs negras brasileiras e escravizadas. As mulheres negras, que viveram na escravidão em nosso país, trabalharam incansavelmente e passaram por vários tipos de violências e opressões desde quando foram trazidas ao continente americano, após serem sequestradas de suas famílias e de suas nações de origem. Essa questão mereceu destaque por Sojourner Truth, ao expor as condições em que vivia e ao questionar sobre ser ou não uma Mulher em uma Convenção de Mulheres em Ohio, no ano de 1851. Desse modo, como enfatiza Sueli Carneiro (2003), nunca fomos reconhecidas como frágeis:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2003, p. 1).

Na passagem acima, a pesquisadora discute sobre a mulher negra brasileira e latina, sua situação desde o período da escravidão e durante diversas épocas na história, quando foram forçadas a trabalhar, atentando para necessidade de um feminismo que incluísse as especificidades dessas mulheres. Em comparação, percebo muitas semelhanças entre a escravidão estadunidense, as violências sexuais que Jacobs e as mulheres negras passaram continente nos EUA e as vivenciadas pelas brasileiras. *Incidents* é uma narrativa de sofrimento, que lida com questões importantes para o movimento negro e feminista, como assédio sexual, maternidade na escravidão, identidade, relações entre desiguais, objetificação da mulher (sobretudo da mulher negra).

Sobre os Estados Unidos do século XIX, Angela Davis alerta:

Como mulheres as **escravas** eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras. (DAVIS, 2016, p.20, grifos meus).

Como se pode observar nos excertos de Carneiro e Davis, as mulheres negras estadunidenses e as brasileiras estiveram em situação similar de opressão e cativeiro. Desse modo, evidencio a necessidade do recorte de raça dentro das teorias feministas e no âmbito da tradução feminista, que são empregadas no presente trabalho. Com isso, pretendo chamar a atenção para a necessidade de uma teoria feminista que englobe as questões de gênero e raça, assim como as suas especificidades. Daí a importância do feminismo negro.

A obra aqui apresentada, até então invisibilizada, merece ser (re)traduzida no século XXI em um projeto tradutório feminista. No século XXI, a discussão a respeito do feminismo, em especial o/a sujeito/a negro/a, tem avançado cada vez mais. Assim, embora a tradução de Waltensir tenha cumprido seu papel à época como divulgador da obra em sua primeira tradução, a (re)tradução de *Incidentes in The Life of a Slave Girl*, sob o prisma da tradução feminista, orientada pelo modelo funcionalista, pode enriquecer os estudos da tradução e os feminismos, por meio da releitura e discussão do texto nas rodas de debate de raça e gênero, reconhecendo seu valor histórico, abolicionista, antirracista e, principalmente, negro-feminista.

A seguir, exponho alguns paratextos editoriais e como eles dialogam com minha análise da obra, por meio da observação do contexto de publicação. Busco, com isso, a compreensão da escrita de Harriet com base nos detalhes intra e extratextuais inerentes ao texto.

### 1.3 **Princípios metodológicos: como tudo começou?**

Após selecionar a obra literária a ser traduzida e os trechos para este estudo, iniciei uma pesquisa sobre a autora e o contexto histórico em que o texto foi produzido. Logo após, realizei uma busca pela tradução da obra. Como a tradução existente datava da década de 1980, sem, acredito, um grande número de tiragens impressas, após alguns dias de procura, finalmente encontrei e adquiri o livro em um sebo virtual. Não havia muitos exemplares à venda; na ocasião, somente duas livrarias disponibilizavam o livro. Assim, segui a pesquisa identificando o tradutor e procurando o máximo de informações sobre ele em fontes digitais. Não encontrei muita coisa além da sua assinatura em artigos e nas traduções identificadas no Quadro 1 e um texto que o identificava como do gênero masculino. Houve um momento em que acreditei se tratar também de uma mulher, já que o nome em português deixava dúvidas quanto ao gênero. Por trabalhar com uma tradução feminista, julguei relevante detalhe do gênero do tradutor. Admito que a única evidência que encontrei foi o texto que menciona o tradutor com o artigo definido masculino “o”, marcando-o como desse gênero.

Munida da pesquisa sobre a autora da obra foco desta pesquisa, do texto fonte e do texto traduzido, questionei-me sobre a necessidade da (re)tradução e sobre qual seria a metodologia de trabalho. Escolhi (re)traduzirem vez de somente analisar a primeira tradução. Assim foi inicialmente por abordar um texto da década de 1980; em segundo, por conta de o projeto tradutório ter seu foco em uma tradução funcionalista, na qual a função do texto alvo implica escolhas teóricas diversas das que constam na primeira tradução, realizada por Waltensir Dutra. Decidi que as escolhas léxico-semânticas seriam pautadas no feminismo, propondo, assim, uma tradução funcionalista feminista. E, como sinto a necessidade de um feminismo que abarque questões que perpassam o viés do gênero, situando-se num entrecruzamento entre raça, gênero e classe social, o feminismo negro seria o aporte teórico que melhor se encaixaria no projeto tradutório. Para tanto, explicitarei a seguiras diferentes ondas do feminismo, de forma breve, bem como seus tipos. Dessa forma, justifico a minha escolha por um feminismo negro e apresento um debate sobre a tradução feminista, explicando algumas noções que me nortearam ao longo do trabalho.

A partir da seleção dos princípios teórico-metodológicos, construí um projeto tradutório baseado no modelo funcionalista de Christiane Nord. Seus pontos principais serão tratados nas próximas seções e resumidos em um quadro. Na sequência, passo à parte prática da tradução, amparada por uma visão política que direciona a tradução de forma consciente, explicitada nos comentários e nos trechos selecionados para análise e discussão. Por fim, chego a algumas conclusões finais e apresento a tradução completa como anexo.

#### 1.4 **Objetivos**

O objetivo geral deste trabalho é a realização de um projeto de análise e (re)tradução feminista, pautada no feminismo negro, sob o enfoque do funcionalismo alemão, com apoio nas escolhas e posicionamentos teóricos baseados na tradução comentada, a qual proporciona questionamentos e reflexões com foco no processo (por meio dos comentários) e na meta (com o projeto tradutório).

Os objetivos específicos são:

- Pesquisar sobre a autora, obra e tradução;
- Traçar um projeto tradutório pautado na função do texto;

- Escolher o referencial feminista que melhor dialoga com o projeto tradutório;
- Explicitar os processos que marcam uma tradução feminista;
- Traduzir e comentar os trechos escolhidos;
- Analisar a minha tradução e apresentar os resultados.

### 1.5 Pergunta de pesquisa

Como é possível realizar o entrecruzamento da tradução feminista e o feminismo negro trabalhando a (re)tradução de *“Incidents in the life of a slave girl: written by herself”*, levando em conta o fato de serem raras as pesquisas com essa temática até o presente momento? De que forma posso me apropriar da tradução funcionalista, do feminismo negro e da intersecção da tradução feminista com o feminismo negro, a fim de construir uma pesquisa na condição de militante acadêmica de forma a teorizar essa experiência pioneira no contexto de um mestrado em Estudos da Tradução na UnB? Farei o que estiver ao meu alcance para tentar responder a essas indagações ao longo deste trabalho.

### 1.6 Organização da pesquisa

A pesquisa aqui apresentada se dividiu da seguinte maneira: a presente introdução “Abrindo os Trabalhos”; o desenvolvimento, que se desmembra em dois capítulos, subdivididos por temáticas, e algumas temáticas subdivididas em seções. Ao final, a tradução comentada, as considerações finais e as referências.

Na introdução, apresento a autora, sua vida e obra; um recorte histórico da obra em foco e a relevância da presente (re)tradução para o Brasil; alguns comentários sobre as traduções de Waltensir Dutra e a minha justificativa da (re)tradução, bem como a análise dos paratextos editoriais da obra.

No segundo capítulo, constam os referenciais teóricos que alicerçam este trabalho; um breve histórico do movimento feminista; os diferentes feminismos; o feminismo negro e a tradução feminista.

O capítulo 3 discorre sobre determinados apontamentos a respeito do funcionalismo e o entrecruzamento do funcionalismo e da tradução feminista na presente pesquisa. Apresento

ainda o projeto tradutório; a tradução do prefácio, da introdução e do primeiro capítulo, e ainda a análise e a discussão de alguns trechos da obra.

O capítulo 4 traz as considerações finais, com os resultados da pesquisa. Por fim, apresento as referências bibliográficas.

### post-its

pra se lembrar do medo:  
é menor que o amor

pra aprender do ódio:  
que o sonho é maior

pra recordar: a bala  
é menor que a luta

pra festejar: desejo  
é maior que a norma

nunca esquecer: a bíblia  
é menor do que a fé

(y deus é maior, muito maior  
que a igreja, qualquer  
que seja)

pra mensurar a cerca:  
é menor que a terra

pra acalmar da seca:  
sempre volta a chuva

pra enfrentar a força bruta:  
resistir é maior, y pragüentar  
o prant o espanto y o tanto  
que eles (que só parecem  
tantos) querem acabar  
a gente:

a gente povo  
a gente água  
a gente bicho  
a gente mata  
a gente pedra  
a gente rio vento mundo

nossa seiva é maior  
y a vida é maior  
que o medo  
da morte.

## 2 HARRIET ANN JACOBS: O TEXTO E A RELEVÂNCIA DA OBRA

Harriet Ann Jacobs publicou sua autobiografia *Incidents in the Life of a Slave Girl*, em 1861, sob o pseudônimo de Linda Brent. Essa obra é considerada uma das narrativas mais profundas e consistentes escritas no período anterior à guerra civil americana (BOLDEN, 2000). A narrativa, escrita em primeira pessoa, retrata a vida de Harriet desde sua infância até a idade adulta. É possível imaginar, de acordo com o que escrito em sua obra e com o que foi demonstrado em pesquisas posteriores, que se trata de uma história de sofrimento em que a autora conta da sua vida como uma criança escravizada, na fazenda de sua(s) “dona(s)” e de seu(s) “dono(s)”; do assédio que passa a sofrer, já na adolescência, por parte de seu proprietário, nunca tendo se submetido sexualmente a nenhum deles; da tentativa – que resultou vã – de escapar do cativeiro por meio de uma relação afetiva com um advogado branco; da fuga exitosa e dos sete anos em que viveu escondida na casa de sua avó materna, para poder ficar perto da filha e do filho.

### 2.1 Harriet A. Jacobs: vida e obra

Harriet Ann Jacobs é um nome que faz parte da história das mulheres negras da escravidão estadunidense. Reconhecida pelos movimentos feministas e abolicionistas como a primeira mulher negra que escreveu sua própria história, Harriet Jacob publicou seu texto originalmente sob o pseudônimo de Linda Brent (YELLIN, 2004). Sua obra ficou por muito tempo conhecida como fictícia até a pesquisa realizada por Jean Fagan Yellin. Ao investigar, durante seu doutorado, a vida de Jacobs, Yellin tentou provar que *Incidents in the Life of a Slave Girl* era uma autobiografia e se referia a uma história verídica, após encontrar alguns indícios de sua hipótese. Yellin dedicou mais de vinte anos a provar que Linda Brent e Harriet Jacobs eram a mesma pessoa, que Harriet Jacobs existiu e *Incidents* era uma autobiografia da escravidão.

Logo no prefácio de *Incidents*, L. Maria Child, a organizadora da obra, afirma que apenas reviu o original, estabelecendo apenas algumas modificações com o objetivo de condensar o texto ou organizá-lo logicamente. Partindo desse dado, um dos primeiros questionamentos de Yellin sobre *Incidents* seria: como foi possível para uma mulher, na condição em que vivia Jacobs, escrever sua própria história? Uma mulher negra em condição

de escravidão teria acesso a recursos linguísticos para uma escrita tão rebuscada, como o texto de Harriet Jacobs? Onde essa mulher teria adquirido essa educação, em pleno século XIX, e o domínio da norma culta da língua inglesa, em meio à escravidão? Seria verdade o que L. Maria Child declarava sobre a veracidade da autoria? Partindo dessas dúvidas, Yellin conseguiu, após intensas pesquisas, provar a veracidade da autoria de Harriet e o reconhecimento da obra não mais como um romance, mas como uma autobiografia (YELLIN, 2004).

Yellin (2004) partiu do ponto em que L. Maria Child declarava no prefácio da edição que o texto fonte havia apenas sido revisado; que a forma da escrita, os recursos sintáticos e as figuras de linguagem haviam sido escolhidos pela própria autora; que as modificações do original, feitas por ela, tinham apenas o intuito de condensar e organizar logicamente a narrativa. Conforme Child no trecho abaixo:

A seu pedido, revisei seu manuscrito, mas as mudanças que fiz foram principalmente com o propósito de condensação e disposição lógica. Não adicionei nada aos incidentes ou alterei o conteúdo de suas observações muito pertinentes. Com insignificantes exceções, as idéias e a linguagem são dela. Pudei um pouco os excessos, porém as idéias e a linguagem são dela, mas, fora isso, não havia motivos para mudar sua maneira viva e dramática de contar sua própria história. Os nomes de pessoas e lugares são conhecidos por mim, porém por boas razões os suprimi. Surpreenderá, naturalmente, que uma mulher criada na escravidão possa escrever tão bem. Mas as circunstâncias vão explicar isso.(JACOBS [1861]/2009, p. 3-4, tradução minha).<sup>3</sup>

Harriet Ann Jacobs nasceu ‘escravizada’ em 11 de fevereiro de 1813. Foi criada pela mãe e pelo pai, sem consciência da sua condição de cativo na infância. Depois da morte de sua mãe, passou a conviver mais com sua ‘dona’, permanecendo mais tempo em sua companhia e auxiliando-a em pequenas tarefas. Nesse período, ela teve uma oportunidade rara entre as mulheres escravizadas: foi alfabetizada pela sua “dona”.

Em primeiro lugar, a natureza a dotou de percepções rápidas. Em segundo lugar, a “dona”, com quem viveu até aos doze anos, foi uma amiga amável e atenciosa, que lhe ensinou a ler e escrever. Em terceiro lugar, ela foi colocada em circunstâncias favoráveis, depois que chegou ao Norte, relacionando-se frequentemente com pessoas inteligentes, que sentiram um interesse amigável

---

<sup>3</sup> “At her request, I have revised her manuscript; but such changes as I have made have been mainly for purposes of condensation and orderly arrangement. I have not added any thing to the incidents, or changed the import of her very pertinent remarks. With trifling exceptions, both the ideas and the language are her own. I pruned excrescences a little, but otherwise I had no reason for changing her lively and dramatic way of telling her own story. The names of both persons and places are known to me; but for good reasons I suppress them. It will naturally excite surprise that a woman reared in Slavery should be able to write so well. But circumstances will explain this.” (JACOBS [1861]/2009, p.3-4).

em seu bem-estar e estavam dispostas a dar-lhe oportunidades de autoaperfeiçoamento. (JACOBS [1861]/2009, p. 3-4, tradução minha).<sup>4</sup>

Na passagem acima, L. Maria Child reconhece que Harriet era uma pessoa inteligente, que aprendia rapidamente. Harriet teve uma adolescência bastante conturbada; escapou por diversas vezes de ser estuprada pelo seu “dono”, que a mantinha escravizada. Entretanto, em 1830, já adulta, fugiu da escravidão. Após conseguir fugir para os estados do Norte sem os filhos, Harriet viveu o medo de ser capturada novamente e a necessidade de juntar dinheiro para tentar comprar sua liberdade e a de suas crianças, Matilda e Benjamim. Depois de conseguir trabalho em uma família inglesa como babá, Harriet, vivendo à época em Nova York, pode estabelecer contato com sua filha Matilda, que vivia como uma criada em uma família do Sul na cidade.

O antigo ‘dono’ de Harriet empreendeu diversas viagens com a intenção de recapturá-la; enviava cartas com a assinatura de familiares, exigindo o retorno dela ao seu lar como escravizada, com a promessa de que não seria maltratada caso resolvesse atender a esse chamado. O filho de Harriet, Benjamin, foi enviado à New York para ficar em sua companhia. Harriet colocou-o, então, em uma escola como aprendiz; Matilda, que também fora enviada à New York, foi matriculada em uma escola para se alfabetizar, ficando sob a responsabilidade de uma amiga.

Depois de um tempo afastada, Harriet é novamente admitida como babá naquela família inglesa. O seu patrão havia se casado com uma aristocrata americana contrária à escravidão e que se tornou uma grande amiga e defensora de Harriet, permitindo que ela fugisse mais de uma vez com seu bebê, disfarçada de ama, escondendo-a na casa de amigos, para evitar que fosse recapturada e levada novamente ao Sul. Assim, após o falecimento da esposa de seu patrão, Harriet embarcou para a Inglaterra, com a finalidade de conseguir economizar mais dinheiro para a educação de sua filha e seu filho. Ao retornar, descobriu que seu filho havia sido reconhecido como descendente de negros, sendo, assim, bastante hostilizado na escola.

---

<sup>4</sup>“In the first place, nature endowed her with quick perceptions. Secondly, the mistress, with whom she lived till she was twelve years old, was a kind, considerate friend, who taught her to read and spell. Thirdly, she was placed in favorable circumstances after she came to the North; having frequent intercourse with intelligent persons, who felt a friendly interest in her welfare, and were disposed to give her opportunities for self-improvement.” (JACOBS [1861]/2009, p. 3-4).

Por conta disso, ele resolveu embarcar em um navio para caçar baleias, o que deixou sua mãe muito preocupada.

Ainda no período em que trabalhava com a família inglesa, Harriet começou a escrever. Foi atuante no movimento abolicionista dos Estados Unidos e tornou-se amiga de outras mulheres envolvidas com a luta pelo fim da escravidão, como Amy Post, mencionada como uma amiga próxima diversas vezes em *Incidents* e com a qual Jacobs trocava correspondências. Amy Post foi também uma das pessoas que mais encorajou Harriet a escrever suas memórias.

Durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, Harriet retornou ao Sul; trabalhou como assistente e advogada em benefício de pessoas negras refugiadas, por meio das linhas da *Union* em Alexandria, mais tarde, em Savannah, contando sua história na imprensa do Norte. Quando a violência racista tomou conta do Sul, refugiou-se em Massachusetts e, posteriormente, em Washington, D. C., onde faleceu em 1987.

Apresento, a seguir, um breve recorte histórico do século XIX, o momento em que a obra foi publicada por Harriet nos EUA e como estava a situação da mulher negra nesse mesmo período no Brasil Império. Em contraste com a nossa época atual, justifico novamente a relevância do presente projeto de (re)tradução.

## 2.2 Recorte histórico e relevância da (re)tradução de *Incidents* no Brasil

É de amplo conhecimento na literatura acadêmica que as vozes das mulheres negras foram silenciadas, assim permanecendo muitas das vezes; além do mais, essas mulheres normalmente são oriundas de uma realidade em que seu corpo é duplamente objetificado. Essa questão se manifestou também na literatura, em que eram representadas como o Outro. Os textos escritos por elas somente começaram a ser descobertos no fim do século XX e começo do século XXI. Entretanto, essas mulheres já escreviam desde o século XVIII, como evidenciado pela história de Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz, autora de “Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas” (s/d), considerado um dos mais antigos livros escritos por uma mulher negra na história do Brasil. No século XIX, Maria Firmina dos Reis escreveu o romance *Úrsula*, em 1859; *Gupeva*, em 1861/1862; poemas em “Parnaso maranhense”, no ano de 1861; *A escrava*, um conto que data de 1887 e foi publicado em “A Revista Maranhense”, n. 3, além dos “Cantos à beira-mar”, em 1871, e o “Hino da libertação dos escravos”, em 1888.

Destaco ainda outro texto do fim do século XVIII, escrito por Esperança Garcia, uma mulher escravizada que dirigiu ao governador da Província do Piauí uma carta datada de 6 de setembro de 1770. Trata-se de “inusitada reclamação”, como explica Souza:

A ‘Carta’ de 6 de setembro de 1770, da escrava Esperança Garcia, foi endereçada ao Governador da Província do Piauí (MOTT, 1985, 2010), uma ‘inusitada reclamação’ (MOURA, 2004) por se tratar de uma escrava que se dirige à principal autoridade do Piauí colonial setecentista. A ‘Carta’ é certamente um dos registros escritos mais antigos da escravidão no Brasil, escrito pelo próprio escravo negro, no nosso caso uma mulher negra e cativa, Esperança Garcia, o que confere à narrativa epistolar em estudo o status de uma escritura da gênese literária afro-brasileira. (SOUZA, 2015, p. 143).

Esperança Garcia foi autora de um dos registros mais antigos do Brasil colonial. Hoje, sua carta vem sendo reivindicada pela Comissão da Verdade da Escravidão da OAB-PI como a mais antiga petição escrita por uma mulher no Brasil e tem o intuito de “mostrar que ainda no ordenamento jurídico vigente, a carta escrita por Esperança Garcia era um habeas corpus, um grito de socorro que trouxe esperança para os escravos piauienses”, conforme o presidente da OAB, Chico Lucas (OAB-PI, 2016)<sup>5</sup>.

Já no século XX, é importante destacar a autora Maria Carolina de Jesus, com seus livros “Quarto de Despejo” (1960), “Casa de Alvenaria” (1961), “Pedacos de Fome” (1962), “Provérbios” (1963) e publicações póstumas como “Diário de Biotita” (1982), “Meu Estranho Diário” (1996), “Antologia Pessoal” (1996) e “Onde estaes Felicidade” (2014). A escritora traz sua marca na escrita autobiográfica, assim como uma erudição em seus poemas e narrativas. É possível reconhecer na sua escrita um diálogo constante com a realidade, autores reconhecidos, críticas sociais e políticas e questionamentos a respeito do lugar de fala e sobre o lugar em que vive com sua família.

Existe uma lacuna na história da escravidão negra, pois há poucos escritos de pessoas escravizadas ou ex-escravas, principalmente no que se refere a mulheres negras brasileiras. Nossa história Negra foi contada pelo Outro e não por nós. Grande parte da história das mulheres negras escravizadas é oriunda dos Estados Unidos, chegando até nós pela literatura e pelo cinema. Nesse sentido, a voz da mulher negra brasileira é muito importante para ser possível desmistificar o mito da democracia racial, que romantizou o estupro e as opressões das sujeitas negras, conforme, por exemplo, Gilberto Freyre em “Casa Grande & Senzala”. Como

---

<sup>5</sup> OAB Piauí. Projeto Esperança Garcia é apresentado pela Comissão da OAB-PI. Disponível em: <<http://www.oabpi.org.br/acervo/pagina/1926>>. Acesso em: 28 out. 2017.

ainda foram encontrados, até o momento, poucos escritos no Brasil sobre o outro lado, o da mulher escravizada, *Incidents* pretende mostrar a voz da sujeita negra subalternizada, em cativeiro, que luta pela liberdade – a sua e a de outros escravos negros –, que luta contra o estupro e contra a opressão do seu “dono”. Desse modo, concordo com o que defende Tatiana Nascimento dos Santos, quando diz:

E quando a produção teórica feminista depende tanto da tradução como uma de suas garantidoras, se não surgem questionamentos sobre quem tem sido mais traduzida e quem tem sido menos, e as relações que isso tem com o racismo, então tudo fica mais ou menos o mesmo: branco. [...] Por enquanto, vou me ater a um caso específico de tradução como silenciamento racial. (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2014, p. 39).

Na passagem acima, Tatiana Santos aponta a existência de um silenciamento racial quanto à questão da tradução. Esse silenciamento racial é o que define quem será traduzida, quem faz parte do cânone e quem não é aceita; quem, por não se encaixar no padrão branco, é invisibilizada. É importante destacar que a primeira tradução de *Incidents* surgiu em âmbito comercial por um tradutor masculino. Até agora, em minha pesquisa, os indícios levam a crer que se trata de um homem branco. Na minha (re)tradução feminista de *Incidents*, além de o texto escolhido ser da autoria de uma mulher negra, a tradutora também é identificada como negra, apresentando esse ponto de partida como viés norteador da tradução, o que tem por intuito tornar não somente o feminino visível nas escolhas lexicais e semânticas, mas também a voz amefricana (GONZALES, 1988). A tradução assume, assim, um papel de denúncia e inconformismo frente a escassez de textos históricos traduzidos de/por mulheres negras.

Outro fato importante é que ainda não temos um banco de dados ou uma pesquisa que tenha documentado os textos do gênero “narrativa de escravos” no Brasil. Na atualidade, há dois pesquisadores dos EUA que estão realizando esse levantamento em nosso país, Alida Bakusis e Robert Krueger, da Universidade de Iowa. Desde 2010, Bakusis e Krueger estão elaborando um arquivo dos nossos escritos raros e “devem lançar no futuro próximo a primeira “Antologia Escrava do Brasil”, reunindo raros contos em primeira pessoa e relatos sobre mais de 100 escravos que viveram por aqui até 1888, quando a Lei Áurea pôs fim à escravidão” (VIEIRA, 2016, n/p). Os dois pesquisadores também justificam que, devido à questão de a maioria das pessoas escravizadas não terem sido letradas, os textos dessa época estariam escritos em terceira pessoa. Esse fato diferencia fortemente o contexto brasileiro do estadunidense, em que os próprios escravos tinham condições de escrever seus textos. No dia 5 de setembro de 2018, Robert Krueger esteve na UnB, apresentando uma palestra no Instituto

de Letras (IL/UnB) intitulada “Os Escravos nas Suas Próprias Palavras: Narrativas e Textos Escritos e Ditos por Escravos Brasileiros”. Na ocasião, afirmou que ainda não há uma previsão exata de quando terminaria o banco de arquivos, organizado juntamente com uma equipe de historiadores/as e outros/as estudiosos/as da temática. Krueger também alertou, em sua palestra na UnB, a existência de dois contextos que influenciaram diretamente na quantidade de textos escritos produzidos nos dois países. O pesquisador afirmou que as pessoas escravizadas nos EUA, por terem sofrido um tipo diferente de colonização e por conta também de uma religião dos/as colonizadores/as das colônias inglesas de maioria protestante, foi possível se encontrar mais sujeitos/as escravizados/as que sabiam ler e escrever nos EUA, já que a bíblia era o instrumento de evangelização dos/as protestantes. No Brasil, em contraste, o catolicismo não priorizava a leitura da bíblia, possuindo uma dominação ideológica sem se importar com a leitura dos textos bíblicos. Outrossim, havia diferenças econômicas, ideológicas e culturais entre os estados do Sul e do Norte dos EUA, que possibilitaram que mais pessoas negras escravizadas – ou não – tivessem acesso à alfabetização.

### **O vento bate...**

Sentada aqui na parada de ônibus  
vejo uma mulher  
ela tem a cor da dor  
deitada na rede  
exalando odores de horror  
de quem não toma banho há dias  
mijo, sujeira, abandono, tristeza  
solidão, desprezo...

### **E o vento bate...**

Esta é Teresina  
capital do estado conhecido  
como o mais pobre do Brasil.  
Quantos mendigos tem por aqui?  
Nem ideia  
só sei que a fome deve doer  
e como...

Fome de tudo  
fome de comida  
fome de lar  
fome de educação  
fome de dignidade  
fome de amor..  
Quanta fome!  
Quanta gente passa fome...

### **E o vento bate....**

#### **O odor vem...**

O vento trás  
o vento leva  
tudo é do tempo  
tudo é do vento

Quero sair daqui  
mas não importa onde eu vá  
América, Ásia, África...  
Sei que vou voltar  
porque aqui por mais que eu fuja  
sempre será o meu lugar...

### **E o vento bate...**

Luciene Rêgo  
19/07/2014

### 2.3 Contexto histórico e importância de *Incidents* nos EUA

Assim como no Brasil, os Estados Unidos também tiveram seus textos literários fundadores escritos por mulheres negras. Uma notável diferença é que nos EUA há uma maior predominância de mulheres negras escrevendo desde o século XVIII e XIX do que em nosso país, conforme defendido por Robert Krueger (2018). Entre elas, está a poetisa Phillis Wheatley (1753-1784), que publicou a obra *“Poems on Various Subjects”* (“Poemas sobre Vários Assuntos”), em 1773, três anos antes da declaração da Independência dos Estados Unidos. Segundo Arantes (2015, n/p), Wheatley foi a primeira afro-americana a publicar um livro e a “conquistar uma reputação internacional como escritora”.

De acordo com Tonia Bolden (2000), ainda se destacam, nos Estados Unidos, as escritoras Lucy Terry, com o poema *“Bars Fight”*, escrito em 1746; Octavia V. Rogers Albert, com o livro *“The House of Bondage”: or, “Charlotte Brooks and Other Slaves”*, publicado em 1890; o livro *“Memoir of Old Elizabeth, A Coloured Woman”*, de autoria desconhecida, ditado por Old Elizabeth e publicado em 1863 na Philadelphia; Eloise Bibb, com *“Poems”*, de 1895; Hallie Q. Brown, com *“Bits and Odds: A Choice Selection of Recitations”*, em 1900, e *“First Lessons in Public Speaking”*, de 1920.

Conforme o dossiê *“Documenting the American South”* (2017), houve ainda, em 1861, a publicação de *“Louisa Picquet, the Octoroon: or Inside Views of Southern Domestic Life”*. Trata-se de narrativa ditada pela autora e escrita por Hiram Mattison, um pastor abolicionista, em maio de 1860. Quanto a essa obra, percebo que não foi Piquet quem escreveu sua própria história. Reconheço o valor histórico da narrativa e seu caráter de denúncia à exploração sexual, em que há o relato das diferentes nuances da vida doméstica de uma mulher negra escravizada. No entanto, a escrita não é em primeira pessoa, como o livro de Harriet Jacob. No excerto abaixo, há uma descrição de Piquet & Mattison (1961) sobre Louise Piquet:

LOUISA PICQUET, a sujeita da seguinte narrativa, nasceu em Columbia, Carolina do Sul, e aparentemente tem cerca de trinta e três anos de idade. Ela está um pouco acima da altura média, tem um jeito tranquilo e gracioso, tez clara e bochechas rosadas, olhos escuros, cabelos soltos, sem inclinação perceptível para encaracolar. Tem aparência, à primeira vista, de uma “dona” branca bem sucedida [...] Mas, apesar da cor clara e do comportamento refinado da “dona” Picquet, ela é de descendência africana do lado materno – **uma octoroon ‘alguém que tem um oitavo de sangue negro’ ou oitavo sangue** – e, conseqüentemente, um dos quatro milhões nesta terra de Bíblias, igrejas e ministérios e “liberdade”, os quais “não têm direitos que os homens brancos tenham obrigação de respeitar”. A história de seus erros e sofrimentos será recitada, em grande parte, em sua própria língua, como se fosse retirada

de seus lábios pelo escritor, em Buffalo, N.Y., em maio de 1860. (PIQUET; MATTISON, 1861, tradução minha, grifos meus)<sup>6</sup>.

Reconheço a importância dessa narrativa para a história dos EUA e do ativismo de mulheres como Harriet Tubman e Sojourner Truth. A primeira recebeu o nome Araminta Ross, ao nascer, em 1820, numa fazenda do condado de Dorchester, no estado de Maryland. Após sua segunda fuga em 1849, mudou seu nome para Harriet Tubman e passou a trabalhar com os abolicionistas Thomas Garett e Frederick Douglass. Ajudou a resgatar sua família utilizando conexões da “*Underground Railroad*” e, em 1861, trabalhou como cozinheira, patrulheira armada e espiã na Guerra Civil. Liderou um ataque que libertou mais de setecentos escravos. Em 1898, envolveu-se na luta pelo sufrágio feminino, discursando em Boston, New York e Washington a favor do voto feminino.

A segunda, Sojourner Truth, nascida Isabela Baumfree, em Swartekill, New York, também foi uma abolicionista afroamericana e ativista dos direitos das mulheres. Tornou-se uma oradora famosa com seu célebre discurso “*Ain't I a Woman?*”; atuou na defesa do abolicionismo e dos direitos das mulheres. Após mudar-se para Florence, Massachusetts, trabalhou com Olive Gilbert e W. Frances na produção de sua autobiografia intitulada “*Sojourner Truth's Narrative and Book of Life*”, publicada em 1875.

Já no século XIX, começaram a surgir traduções empreendidas por mulheres abolicionistas; são trabalhos que se configuram como importante arma de embate na luta antiescravagista. Por meio das traduções, era possível se conhecer a voz dessas mulheres, que possuíam um posicionamento político e eram ativas na luta abolicionista. Assim afirma Simon (1996), a seguir, sobre o papel das traduções empreendidas por essas mulheres no século XIX:

A tradução foi importante para as redes de solidariedade formadas em torno das causas progressivas dos séculos XVIII e XIX. O movimento anti-escravagista foi um dos mais importantes e as mulheres representaram uma parte fundamental. Nos Estados Unidos, havia uma relação de proximidade entre os abolicionistas e a luta pelos direitos das mulheres, uma vez que

---

<sup>6</sup> “LOUISA PICQUET, the subject of the following narrative, was born in Columbia, South Carolina, and is apparently about thirty-three years of age. She is a little above the medium height, easy and graceful in her manners, of fair complexion and rosy cheeks, with dark eyes, a flowing head of hair with no perceptible inclination to curl, and every appearance, at first view, of an accomplished white lady.[...] But, notwithstanding the fair complexion and lady-like bearing of Mrs. Picquet, she is of African descent on her mother's side--an octoroon, or eighth blood--and, consequently, one of the four millions in this land of Bibles, and churches, and ministers, and "liberty," who "have no rights that white men are bound to respect."The story of her wrongs and sorrows will be recited, to a large extent, in her own language, as taken from her lips by the writer, in Buffalo, N. Y., in May, 1860.” (PIQUET; MATTISON, 1861).

algumas das mulheres abolicionistas mais ativas viam a luta pela igualdade como algo que se aplica a todas as escalas da condição humana. (SIMON, 1996, p. 58-59, tradução minha).<sup>7</sup>

Como é possível observarmos no excerto acima, a tradução também se constituiu como um elo importante na luta das mulheres abolicionistas. A tradutora e autora inglesa Aphra Behn, do século XVII, mencionada por Simon (1996), foi redescoberta no século XX pelas abolicionistas por conta da sua obra intitulada “*Oroonoko*”; muito popular em sua tradução para a língua francesa, ela é considerada o primeiro testemunho abolicionista da literatura inglesa (SIMON, 1996). Nesse sentido, a tradução, de um modo geral, é vista como uma prática que vai além do âmbito da linguística, perpassando história, a cultura, a semiótica e outras áreas afins.

Neste trabalho, chamo a atenção para as mulheres negras que não tiveram, por muito tempo, o direito de exprimir suas opiniões, sua história e sua vivência. Para os feminismos – que serão enumerados e discutidos no próximo capítulo –, sobretudo o feminismo negro, a tradução tem o papel de trazer à tona a história dessas mulheres e de suas lutas, ressignificando seus papéis dentro da sociedade patriarcal, misógina e racista. Traduzir Harriet com o viés do feminismo negro é, a meu ver, necessário para que mais mulheres tenham conhecimento da história de luta e resistência, vivenciada por ela no século XIX. Segundo Yellin (2004), Harriet teria sido:

A única mulher que eu conheço que foi mantida na escravidão, que esteve como fugitiva, tanto no Sul como no Norte, ativista antiescravista que escreveu e publicou sua própria história e, depois, durante a Guerra Civil, retornou ao sul para trabalhar com as/os negras/os refugiadas/os da Union Lines e reportar o que viu à imprensa nortista (YELLIN, 2004, p. 15, tradução minha).<sup>8</sup>

Harriet é a representação dessa mulher e foi a primeira a ter sua voz apresentada de forma escrita nos EUA, como afirma Yellin a respeito da autora, demonstrando sua relevância como a primeira autora negra dos Estados Unidos a escrever e publicar sua própria história.

---

<sup>7</sup> “Translation was important to the networks of solidarity formed around progressive causes in the eighteenth and nineteenth centuries. One of the most important of these was the anti-slavery movement, in which woman played an important part. In the United States, there was a close relationship between abolitionism and the fight for women’s rights in that some of the most active women abolitionists saw the fight for equality as applying to all ranges of the human condition.” (SIMON, 1996, p. 58-59).

<sup>8</sup> “She is the only woman I know of who was held in slavery, who was a fugitive both in the South and in the North, an antislavery activist who wrote and published her life story and then, during the Civil War, went back to work with the black refugees behind the Union lines and report what she saw in the northern press.” (YELLIN, 2004, p. 15).

A seguir, exponho pontos específicos sobre os paratextos editoriais de *Incidents* nos EUA e Brasil e algumas questões sobre o movimento feminista e o feminismo negro.

## 2.4 Paratextos editoriais de *incidents* nos EUA e no Brasil

Para este estudo, trabalhei com a terceira edição de “*Incidents in the life of a Slave girl: written by herself*” (2009), publicada pela primeira vez em 1987, pela Harvard University Press, e sua respectiva tradução para a Língua Portuguesa por Waltensir Dutra, intitulada “*Incidentes da vida de uma escrava contados por ela mesma*”, publicada em 1988, pela Editora Campus. As duas edições da obra em questão trazem a folha de rosto da publicação original como paratexto, na parte inicial, antes do prefácio da autora.

Quadro 2 - Capas das Edições de *Incidents*



De acordo com Genette (2009), o paratexto apresenta-se como

O reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que o cercam e o prolongam. (GENETTE, 2009. P. 9).

O conjunto de reforços e acompanhamentos podem ser considerados paratextos. Dessa forma, selecionei para este estudo os elementos paratextuais que compõem as duas edições estudadas, já que não tive acesso à edição original, de 1861. Primeiramente, constato que a edição da *Harvard University Press* (1987) e a edição brasileira da Editora Campus (1988)

apontam no título uma indicação genérica oriunda do texto fonte, publicado em 1861 com o subtítulo: “*written by herself*”, o qual foi traduzido por Dutra como “contados por ela mesma”. Essa frase tem o efeito de demonstrar a/o leitor/a que o livro é uma narrativa autobiográfica, função reconhecida por Genette (2009, p. 88) como indicação genérica, que se configura como “um anexo ao título, mais ou menos facultativa, e mais ou menos autônoma, conforme as épocas ou os gêneros, e por definição temática, pois se destina a dar a conhecer o estatuto genérico intencional da obra que segue”.

Marie-Hélène Torres (2011) assume uma abordagem baseada em Genette (2009) sobre os elementos paratextuais. Destarte, para estudar os paratextos e discursos de acompanhamento na pesquisa realizada, adotei o método de Marie-Hélène Catherine Torres (2011, p.19), dividindo a análise do paratexto em duas etapas: “primeiramente as capas, contracapas, página de rosto [...] – o que nomeamos de aspectos ou índices morfológicos e logo depois, as introduções, advertências, os prefácios e posfácios, ou seja, o discurso de acompanhamento”.

Esse conjunto, em sua totalidade, viabiliza uma interpretação mais completa e provida de outros aspectos subjetivos. Nos quadros abaixo, seleciono alguns desses elementos para uma organização mais detalhada e análise da obra em questão, comparando a edição em inglês com sua tradução para o português, organizando também os elementos que observo em minha pesquisa. Divido o objeto em duas partes: externas e internas (cf. AVILA, 2011):

Quadro 3 - Partes externas para análise.

<b>Partes externas</b>		
<b>Título</b>	<i>Incidents in the life of a Slave girl: written by herself</i>	<i>Incidentes na vida de uma escrava: contados por ela mesma</i>
<b>Autor/a (Localização do nome)</b>	Harriet Jacobs (O da autora nome vem antes do título em destaque).	Harriet A. Jacobs (O nome está situado após o título)
<b>Tradutor/a</b>		Waltensir Dutra (Consta o nome somente na folha de rosto)
<b>Editora</b>	Harvard University Press	Editores Campus
<b>Ano de publicação</b>	[1987] / 3ª ed. 2009	1988

<p><b>Capa</b> É o “rosto do livro”. A capa deve conter na parte central o nome do autor, o título e o subtítulo. A capa pode ser de diversos materiais, como papel, cartolina, couro ou plástico. A elaboração da capa fica a critério do editor.</p>	<p>Imagem do rosto de uma senhora negra de pele clara, com um semblante simpático.</p>	<p>Imagem de uma senhora afrodescendente de pele clara sentada, com o semblante simpático.</p>
<p><b>Contracapa</b> É a capa de trás do livro. Também é chamada de quarta capa.</p>	<p>Apresenta um resumo da obra, seguido de uma nota do jornal New York Times e uma minibiografia da autora da introdução do livro.</p>	<p>Traz um resumo da obra traduzida para o português, seguido de uma nota do jornal New York Times e uma minibiografia da autora da introdução do livro.</p>
<p><b>Orelhas</b> Contêm dados biográficos do autor ou comentários da obra.</p>	<p>Não possui</p>	<p>Traz um resumo da biografia da autora e da obra.</p>
<p><b>Lombada ou dorso</b> É a parte que une as folhas do livro, onde se encontra a costura. Fica no lado externo do livro.</p>	<p>Traz o nome e sobrenome da autora; o título (abaixo), seguido de uma referência à edição; uma pequena foto da autora; a logomarca e o nome da editora.</p>	<p>Traz o nome e sobrenome da autora; o título (ao lado) e a logomarca da editora.</p>

Quadro3. Partes internas para análise.

<b>Partes internas</b>		
<b>Título</b>	<i>“Incidents in the life of a Slave girl: written by herself”</i>	“Incidentes na vida de uma escrava: contados por ela mesma”
<b>Falsa folha de rosto</b>	Contém.	Não contém.
<b>Folha de rosto</b> É a capa de dentro do livro.	Contém: nome da autora; título; nome da revisora do texto fonte; número da edição; local da publicação do livro; editora; ano da publicação.	Contém: nome da autora; título; nome da revisora do texto fonte; nome do tradutor; número da edição; local da publicação do livro; editora; ano da publicação.
<b>Verso da folha de rosto</b> Contém os dados complementares da obra.	Contém: títulos da série e número do volume; título original da obra; direitos do autor; relação de colaboradores; relação de edições e reimpressões anteriores, com os respectivos editores e datas; nome da editora; ficha catalográfica.	Contém: número do volume; título original da obra; direitos do autor; relação de colaboradores; relação de edições e reimpressões anteriores, com os respectivos editores e datas; nome e endereço da editora; ficha catalográfica.
<b>Agradecimentos</b> Folha opcional em que o autor indica o eventual apoio recebido na elaboração do livro.	Não possui uma folha extra de agradecimentos.	Não possui uma folha extra de agradecimentos.
<b>Prefácio</b> Texto de esclarecimento, justificação, comentário ou apresentação, escrito pelo autor ou por outra pessoa.	Contém um prefácio de Jean Fagan Yellin, um da autora do livro e um da organizadora	Contém um prefácio de Jean Fagan Yellin, um da autora do livro e um da organizadora
<b>Miolo do livro</b> Conjunto de folhas, reunidas em cadernos que formam o corpo do livro em que é exposto o conteúdo.	Contém 156 páginas de texto fonte, em língua inglesa, sem incluir as cartas; textos extras, imagens e anexos.	Contém 156 páginas do texto fonte, em língua portuguesa, sem incluir as cartas; textos extras, imagens e anexos.

<p><b>Posfácio</b> Matéria informativa ou explicativa posterior à elaboração do texto.</p>	<p>Contém um posfácio escrito por George W. Lowther.</p>	<p>Contém um posfácio (traduzido) escrito por George W. Lowther.</p>
<p><b>Anexos</b> Documentos, nem sempre do próprio autor, que servem de fundamentação, comprovação ou ilustração.</p>	<p>Contém vários anexos como: ilustrações, fotos, correspondências, notas, abreviaturas, agradecimentos, além da autobiografia do irmão de Harriet Jacobs, John S. Jacobs (27 páginas), publicada originalmente em 2008, na obra intitulada: “<i>The Harriet Jacobs Family Papers</i>”.</p>	<p>Contém vários anexos intitulados como: ilustrações, abreviaturas, cronologia, correspondência, notas, agradecimentos traduzidos. Não contém a autobiografia do irmão de Harriet Jacobs, John S. Jacobs (27 páginas).</p>
<p><b>Índice</b> Lista alfabética de autores e/ou assuntos e/ou nomes geográficos, por exemplo, contidos na obra, com indicação das páginas em que são encontrados. O índice pode ser também cronológico.</p>	<p>Contém índice.</p>	<p>Não contém índice.</p>
<p><b>Notas</b> Têm a finalidade de prestar esclarecimentos ou inserir no trabalho considerações complementares.</p>	<p>Contém notas ao fim do livro, separadas por capítulo e numericamente.</p>	<p>Contém notas traduzidas ao fim do livro, separadas por capítulo e numericamente</p>

A análise dos paratextos da obra escolhida, as partes externas e internas do livro, me possibilitou uma visão detalhada da obra a fim de selecionar as partes mais importantes que pudessem dialogar com a minha pesquisa. A seguir, apresento noções teóricas sobre o(s) feminismo(s) e o feminismo negro e a tradução feminista (negra).

### 3 **MOVIMENTO FEMINISTA: HISTÓRIA DO MOVIMENTO NOS EUA E BRASIL**

A história do feminismo como movimento tem início no período da Revolução Francesa, quando as mulheres passaram a se organizar na luta pelos seus direitos. Entretanto, para este estudo, eu irei focar no feminismo dos Estados Unidos e em algumas de suas classificações, concentrando-me principalmente no feminismo negro.

#### 3.1 **A situação das Mulheres nos Estados Unidos e no Brasil do século XIX**

O movimento sufragista feminino teve como marco oficial a Convenção de Seneca Falls, realizada no ano de 1848, unindo-se posteriormente ao movimento abolicionista nos Estados Unidos. A luta pelo fim da escravidão levou mulheres brancas a se unirem à causa abolicionista nos EUA. A conscientização da submissão do negro trouxe uma reflexão sobre sua própria condição. Muitas vezes a condição da mulher era comparada à condição da pessoa escravizada. As mulheres – pertencentes, em sua maioria, à classe média – que reivindicavam o sufrágio feminino uniram-se ao movimento abolicionista negro, dominado à época pelos homens negros (ALVES; PITANGUY, 1985).

De acordo com Davis (2016), nos Estados Unidos do século XIX, foram inúmeras as contribuições das mulheres ao movimento abolicionista e ao sufragismo feminino. Porém, as figuras que apareceram como líderes desses movimentos eram mulheres brancas da classe média. Essas mulheres não deram muita atenção aos direitos das operárias, que sobreviviam a longas jornadas de trabalhos com baixos salários:

A julgar pelas lutas das operárias brancas – a defesa incansável de sua dignidade enquanto trabalhadoras e enquanto mulheres, a contestação consciente ou subjacente da ideologia sexista da feminilidade –, elas mais do que mereciam o direito de serem enaltecidas como precursoras do movimento de mulheres. Mas seu pioneirismo foi totalmente ignorado pelas líderes do novo movimento, que não compreendiam que as trabalhadoras vivenciavam e desafiavam a supremacia masculina de um modo particular. (DAVIS, 2016, p. 66).

A julgar pelo excerto acima, as mulheres brancas operárias não tiveram um grande reconhecimento da participação das mulheres negras no movimento feminino. Na Convenção de Seneca Falls, não foram somente as mulheres brancas que ficaram sem destaque, mas as mulheres negras foram ignoradas, já que sua participação não consta nos documentos oficiais.

De acordo com Davis (2016, p. 67), “Embora pelo menos um homem negro tenha participado das conferências em Seneca Falls, não havia uma mulher negra na audiência. Nem os documentos fazem qualquer referência às mulheres negras”.

Entretanto, havia mulheres brancas que já haviam alertado as feministas sobre a exclusão das mulheres negras nas conferências e no movimento. As irmãs Grimké, em 1837, criticaram a Sociedade Antiescravagista Feminina de Nova Iorque por não incluírem as mulheres negras em seus eventos (DAVIS, 2016).

Antes das irmãs Grimké, porém, houve uma mulher que, em 1833, contestou a participação das mulheres negras nesses eventos; ela ministrava palestras públicas, e a questão tinha um grande destaque em sua oratória. Seu nome era Maria Stewart e ela era uma mulher negra. Consta em documentos que ela foi a primeira oradora dos Estados Unidos a se dirigir a plateias formadas por mulheres e homens (DAVIS, 2016).

Pouco tempo após a Convenção de Seneca Falls, em 1851, ocorreu a Convenção dos Direitos da Mulher, em Akron, Ohio. Nessa ocasião, Sojourner Truth levantou-se e questionou assua condição de mulher, reivindicando-a por se considerar uma pessoa, uma mulher que deu à luz a muitos filhos/as e carregou muito peso. Sojourner levantou-se para argumentar a favor das mulheres brancas que defendiam o direito a voto, expondo sua condição de mulher negra capaz de executar atividades consideradas como tipicamente masculinas, devido a sua condição de escravizada:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando travessarem um lamaçal e elas devem ocupar os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me ceder o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei juntei palha nos celeiros e nenhum homem conseguiu me superar! E não sou eu uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou eu uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou eu uma mulher? (RIBEIRO, 2017, p. 20).

O discurso de Sojourner foi proferido em resposta aos argumentos dos homens em frente a reivindicação das mulheres por direitos iguais na convenção de mulheres. De início, as mulheres que estavam à frente da convenção não quiseram ouvir a voz de Truth. Foi necessário que ela se levantasse e mostrasse seus seios em sinal de protesto, chamando a atenção de todos/as do evento para a sua condição de mulher escravizada e ao que essa condição acarretava

em termos de divisão de atividades do dia-a-dia, o que não fazia parte do cotidiano das mulheres brancas de classe média. Foi necessário a mulher negra gritar, para que o silenciamento fosse rompido, e ela pudesse ser ouvida (HALL, 2003).

No combate entre o Mesmo e o Diverso, a presença e a ação das pessoas vêm hodiernamente manifestar o papel irremediável do Outro. A Relação, complexa, árdua, imprevisível, é o lume fundamental às poéticas vindouras. O grito do mundo torna-se palavra. (GLISSANT, 1997a, p. 19).

Na relação existente dentro do movimento feminista e abolicionista, a mulher negra, na condição de “Outra da Outra”, precisava gritar para ser ouvida. No movimento feminista norte-americano do século XIX, parecia não haver espaço de voz para as mulheres negras, que sequer eram vistas como seres humanos. ‘Mulher’ denominava um grupo de mulheres brancas, sobretudo de classe média, que vivia em condições financeiras e sociais superiores às operárias.

O discurso “Não sou eu uma mulher?”, de Sojournert Truth, teve implicações ainda mais profundas, já que, ao que parece, também era uma resposta às atitudes racistas das mesmas mulheres brancas que posteriormente louvaram sua irmã negra. Não foram poucas as mulheres reunidas em Akron que inicialmente se opuseram às mulheres negras terem voz na convenção, e os opositores dos direitos das mulheres tentaram tirar vantagens desse racismo. (DAVIS, 2016, p.72).

Quando Sojourner Truth se levantou e perguntou se ela não era uma mulher, questionava a luta pela igualdade de direitos que incluía inclusive os homens negros, mas desconsiderava a mulher negra como pertencente à categoria ‘mulher’.

O Brasil também foi marcado pela luta das mulheres. No entanto, a reivindicação pelo sufrágio feminino se iniciou no Brasil tempos depois dos EUA. Somente no século XIX, ocorreram as primeiras manifestações do feminismo em nosso país, marcadas pela enunciação de mulheres como Nísia Floresta. Conforme observa Pinto (2009, p.85), “o fim do século XIX [...] foi caracterizado por reunir mulheres intelectuais que se manifestavam por meio de jornais, palestras, romances e peças de teatro”. Em 1919, Bertha Lutz fundou a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, que, mais tarde, em 1922, passou a ser denominada como Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, conhecida pela batalha em prol do voto feminino e do livre acesso das mulheres ao campo de trabalho (ALVES; PITANGUY, 1985). Em 1931, durante o governo Getúlio Vargas, o sufrágio feminino foi finalmente garantido em todo o país, juntamente com o direito das mulheres à candidatura (FAHS, 2016).

Na década de 1960, juntamente com a efervescência do movimento *hippie* na Califórnia, eclodiu na França a ocupação da Universidade de Sorbonne pelos/as estudantes, o que pôs “em

xeque a ordem acadêmica estabelecida há séculos; somou-se a isso, a própria desilusão com os partidos burocratizados da esquerda comunista” (PINTO, 2009, p.16). Os questionamentos dos/as estudantes acabaram se difundindo em todo o mundo, principalmente porque eles/as também se aliaram ao operariado. Houve nesse período o surgimento da pílula anticoncepcional, primeiramente nos Estados Unidos e em seguida na Alemanha, o que provocou grande liberação sexual.

Em meio a esta efervescência, Betty Friedan lança em 1963 o livro que seria uma espécie de ‘bíblia’ do novo feminismo: *A mística feminina*. Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. (PINTO, 2009, p. 16).

No Brasil, em 1960, durante o auge da Bossa Nova, ocorreu a renúncia do presidente Jânio Quadros, assumindo Jango em seu lugar a fim de evitar um golpe político. Houve a polarização de correntes políticas, já que, de um lado, estavam os/as estudantes, a esquerda partidária e o próprio governo e, do outro, os militares, sob a influência do governo norte-americano e da classe média. Em 1964, ocorreu o golpe militar no país, que, embora de início moderado, culminou, no ano de 1968, em uma ditadura militar rigorosa (PINTO, 2009). Nessa época, houve um abafamento das vozes da população, e as manifestações políticas foram terminantemente proibidas no Brasil, sendo punidas com tortura. Muitas pessoas que desafiavam o sistema foram presas e exiladas, além daquelas que desapareceram misteriosamente. Enquanto isso, nos Estados Unidos e na Europa, o cenário político propiciou intensas lutas libertárias, e muitas mulheres brasileiras exiladas integravam esses movimentos.

Em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os próximos dez anos como a década da mulher. No Brasil, aconteceu, naquele ano, uma semana de debates sob o título ““O papel e o comportamento da mulher na realidade” brasileira”, com o patrocínio do Centro de Informações da ONU. No mesmo ano, Terezinha Zerbini lançou o Movimento Feminino pela Anistia, que terá papel muito relevante na luta pela anistia, que ocorreu em 1979. (PINTO, 2009, p.17).

Já na metade da década de 1980, com a redemocratização do Brasil, as mulheres voltaram a ter ampla participação na política e nos movimentos sociais, na luta contra a violência, em defesa da sexualidade, do direito ao trabalho, da igualdade no casamento, do

direito à terra, direito à saúde materno-infantil, na luta contra o racismo (PINTO, 2009, p. 17). Os movimentos populares de mulheres que lutavam por melhores condições de vida – como educação, saneamento, habitação e saúde – ganharam força política, agregando mulheres oriundas das classes menos favorecidas. Esses movimentos sofriam uma forte influência da igreja católica. Vale destacar que uma das grandes vitórias do movimento feminista brasileiro foi a inclusão dos direitos das mulheres na Constituição de 1988, conhecida como “Constituição Cidadã”. Sobre esse processo, Pinto observa que:

Ainda na última década do século XX, o movimento sofreu, seguindo uma tendência mais geral, um processo de profissionalização, por meio da criação de Organizações Não-Governamentais (ONGs), focadas, principalmente, na intervenção junto ao Estado, a fim de aprovar medidas protetoras para as mulheres e de buscar espaços para a sua maior participação política. Uma das questões centrais dessa época era a luta contra a violência de que a mulher é vítima, principalmente a violência doméstica. Além das Delegacias Especiais da Mulher, espalhadas pelo país, a maior conquista foi a Lei Maria da Penha (Lei n. 11 340, de 7 de agosto de 2006), que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. (PINTO, 2009, p. 17).

Em meio a todas essas mudanças, as mulheres passaram a ter direitos iguais, sendo reconhecidas como cidadãs perante a lei. O movimento feminista constituído, sobretudo, pelas mulheres oriundas dos movimentos populares é o principal responsável pelos avanços nas leis para a proteção das mulheres e para a igualdade de direitos ao longo dos séculos, tanto no Brasil como nos EUA, apesar do sistema patriarcal que permeia a sociedade como um todo. As mulheres passaram de sujeitas invisibilizadas e desprovidas de direitos a detentoras do acesso à educação, ao trabalho, ao direito ao voto e a outros avanços. Contudo, é importante enfatizar que nem todas as mulheres têm acesso às mesmas oportunidades. É o que ocorre com as mulheres negras, que por conta dessa exclusão social vêm a necessidade de um feminismo capaz de dar conta de suas reivindicações. Nesse contexto surge o feminismo interseccional e o feminismo negro, conforme explicito a seguir.

### **3.2 Feminismo Interseccional e Feminismo Negro**

No movimento feminista, há correntes que visam atender diferentes demandas de mulheres que se encontram em variados contextos de opressão e violência. De acordo com a classe social, raça ou identificação de gênero, o movimento feminista foi se subdividindo em uma tendência que espelha as muitas dificuldades entre as mulheres e que expõe:

[...] a necessidade de repensar as referências usuais sobre a história das mulheres, dos feminismos e das relações de gênero. Representações coletivas sobre ser mulher tanto presidem o formato das redes de proteção e de dependências e de relações sociais diversas, como fixam limites ao poder social das mulheres, mas no interior de hierarquias que as distinguem umas das outras. Isso se torna mais perceptível naquilo que têm movido, em toda parte, as lutas feministas: as saídas das mulheres para o espaço público. (COSTA, 2004, p. 27).

Dentre as diferentes correntes, aponto duas que considero mais relevantes neste estudo, a fim de justificar a escolha pelo feminismo negro para a intersecção com a tradução feminista. Esses movimentos podem ser interpretados em diferentes âmbitos, tais como o político, o econômico, o cultural e o social. Ao pesquisar os tipos de feminismos, verifiquei a existência de controvérsias conforme a classificação. Desse modo, selecionei e discuto abaixo somente os feminismos que fazem parte da fundamentação teórica deste estudo.

### 3.3 Feminismo interseccional

O feminismo interseccional considera as mulheres como um grupo heterogêneo e com demandas específicas. Esse tipo de feminismo procura relacionar as diferenças de classes socioeconômicas, raças, etnicidades, orientação sexual e deficiência. A abordagem surgiu a partir da crítica das feministas negras e de pessoas homoafetivas ou contrárias à definição binária dos papéis de gênero e que não se viam inclusas no feminismo de um modo geral. São exemplos de feminismos interseccionais: o feminismo negro, o feminismo *queer*, o feminismo lésbico e o transfeminismo.

Eu argumento que mulheres Negras são algumas vezes excluídas da teoria feminista e do discurso político antirracista porque ambos são predicados de um cenário discreto de experiências que frequentemente não refletem precisamente a interação entre raça e gênero. Esses problemas de exclusão não podem ser resolvidos simplesmente com a inclusão das mulheres Negras dentro de uma estrutura analítica pré-estabelecida. Porque a experiência interseccional é muito maior que a soma do racismo e do sexismo e qualquer análise que não leva em conta a interseccionalidade não é suficiente para abordar um comportamento/maneira/mofo/forma particular ao qual as mulheres Negras estão subordinadas. (CRENSHAW, 1989, p. 140, tradução minha).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> “I argue that Black women are sometimes excluded from feminist theory and antiracist policy discourse because both are predicated on a discrete set of experiences that often does not accurately reflect the interaction of race and gender. These problems of exclusion cannot be solved simply by including Black women within an already established analytical structure. Because the intersectional experience is greater than the sum of racism and sexism,

As mulheres negras passaram e passam por opressões diferenciadas, de acordo com o lugar que ocupam dentro da sociedade. Não nego as lutas individuais das mulheres, que se iniciaram desde que a primeira mulher contestou o sistema patriarcal e a desigualdade perante o homem, assim como a contribuição do movimento feminista de um modo geral. Porém, a escrita autobiográfica de Harriet Jacobs é, em si, sinônimo de contestação dessas diferenças entre as mulheres no sistema escravista, na comparação da sua vida com aquela da “dona “a quem estava subordinada. É possível se notar também que, mesmo quando as mulheres negras não estavam mais subjugadas ao sistema escravista, permaneceram em condições inferiores as suas irmãs brancas. Daí a necessidade de um feminismo negro, para dar conta de compreender e encontrar soluções para as mais diferentes demandas das mulheres negras. A seguir explanarei brevemente a respeito do histórico do feminismo negro, discutindo determinados posicionamentos teóricos defendidos por esse feminismo.

### 3.4 **Feminismo negro**

O feminismo negro nasceu nos EUA e, desde o século XIX, reflete as vozes das sujeitas negras escravizadas que se rebelavam contra o sistema de dominação patriarcal e branco, embora ainda não se utilizasse tal nomenclatura à época. Em 1851, quando Sojourner Truth (nascida em cativo com o nome de Isabela Baumfree) questionou se ela própria era ou não uma mulher, em “*Ain’t I a Woman*”, demonstrou, por meio do seu discurso, que vivia uma condição subalternizada; reivindicava, assim, o reconhecimento de si mesma como mulher e como ser humano. O feminismo negro é reconhecido como interseccional, por relacionar gênero, classe socioeconômica e raça.

Harriet Jacobs escreve sobre sua história de opressão e violências, vivenciadas em uma localidade da região sul dos Estados Unidos, em North Carolina, direcionando a sua escrita às mulheres do norte do seu país. “*Incidents in the Life of a Slave Girl*” é considerada uma autobiografia que advoga em favor de um feminismo negro, tanto dentro do meio acadêmico quanto do literário (YELLIN, 2004), e que retrata a condição da mulher negra escravizada do século XIX. Os primeiros relatos sobre o feminismo negro datam ainda do período da escravidão, com os questionamentos feitos por Sojourner Truth (1851) na Convenção de

---

any analysis that does not take intersectionality into account cannot sufficiently address the particular manner in which Black women are subordinated.” (CRENSHAW, 1989, p. 140).

Direitos da Mulher em Okron, Ohio. Há várias sujeitas enunciadoras e militantes dessa causa, como Patricia Hill Collins, Bell Hooks, Lélia Gonzalez, Linda Alcoff, Sueli Carneiro, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, entre outras teóricas (RIBEIRO, 2017).

O Feminismo Negro, contudo, adquiriu essa nomenclatura somente na década de 1970, quando ativistas norte-americanas consideram as diferenças que perpassavam as intersecções como fatores que diferenciavam o feminismo que defendiam dos feminismos defendidos pelas mulheres brancas de classe média. Os ideais reivindicados por esse grupo de mulheres não consideravam os diferentes níveis de opressão vivenciados pelas mulheres de cor. Nessa mesma década, os feminismos – o negro e o interseccional – ganharam as ruas e se expandiram para a academia, assumindo um discurso teórico e crítico. As teóricas Patricia Hill Collins, Angela Davis, Bell Hooks e Keimberlé Crenshaw foram pioneiras na produção de obras que trazem os questionamentos e reflexões que embasam o feminismo negro estadunidense.

No Brasil, durante a terceira onda do feminismo, nos anos de 1980, o feminismo negro surgiu como uma reivindicação das feministas negras que não se sentiam contempladas nas pautas das feministas brancas e que percebiam como os fatores raça e classe socioeconômica influenciavam a falta de acesso a políticas de educação, saúde, moradia, entre outros; elas estavam de acordo quanto à noção de que suas demandas eram diversas das do movimento de um modo geral.

O feminismo promoveu uma perspectiva universalista num discurso voltado para uma irmandade entre as mulheres e, desta forma, não dava ênfase às diferenças. É na década de 1980, diz Araújo (2001), que no seio do movimento feminista as mulheres negras começam a levar para as discussões as suas especificidades, tremulando uma nova bandeira de que eram mulheres, mas eram negras, logo, com especificidades da raça. (RAIMUNDO; GEHLEN; ALMEIDA, 2006, p. 4).

Diante do não acolhimento do movimento feminista, de um modo geral, aos questionamentos levantados pelas mulheres negras, estas acabam por militar em vertentes, como a racial, de gênero e classe socioeconômica. Assim, as feministas negras questionam tanto os discursos machistas quanto as diferenças sociais e econômicas entre elas e as mulheres brancas. Sueli Carneiro (2003) ressalta que as mulheres negras passam por situações significativamente mais difíceis quanto ao acesso direitos básicos, desde a escravidão até os dias atuais, ocupando, por muitas vezes, as piores posições de trabalho, que são frequentemente precários e informais.

Durante o Brasil Império, nós – mulheres negras – estávamos nas cozinhas, nos serviços domésticos e nas lavouras; esses postos ainda são ocupados pela maioria das mulheres negras. Algumas profissões apenas adquiriram outra denominação, mas o lugar da mulher negra continua a ser o da servidão. O feminismo acadêmico tem produções na área do feminismo negro também aqui no Brasil, mas ainda precisamos de mais publicações, a fim de atingirmos um maior impacto nos estudos feministas. Sueli Carneiro (2003) chama a atenção, dessa forma, para a necessidade de enegrecermos o feminismo.

Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; [...] instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a ‘boa aparência’, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras. (CARNEIRO, 2003, p. 3).

A passagem acima ressalta como o feminismo negro é importante para nós, mulheres negras, pois consegue atingir uma parcela não contemplada pela categoria universal do conceito de ‘mulher’. Ao tentar compreender a noção de mulher proposta por Simone de Beauvoir (1949), percebo que a escritora apresenta essa categoria como o “Outro” do homem. Embasada no que Djamila Ribeiro (2017) discute, também concordo com Grada Kilomba (2012) quando afirma que nós, mulheres negras, habitamos não um segundo espaço, mas sim um vazio, o terceiro espaço (GRADA KILOMBA, 2012).

Desse modo, vejo o feminismo como um movimento político que, apesar de advogar a favor dos direitos das mulheres de um modo geral, não consegue dar conta das especificidades e dificuldades vivenciadas pelas mulheres negras em suas mais diversas subcategorias de opressão. “Se, para Simone de Beauvoir, a mulher é o “Outro”, por não ter reciprocidade do olhar do homem, para Grada Kilomba, a mulher negra é o Outro do Outro, posição que a coloca em lugar de mais difícil reciprocidade (KILOMBA, 2012, *apud* RIBEIRO, 2017, p.38). Nesse lugar à margem da margem do sujeito hegemônico na esfera da ideologia do patriarcado, ainda hoje é muito difícil para a mulher negra se inserir nos espaços de luta dentro e fora da academia, no mercado de trabalho e nas áreas teóricas de maior destaque no pensamento acadêmico. Da mesma forma que o feminismo negro tem procurado se inserir na agenda política do movimento feminista, sua existência e consolidação no movimento feminista acadêmico é relevante, em todos os âmbitos de estudo, inclusive nos Estudos da Tradução. Atualmente, encontram-se

ainda poucas tradutoras negras e/ou que usem o recorte do feminismo negro em seus trabalhos. Todavia, creio que, com o aumento do número de programas de mestrado e doutorado na área de tradução no Brasil, a partir de um maior acesso de mulheres negras a esses cursos, tal realidade tende a se modificar. O presente estudo tem em sua proposta, portanto, também o objetivo de contribuir para essa mudança.

### 3.5 Por que a tradução feminista?

A tradução feminista se pauta em uma prática voltada para a reflexão sobre os papéis de gênero no texto-fonte (TF) e no texto-alvo (TA). Nem sempre o gênero gramatical se relaciona ao gênero social ou biológico.

Alguns autores consideram que não existe relação alguma entre gênero (gramatical) e gênero (sexo), nem linguisticamente nem etimologicamente. [...] Aliás, o caráter polissêmico da palavra gênero, em especial a relação entre gênero gramatical e gênero social ou biológico (sexo), não é dado ao acaso (ao contrário do que defendem alguns linguistas). Frequentemente sexo e gênero são cognatos, e é comum que, numa língua, a mesma palavra denote tanto gênero (biológico-social) quanto gênero gramatical. (MÄDER, 2015, p. 59).

A língua inglesa, por exemplo, não tem linguisticamente os papéis de gênero marcados do mesmo modo que na língua portuguesa, já que os sufixos dos adjetivos e substantivos, tanto do singular como do plural, apresentam uma marcação mais neutra, sendo muitas vezes difícil identificar o gênero gramatical dos substantivos, principalmente no plural. Também encontramos com frequência o uso de substantivos no masculino e feminino para designar diferença de gênero no singular e no plural.

Já na língua portuguesa, existem apenas os gêneros masculino e feminino. O masculino é o que se refere ao geral; o feminino é o específico. Do mesmo modo, o plural flexiona para o masculino, não havendo um gênero específico para o ser humano. Conforme o “Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende” (2014, p.29), “as palavras não podem significar algo diferente do que nomeiam. O conjunto da humanidade está formado por mulheres e homens, mas em nenhum caso a palavra “homem” representa a mulher. Para que a mulher esteja representada é necessário nomeá-la”. A maioria das línguas do mundo flexionam para o masculino no plural, sendo essa a regra geral. De acordo com Caldas-Coulthard:

Linguistas têm há muito tempo argumentado que a primazia do masculino, interessante como um fenômeno lingüístico, não é sócio ou psicolingüisticamente significativa. Dizem que em todas as áreas da linguagem

encontramos o uso semelhante de uma categoria chamada ‘não marcada’ (no nosso caso, o masculino) que inclui o significado de duas categorias (masculino e feminino). [...] Tem sido proposto que a escolha do genérico masculino ou do feminino é da mesma ordem, isto é, que o masculino (não marcado) inclui, e o feminino exclui. [...] O fato de o masculino ter sido escolhido como categoria não marcada pelos nossos predecessores – conforme muitos lingüistas, foi aparentemente puro acaso, e não tem significação social ou política. (CALDAS-COULTHARD, 2007, p. 380).

De acordo com o que explicitado acima, escolho desconstruir o masculino como “gênero não marcado”. No entanto, assim como destacam algumas teóricas feministas e da tradução feminista, discordo dessa afirmação e compartilho da ideia de que a linguagem inclusiva deve ser construída principalmente a partir de nós, mulheres, que não nos sentimos contempladas no gênero masculino (não marcado) da língua portuguesa. A tradução feminista traz esse viés de compromisso político-ideológico, e a língua é o meio utilizado por nós, como tradutoras, para nos manifestarmos. Escolho a categoria mulher em vez de gênero no intuito de evidenciar meu lugar de fala, e o da autora que traduzo, Harriet Jacobs, como o lugar de uma mulher negra. Justifico minha escolha com as palavras de Claudia de Lima Costa (1998):

Em algumas correntes feministas pós-estruturalistas, avessas a essencialismos, a binarismos e a lógicas identitárias, proibiu-se referência à categoria mulher, e qualquer tentativa de nela embasar uma política feminista era logo rotulada de “politicamente reacionária e ontologicamente equivocada”. A estratégia, então, foi a de radicalizar a noção de diferença através de uma prática desconstrutiva negativa: a mulher passou a ser aquilo que não pode existir, uma categoria oca, uma ficção, uma identidade que não pode ser afirmada. Levada ao extremo, como já mencionei, tal exercício resultou na celebração de um feminismo sem mulheres. (COSTA, 1998, p. 132).

Embasando-me também nesse pressuposto teórico, escolho trabalhar, na (re)tradução de *Incidents*, com o feminismo negro e sua interseccionalidade. Assim, julgo necessário marcar os papéis de gênero por intermédio do conteúdo escrito e fazer escolhas lexicais que marquem uma desconstrução da ideologia do patriarcado inserida de forma naturalizada na língua. Conforme nota de Lobtinière-Harwood:

Minha prática de tradução é uma atividade política que visa a fazer a língua falar pelas mulheres. Portanto, minha assinatura em uma tradução significa: essa tradução utilizou toda estratégia possível de tradução feminista para tornar o feminino visível na língua. Porque tornar o feminino visível na língua significa fazer com que mulheres sejam vistas e ouvidas no mundo real. E o feminismo é isso. (LOBTINIÈRE-HARWOOD *apud* VON FLOTOW, 1997, p. 29).

Assumir uma postura teórica significa também engajar-se politicamente por meio da linguagem empregada na tradução, nas reflexões e nos comentários. Na (re)tradução de “Incidentes”, a postura de alterar as marcações de gênero nas palavras visa causar um estranhamento em quem lê o texto. A proposta foi realizar uma (re)tradução seguindo principalmente o viés do feminismo negro, como uma operação criativa e promotora de significados, alinhada com um movimento que promove “a visão da mulher não como mera reprodutora, como tendo tarefa secundária na sociedade, mas como produtora” (CASTRO, 2007, p. 64).

A própria autora, ao direcionar seu texto para o público-alvo no prefácio, assim o fez para as mulheres do Norte. Desse modo, identifico que Harriet escreveu um texto para um público feminino de determinada região dentro do seu país, direcionando seu texto àquelas que viviam em uma região onde as pessoas tinham uma opinião diversa em relação à escravidão, uma instituição que não era legalizada nem tampouco vista com bons olhos pela maioria. O texto de Harriet tem o caráter de denúncia e, como mencionado anteriormente, é uma escrita autobiográfica, que narra sua história de sofrimento, resistência. Trata-se de escrita que também a coloca em um papel protagonista, dona de sua própria história, apesar de sua posição humilde expressa por pedidos de desculpa e justificativas por vezes consideradas por alguns críticos como puritanas:

Não escrevi minhas experiências a fim de atrair a atenção para minha pessoa, pelo contrário, seria mais apazível para mim ter silenciado a respeito da minha história. Tampouco me importo em despertar simpatia por meus sofrimentos. Entretanto, desejo sinceramente levantar as mulheres do Norte, no sentido de se conscientizarem das condições de dois milhões de mulheres do Sul, ainda em Cativoiro sofrendo o que eu sofri e, para a maioria delas, até pior. Quero acrescentar meu testemunho ao de *escritoras/es* mais hábeis em convencer as pessoas dos Estados Livres sobre o que a Escravidão realmente é. (JACOBS, 1961, p. 2, tradução minha).<sup>10</sup>

A autora insere nessas palavras seu posicionamento político e forma de ver o mundo, expressando seu ponto de vista e opiniões acerca do que vivencia. Antes de Harriet, nenhuma

---

<sup>10</sup> “I have not written my experiences in order to attract attention to myself; on the contrary, it would have been more pleasant to me to have been silent about my own history. Neither do I care to excite sympathy for my own sufferings. But I do earnestly desire to arouse the women of the North to a realizing sense of the condition of two millions of women at the South, still in bondage, suffering what I suffered, and most of them far worse. I want to add my testimony to that of abler pens to convince the people of the Free States what Slavery really is.” (JACOBS, 1961, p. 2)

mulher negra havia-se atrevido a escrever do próprio punho sua história e narrá-la em primeira pessoa. A voz da autora ecoa como uma voz que usualmente seria abafada. No entanto, quando Harriet utiliza um sistema usualmente dominado pelas pessoas brancas, a escrita, ela expõe o ponto de vista de uma mulher negra do século XIX, criticando a instituição escravista, e assim o faz mostrando os medos, anseios e atrocidades vivenciados na casa de sua(s) “dona(s)” e de seu(s) “dono(s)”, na vida privada dessas pessoas e também no cativeiro, onde teve sua vida sequestrada por mais de sete anos. Daí a importância de uma obra dessa natureza para a história da tradução literária.

No que diz respeito à tradução feminista, Bassnett (2005) alerta para a associação entre original e tradução como uma oposição binária na qual o original está associado ao homem, e a tradução, à mulher. Dentre os mais variados debates acerca do lugar da tradução e do/a tradutor/a, a autora assinala que, desde há muito tempo, essa questão permeia o âmbito dos Estudos da Tradução, sendo motivo de muitos embates.

Bassnet (2005) cita um debate teórico entre Francis Newman e Matthew Arnold, no qual o primeiro fez uma tradução de Homero em 1856 sob o argumento de que tentou chegar o mais próximo possível do original, tentando preservar o que ele nomeou de “peculiaridade”, de modo a mostrar para si mesmo e para os leitores o que seria épico na época de Homero. Em contraste, Arnold ridicularizou o método empregado por Newman, afirmando a impossibilidade de um tradutor estabelecer critérios para medir o que seria uma tradução baseada em equivalência, já que esta se encontraria no passado; segundo ele, nem “um simples leitor” poderia ter pleno acesso ao conhecimento de Homero ou ao seu mundo. Arnold também sugeriu que, em vez de fantasiar sobre o que teria sido o universo grego, o tradutor deveria ter mantido o foco no seu leitor-alvo. Bassnet conclui que Arnold foi mais inovador que Newman, uma vez que os argumentos que usou para criticá-lo trouxeram à tona reflexões sobre qual linguagem utilizara tradução de Homero. Newman recorreu ao inglês arcaico, e Arnold defendeu o uso do inglês padrão.

Por outro lado, esse debate foi muito importante para os Estudos da Tradução, pois nele se encontra o questionamento sobre qual posição o/a tradutor/a deve assumir frente ao texto, frente ao Outro, uma vez que o TF é oriundo de outra cultura, com diferentes valores simbólicos, localizando-se, além do mais, em outro tempo – o passado.

O/a tradutor/a hoje é cada vez mais representado como negociador, mediador intercultural e intérprete. O papel do/a tradutor/a é muito mais do que a palavra ‘tradutor/a’ usada para inferir, com as respectivas associações tradicionais à

fidelidade lingüística e à fidelidade ao poderoso original. Tradução envolve tomar responsabilidade, o tradutor é a pessoa por quem o texto passa, com a sua jornada, de um contexto para o outro. Levine, Bellessie Seyers Peden consideram a tradução por uma perspectiva diferente e argumentam que o processo é tão importante quanto o produto. Esse processo sempre implicará negociação, reescrita e autoexploração pessoal. [...] O que penso ser interessante sobre esse tipo de pensamento sobre a tradução é que ele está tão interessado nos processos de tradução quanto no produto da tradução. (BASSNETT, 2005, p. 87-88, tradução minha).<sup>11</sup>

Bassnett (2005) discute também sobre determinadas teorias da tradução, com destaque para Suzanne Jill Levine, no livro *“The Subversive Scribe”*, em que a autora desenvolve discussões em torno de questões de gênero na tradução, defendendo-a como atividade criativa. Sustenta, ainda, que tradutor atua em dois papéis: servir o original e, de alguma forma, subvertê-lo. Levine reconhece que a tradução oferece a possibilidade de outro espaço, além do posicionamento entre TF e TA; seria um lugar sem fronteiras: não apenas uma *“no-man’s-land”* (terra de ninguém), mas um espaço entre a fonte e o alvo. Esse *“borderlessness”* (lugar sem fronteiras) não feriria o original, mas se configuraria como um local de reconciliação de fragmentos do texto, das línguas, e de si mesmo/a. Portanto, a autora vê o papel do/a tradutor/a como o de um/a mediador/a.

Ainda nesse sentido, e considerando que Harriet direciona seu texto às mulheres do Norte, ou seja, sua leitora-alvo é a mulher, uma (re)tradução feminista é profundamente justificável e fará jus a uma meta assinalada em seu prefácio, sem, contudo, violentar o texto, cumprindo o papel de *“borderlessness”* quando torna a narrativa acessível às mulheres brasileiras, feministas ou não. Quando mantenho no texto o direcionamento às mulheres, também trabalho com a lealdade do projeto original. Sobre essa questão, Nord (2001) comenta que:

[...] a lealdade compromete os tradutores bilateralmente, tanto do lado de partida como do lado de chegada. Ela não pode ser confundida com fidelidade, conceito que normalmente se refere a uma relação que liga os textos de partida e de chegada. Lealdade é uma categoria interpessoal que se refere a uma relação social entre *pessoas*. (NORD, 2001, p.125).

---

<sup>11</sup> “The translator today is increasingly represented as negotiator, as inter-cultural mediator, as interpreter. The role of the translator is so much more than the word ‘translator’ used to imply, with its traditional associations of linguistic fidelity and fealty to the powerful original. Translation involves taking responsibility, for the translator is the person through whom a text passes on its journey from one context to another. Levine, Bellessi, and Seyers Peden look at translation from a different perspective, and argue that the process is as important as the product. That process will always involve negotiation, rewriting and personal self-exploration. [...]. What I find interesting about this kind of thinking around translation is that it is focused on processes of translating, just as much as on the translation product.” (BASSNETT, 2005, p. 87-88).

A lealdade expressa no excerto tem, para meu projeto, uma grande relevância no sentido de manter como leitora-alvo as mulheres; é, porém, ressignificada por conta de a leitora-alvo se situar em espaço e tempo diversos do texto-fonte. A tradução é o instrumento de ligação entre espaço e tempo, o texto e a mensagem a ser decodificada. Dépêche (2000) menciona que, etimologicamente, a palavra *traduction* significa “fazer passar”, remetendo-se à energia utilizada no ato de transferência, pela atuação de um agente transformador. A tradução designa o “processo”, e não apenas o “produto”. Nesse caso, a (re)tradução proposta neste estudo concentra seu foco no processo, uma vez que segue um projeto tradutório e reflete sobre esse desencadeamento na escrita, dialogando com o/a leitor/a e externando o desencadear da tradução.

Ao processo de fazer passar, referido acima, preside uma atitude ideológica, pois repetidamente, requer escolhas: que texto(s) traduzir, para quem, por quem e como? A tradução pressupõe estratégias tanto de (re)leitura, quanto de (re)escrita, uma (re)avaliação dos produtos de partida e chegada, bem como das táticas empregadas para essa passagem estreita. Ora, qualquer estratégia se inscreve em uma rede de poder, pois ‘[...] o texto é a encarnação de uma luta política conduzida [...] e interpretada, dentro de um quadro ideológico’. Portanto, nenhum texto é puro ou inocente e a tradução, na sua qualidade de reprodutora, agrava e desdobra a violência das manipulações, ‘[...] modificando e deslocando o quadro ideológico do texto e os movimentos políticos subjacentes’. (DÉPÊCHE, 2000, p. 158).

Dépêche (2000) também chama atenção para o fato do texto a ser traduzido implicar a escolha política que perpassaria uma série de escolhas. Sabe-se que a literatura universal, bem como a história, de modo geral, excluiu durante muito tempo o negro. Na obra em análise, a estrutura da escravidão é questionada por uma mulher que fala do cerne da opressão, alguém que de vítima passa a ser dona de seu destino, utilizando a sua história como alerta para que outras mulheres não passem pelo mesmo que ela; trata-se de uma denúncia das violências causadas pelo opressor, sobretudo contra as mulheres em situação de escravidão, sujeitas a abusos, estupros e castigos de todos os tipos.

Nenhuma caneta pode dar uma descrição adequada da corrupção generalizada produzida pela escravidão. A garota escravizada é criada em uma atmosfera de libertinagem e medo. A chibata e a conversa obscena de seu “dono “e os filhos dele são seus professores. Aos 14 ou 15 anos, seu dono, os filhos dele, o feitor, ou talvez todos eles começam a suborná-la com presentes. Se isso falhar em cumprir seus objetivos, ela é açoitada ou fazem-na passar fome até que se submeta à vontade deles. Ela pode até ter sido criada dentro de princípios religiosos por uma mãe ou avó piedosa, ou alguma Boa “dona”. Ela pode até ter tido um namorado cuja boa opinião e paz de espírito são estimadas para seu coração; ou os homens devassos que têm poder sobre ela são

extremamente odiosos. Entretanto, a resistência é inútil. (JACOBS, 2009, p. 65, tradução minha).<sup>12</sup>

Ademais, traduzir a autobiografia de Harriet Ann Jacobs, uma obra feminista do século XIX, significa assumir um lugar político que visa mostrar a voz de uma Sujeita Escravizada. Nesse mesmo século, pode-se notar que nem mesmo a mulher branca da classe média e/ou da classe operária tem direito a voto e é considerada como igual ao homem. Esse projeto assume uma tarefa política quando resolve não só questionar tradução realizada por um tradutor masculino branco no âmbito profissional, mas também propõe tomar decisões tradutórias embasadas em ideais defendidos pela intersecção da tradução com o feminismo negro.

A (re)tradução feminista negra que proponho tem o papel de questionar o cânone literário dominado hegemonicamente pelo patriarcado e, quando ela assume um viés do feminismo negro, traz como meta romper com uma estrutura não somente de gênero e de classe socioeconômica, mas também racial, saindo da margem e figurando no embate acadêmico como uma produção feita por uma mulher negra. Não estou dando voz à mulher negra, mas, por meio da minha própria voz de mulher negra, Harriet é a personagem principal desse lugar de fala e desta escrita. Uma vez que Harriet, a sujeita que vivia escravizada e em condição subalternizada, pode falar, e eu sou uma porta-voz dessa fala em seu texto autobiográfico, a minha posição não neutra provoca uma intervenção no texto, quando necessária, sendo a base de minhas escolhas no projeto tradutório. Por isso, para essa tradução feminista, é necessário o entrecruzamento com o feminismo negro. Daí surge a necessidade da reflexão sobre o que seria a tradução feminista negra.

### 3.6 Tradução Feminista Negra

Como discutido no capítulo 1 a respeito da história das narrativas produzidas por mulheres negras escravizadas no Brasil e nos EUA, observo que os contextos em que realizadas foram diversos. Desse modo, o acesso à escrita no sistema escravista de tipo *Plantation* e no

---

<sup>12</sup> “No pen can give an adequate description of the all-pervading corruption produced by slavery. The slave girl is reared in an atmosphere of licentiousness and fear. The lash and the foul talk of her master and his sons are her teachers. When she is fourteen or fifteen, her owner, or his sons, or the overseer, or perhaps all of them, begin to bribe her with presents. If these fail to accomplish their purpose, she is whipped or starved into submission to their will. She may have had religious principles inculcated by some pious mother or grandmother, or some good mistress; she may have a lover, whose good opinion and peace of mind are dear to her heart; or the profligate men who have power over her may be exceedingly odious to her. But resistance is hopeless.” (DÉPÊCHE, 2000, p. 169).

sistema de exploração foram fatores decisivos para definir a quantidade de textos autobiográficos ou romances durante a escravidão, principalmente no século XIX.

Quanto ao feminismo, conforme apresentei anteriormente, ele começou a se constituir como movimento no século XIX, já com o sufrágio feminino nos EUA; no Brasil, ele surgiu mais tardiamente. As lutas das mulheres negras não tiveram grande destaque no movimento pelo sufrágio feminino, pois as principais representantes eram mulheres brancas da classe média. Entretanto, algumas mulheres já vinham se destacando desde antes de 1851, como Sojourner Truth na Convenção dos Direitos das Mulheres, em Ohio. Essa fase, considerada a primeira onda do feminismo de um modo geral para as norte-americanas, foi também fundante para o feminismo negro nos EUA.

No Brasil, os primeiros gritos de mulheres negras se rebelando contra o sistema escravista ocorreram no fim do século XVIII, com a mulher negra escravizada Esperança Garcia reivindicando, com sua escrita, direitos ao governador da província do Piauí. Também temos Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, autora de “Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas”, considerado um dos mais antigos livros escritos por uma mulher negra na história do Brasil. Há, ainda, Maria Firmina dos Reis no século XIX, autora de vários romances. Nos EUA existem várias obras sem tradução para o Português até os dias atuais, embora já estejam catalogadas e disponíveis digitalmente em domínio público. Trata-se de um grande acervo de textos e obras literárias escritas por sujeitas/os escravizadas/os e ex-escravizadas/os.

Entretanto, as decisões sobre quais textos serão traduzidos ou não ainda está nas mãos das grandes editoras, dos/as empresários/as que atuam no mercado editorial e da mídia. Lefevere (1992) explica que a “patronagem” parte do princípio de que um componente ideológico define o que será ou não traduzido, havendo ainda um componente econômico que restringe a escolha, o desenvolvimento, o conteúdo, quem traduz, qual o público-alvo, quais escritores/as serão traduzidos/as e quem fará a tradução. Assim como Lefevere (1992), Hamilton adverte que:

Não é difícil entender que, por conta de, historicamente, os homens terem se constituído como a classe dominante, a perspectiva masculina tem sido privilegiada perante a das mulheres. Similarmente, nas sociedades patriarcais ocidentais eurocêntricas as perspectivas dos Brancos têm sido mais privilegiadas que as dos Negros. Logo, se, por um lado, produzir visibilidade para o trabalho teórico e literário das mulheres Brancas tem sido uma tarefa difícil, tornar a contribuição das mulheres Negras visível tem sido uma missão ainda mais árdua e desafiadora. A existência das relações de poder dentro do sistema literário, que mantem os interesses de grupos específicos, explica a

pequena atenção dada às obras literárias das escritoras Negras Caribenhas no contexto Brasileiro. (HAMILTON, 2018, p. 48, tradução minha).<sup>13</sup>

A passagem acima explicita como as regras do cânone literário são ditadas por quem está no topo da pirâmide, o homem Branco. Até mesmo as mulheres brancas têm dificuldades em ter seu trabalho reconhecido dentro do sistema literário canônico. Por outro lado, as relações de poder não permitem o surgimento de políticas de tradução que possibilitem às brasileiras o acesso aos textos literários produzidos pelas escritoras negras caribenhas, sul-americanas e até mesmo estadunidenses. Para seguir na via de embate à patronagem, como já mencionado anteriormente, até o presente momento há pouquíssimos trabalhos que mencionem a intersecção do feminismo negro e da tradução feminista de acordo com o levantamento bibliográfico que realizei. É interessante notar, conforme Hamilton (2018), que:

Apesar de ter havido um diálogo profundo entre o Feminismo geral e os Estudos da Tradução, até agora pouco tem sido feito a fim de se estabelecer uma ponte entre o Feminismo Negro e a Tradução como disciplina. Grande parte da contribuição significativa das feministas Negras para o Feminismo convencional não contempla as teorias feministas da tradução. As teorias feministas rejeitam os conceitos binários de masculino/feminino e escrita/tradução, porém não levam em consideração a oposição binária entre mulheres brancas e negras, construídas por meio da ideologia patriarcal das sociedades racistas – como destacado pelas feministas acadêmicas. (HAMILTON, 2018, p. 50, tradução minha).<sup>14</sup>

Devido à carência de tradutoras feministas negras acadêmicas discutindo sobre a temática até o presente momento, em 2018, minha fortuna crítica é ainda bastante limitada. Tenho que lidar com o novo e a elaboração de teorias a partir do que está escrito e de minha análise do que seria a intersecção dos Estudos da Tradução Feminista e o Feminismo Negro.

---

<sup>13</sup> “It is not difficult to understand that, because men historically formed the ruling class, their perspective was given privilege over that of women. Similarly, in patriarchal Eurocentric Western societies, the perspectives of Whites have been historically given privilege over that of Blacks. Then, if making White women’s theoretical and literary work visible has been a difficult task, making Black women’s contribution visible has been even more arduous and challenging. The existence of power relations within the literary system, which maintain the interest of specific groups, accounts for the little attention given to the literary works of Black Caribbean female writers in the Brazilian context.” (HAMILTON, 2018, p. 48).

<sup>14</sup> “Although there has been an extensive dialogue between mainstream Feminism and Translation Studies, little work has been done so far in creating a bridge between Black Feminism and the discipline of Translation. Much of the significant contribution by Black feminists to mainstream Feminism has not been contemplated in feminist translation theories. In their rejection of the binary concepts male/female and writing/translation, feminist translation theorists have not taken into consideration the binary opposition between white women and black women, constructed through ideology in patriarchal racist societies – as pointed out by black feminist scholars.” (HAMILTON, 2018, p. 48).

Assumo como aporte teórico para este estudo o pensamento de algumas pesquisadoras da área. A tese de doutorado de Tatiana Nascimento dos Santos (2014), intitulada “Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos”, traz uma nova noção para o campo de estudos da tradução feminista: a tradução lésbica negra. Adélia Mathias (2017) publicou o artigo “Traduções Transgressoras: a Importância da Tradução não oficial de Textos de Autoria Negra para o Ambiente Acadêmico”. Norma Diana Hamilton (2018) apresenta, no artigo “*Translation and the Anglophone Black Female Literature in Brazil*”, uma discussão atualizada sobre a carência de tradução de textos e pesquisas sobre a intersecção da tradução feminista e o feminismo negro. Por fim, Luciana de Mesquita Silva (2018) aborda, em um artigo acadêmico nomeado “Diáspora Negra em Contexto de tradução: Discutindo a Publicação de Mulheres, Raça e Classe, de Angela Davis, no Brasil”, tradução da obra de Angela Davis e sua recepção no Brasil.

Como também mencionado anteriormente, o patronato define quem será traduzida/o, publicada/o, quem traduz e qual o público-alvo. Assim, o discurso ideológico hegemônico é definido pelos dominantes, sendo que eles detêm o poder da narrativa – são os vencedores, aqueles que contam a história. A palavra das sujeitas negras, as “Outras das Outras” (KILOMBA, 2012), é então silenciada por esse sistema opressor que impõe silenciamento principalmente às mulheres que não se encaixam no padrão estabelecido.

A respeito da resistência por meio da palavra, Nascimento dos Santos observa:

Acredito que essa fé na resistência permitida pela palavra acontece porque, analisando a distribuição de poder de fala socialmente, corpos e vozes de homens têm privilégio, acesso, podem falar – enquanto corpos de mulheres são silenciados e assim inexistentes, ou referenciados alheamente; por isso é que o uso político da palavra é forma de responder àquele silenciamento e seu poder de declarar inexistência às pessoas construídas como mulheres. (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2014, p. 57).

Harriet Jacobs é um grande exemplo de mulher que tem seu corpo e sua voz silenciada pela condição de ter vivido como escravizada e pelo sistema de regras que foi forçada a obedecer. “Seu dono” detinha poder sobre seu corpo e sobre sua voz, acreditando que podia dominar também seu pensamento. No entanto, Harriet resistiu a essa dominação por toda sua adolescência durante o tempo que esteve sob seu poder e mesmo depois de fugir. Traçou seu plano de fuga, desafiando-o sempre que podia; deu sua virgindade a outro homem e não ao “dono” que se achava no direito de dominar sexualmente seu corpo às custas de incessantes ameaças e jogos de poder. A autora lutou até o fim, até finalmente conquistar a liberdade para

si e para seus filhos. Demonstrou que tinha inteligência e resistiu por meio das suas palavras transformadas em narrativa escrita e divulgadas para o mundo. Dessa forma, sua existência passou de invisibilizada a reconhecida como autora de sua própria história.

Assim como Harriet Ann Jacobs, proponho trazer a militância de sujeita negra para dentro da minha pesquisa, expressando-me sobretudo por meio da primeira pessoa, trazendo a prática da minha escrita cotidiana. Desse modo, proponho transformar a escrita do ‘nós’, que não assume de quem é a voz que enuncia, para o ‘Eu’ que se quer múltiplo, o ‘Eu’ que não é somente minha expressão de mulher negra brasileira, mas a voz de minhas ancestrais e de minhas irmãs de cor que trago em meu sangue, as quais não conseguiram se manifestar por meio da escrita ou não tiveram acesso ao ambiente acadêmico. Para justificar a escrita em primeira pessoa, chamo a atenção para a passagem a seguir, em que Nascimento dos Santos subdivide os tipos de letramento:

Propus esses dois usos, um termo chamado “práticas de letramento acadêmico” e outro chamado “práticas de “escrita cotidiana”, porque parto do entendimento de letramento como um monte de fazeres e pertenceres bem diversos entre si, muitas vezes conflitantes. Digo isso para dissipar o caráter monolítico que o termo costuma carregar, e tenta torna-lo universal e assim apagar assim sua ampla contextualidade. (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2014, p. 57, grifos da autora).

Utilizo-me dessa divisão para situar este estudo em dois pontos distintos: (a) o texto (re)traduzido e comentado, que situo em uma prática de escrita cotidiana, por se tratar de um texto inserido no gênero autobiográfico, e (b) minha escrita acadêmica localizada no entre-lugar, a qual não posso considerar totalmente como um gênero neutro, já que assumo uma postura política na tradução e na minha pesquisa como um todo. Esse posicionamento norteia minhas escolhas lexicais, semânticas e de gênero na escrita; permite-me, ainda, escrever na primeira pessoa do singular, quando falo por mim, e na primeira do plural, quando minha voz se confunde com a do grupo social em que estou inserida. Como observa Nascimento dos Santos:

Isso me lembra que o termo “sentimentalismo” é muito comum como acusação tanto a mulheres quanto a escritas ditas “femininas”, e que aqui são bem reconhecidas nas que chamei de “cotidianas”, muitas delas consideradas “coisa de mulher”, como os diários. Esse tema abriria espaço para outros, bastante pertinentes também: apostar em formas menosprezadas de escrita e tentar defender seu uso em ambientes que recusam elas seria de alguma forma reforçar e repetir um essencialismo que separa racionalidade e escrita acadêmica de um lado (masculino) e irracionalidade e escrita cotidiana de outro (feminino)? Gêneros discursivo-textuais obedeceriam à divisão sexual

operante na sociedade, alimentando-a? (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2014, p. 60, grifos da autora).

Nesse sentido, observo como se espera que a escrita acadêmica tenha os pressupostos clássicos: distanciamento, neutralidade, objetividade, sem conter qualquer tom de emocionalidade, advindo da fusão do distanciamento e da neutralidade, assim como da subjetividade. A escrita acadêmica me treinou para escrever na terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural, mas não houve preparação para que eu me posicionasse em primeira pessoa, como sujeita da minha voz. Sempre que tenho de conjugar o verbo na primeira pessoa, preciso enfrentar a insegurança e o medo de não ser aceita no meio acadêmico. Aprendi a separar a escrita subjetiva, aquela que vem de mim e é dirigida para mim, aquela que tem emoção, da outra, a acadêmica, pela separação dos gêneros de acordo com o que Nascimento dos Santos (2014, p. 57) elencou.

Ainda no que concerne a tradução de textos escritos por pessoas negras, o artigo de Adelia Mathias (2017), embasado na pesquisa de Regina Dalcastagnè (2005), apresenta um conjunto de pesquisas abordando a falta de autoras/es e de personagens negras/os no cânone literário. Ressalta também como a maioria do que é reconhecido como literatura e do que chega à academia se constitui de textos escritos por pessoas brancas, principalmente homens. Mathias também alerta sobre a deficiência, no Brasil, de traduções de escritoras/es da América Latina e Caribe para a língua portuguesa; adverte, ainda, que:

[...] para ser traduzidas para o português brasileiro, obras de argentinos/as, caribenhos/as ou cubanos/as precisam passar primeiro por grandes centros globais, de modo que, antes de virem para um país geograficamente tão próximo, como é o Brasil, a obra precisa passar por Estados Unidos, Espanha ou França, por exemplo, seguindo uma lógica de mercado empobrecedora para leitores/as brasileiros/as, pois, muitas vezes, nos furta de uma tradução direta do idioma nativo da obra. (MATHIAS, 2017, p. 219).

Assim, não temos somente obras de autoras/es e personagens negras/os não traduzidas do inglês para o português, mas também muitas ainda estão sem tradução para o espanhol; não há traduções também de literaturas de expressão francesa em quantidade suficiente para dar conta do público de estudantes negras/os que cada vez mais têm adentrado no ensino superior, ansiosas/os por lerem textos de seus pares e por trabalharem com teorias capazes de abordar suas especificidades e tapar o buraco oriundo da carência de produção teórica por estudantes e pesquisadoras/es negras/os.

Adelia Mathias (2017) também ressalta que, devido ao aumento da quantidade de estudantes negros/as na academia – graças às recentes políticas públicas de inclusão social –, bem como de bolsas de pesquisa, cresceu também a demanda de tradução de textos escritos por intelectuais negros/as. As mulheres negras presentes nas universidades encontraram nos feminismos e no campo dos estudos culturais uma forma de se entender e ter acesso a um mundo de teorias que permitem uma melhor compreensão do seu lugar, dentro do sistema patriarcal ocidental, enquanto sujeitas negras.

Uma vez aberta essa possibilidade de atuação, as mulheres negras se depararam com um mundo de teorias afro-estadunidenses dos feminismos e, junto com mulheres não negras, conseguiram negociar espaços de traduções para pequenos grupos de estudos cujos objetivos eram capacitar as integrantes com o que existia acerca do assunto sem que fossem necessárias tantas décadas, ou mesmo séculos, para que brasileiras tivessem acesso às teorias de pessoas negras da diáspora, sobretudo de mulheres. Os grupos secretos que crescem exponencialmente nas redes sociais ilustram tal afirmação: mulheres têm traçado e desenvolvido estratégias alternativas e cuidadosas de se empoderarem, fortalecendo-se mutuamente e multiplicando formas de circular e trocar saberes não hegemônicos. (MATHIAS, 2017, p. 224).

Muitos desses grupos de mulheres traduzem textos inéditos de autoras negras estadunidenses, latinas e caribenhas. Mathias (2017) afirma ainda que a internet facilitou a livre circulação dos textos traduzidos por mulheres e homens negros/os, os quais, de outra forma, poderiam levar mais de cem anos para serem traduzidos e difundidos. Porém, com a existência de grupos que realizam traduções sociais, e até mesmo, por vezes, não oficiais, as teorias fundadoras do feminismo negro e/ou decorrentes dessa prática têm se estendido para o ambiente acadêmico, facilitando os estudos das/os estudantes negros/os. À medida que houve a propagação e o (re)conhecimento desses textos, determinados/as tradutores/as brancos/as passaram a publicar reivindicando para si a autoria e apossando-se dos créditos de pessoas negras que usavam a máscara de tradutores/as livres. Nesse momento, pessoas brancas estavam sendo reconhecidas por trabalhos intelectuais feitos por pessoas negras. Em sua tese, Mathias (2017) também referencia Tatiana Nascimento (2014), uma dessas intelectuais negras que realizava traduções livres e não costumava assinar seu nome:

Aconteceu que publiquei um texto traduzido por uma ativista de Brasília, e por algum motivo apaguei os créditos da tradutora. Ela veio me perguntar porque eu tinha feito aquilo, um ato meio automático (já que eu não assinava minhas próprias traduções e garantia o máximo de distanciamento e não responsabilização usando a alcunha “tradução livre” em nota de rodapé), e me disse como era importante que o trabalho das mulheres negras não fosse invisibilizado. Assim foi que comecei a pensar mais metodológica e

epistemologicamente como tradução – a partir da compreensão de que um texto traduzido é uma retessitura, uma retextualização, feita por alguém, feita desde algum lugar, algum contexto político, histórico, étnico, sexual, gerado... Do aspecto coletivo das produções de tradução que eu fazia, fui migrando para uma dimensão mais autoral, em que os textos não só eram traduzidos por mim – mas traduziam muito de quem eu era, de como eu me constituía (MATHIAS, 2014, p. 19-20).

A tese de Tatiana Nascimento dos Santos é, por si própria, uma prova de como, ao assumir suas traduções e levá-las para a academia, obteve grande êxito com um trabalho inédito sobre a temática do feminismo negro. Cunhou inclusive o novo conceito de tradução feminista lésbica negra, demonstrando a outras mulheres negras (e lésbicas negras) que é possível sim teorizar e assumir suas traduções no ambiente acadêmico, numa luta pelo reconhecimento do seu trabalho.

Para mim, Tatiana Nascimento dos Santos é uma grande referência, no âmbito da tradução feminista com a teoria lésbica negra, assim como Adelia Mathias, no campo da literatura negra nos estudos dos Cadernos Negros. Conheço as duas teóricas pessoalmente: Mathias desde 2012, em um congresso de gênero na UESPI, e Nascimento dos Santos, desde 2016, quando cheguei a Brasília para um evento satélite que fazia parte do Festival Internacional “Latinidades Afrolatinas”; posteriormente frequentei uma disciplina que ela ministrava, de ‘Teoria Cuér’, ofertada pelo Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares - CEAM/UnB.

Meu primeiro contato com a tradução aconteceu em 2014 quando trabalhei como tradutora auxiliar da autora Maria de Lourdes Teodoro, que traduziu sua tese de doutoramento submetida na Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle, para a obtenção do título de Doutora em Literatura Comparada, em 1984. A tese foi traduzida para “Identidade Cultural e Diversidade Étnica: *Nègritude* africano-antilhana e modernismo brasileiro”, publicada como edição da autora pela editora Scortecci em 2015. Lourdes Teodoro me ensinou os primeiros passos no mundo da tradução – e como era uma tarefa árdua. Como teórica negra e estudiosa da questão da identidade e da “Negritude”, ensinou-se muito. Auxiliá-la no processo de tradução e edição de sua própria tese me fez ver como eram-lhes caras as teorias que ela discutia e como muitas questões que ela abordava em sua escrita na década de 1980 vieram a ser discutidas somente depois. O fato de a autora não ter seus textos traduzidos antes de 2015 dificultou que muitos/as estudiosos/as pudessem referenciá-la em seus estudos; outros/as passaram a ser reconhecidos/as como enunciadores de conceitos sobre a identidade afro-

brasileira, a **Négritude** africano-antilhana e o racismo que ela já havia enunciado muito antes, mas que ainda não haviam sido traduzidos para a língua portuguesa.

Retornando à temática da tradução feminista negra, Norma Diana Hamilton (2018) elaborou um apanhado teórico sobre a tradução feminista, traçando uma pequena linha do tempo na tradução feminista para explicar as especificidades do feminismo negro. Sobre a noção de interseccionalidade, Hamilton adverte que

[...] na sua análise do funcionamento da opressão contra as mulheres Negras, as feministas Africano-americanas, assim como as feministas Negras Caribenhas, têm apontado que gênero, raça, classe e sexualidade são construções históricas que estão imbricadas, apesar das suas especificidades. (HAMILTON, 2018, p. 50, tradução minha).<sup>15</sup>

Assim como as feministas negras estadunidenses e as caribenhas, as mulheres negras brasileiras perpassam uma rede interseccional de opressões que devem ser levadas em consideração quando analisamos os textos literários dessas mulheres, quando as temos como personagens, ou quando as examinamos sob um ponto de vista histórico e dos estudos culturais.

No concernente às feministas Negras Caribenhas, Norma Diana Hamilton (2018) alerta para as nuances da língua, já que tanto os países de expressão francesa –em que também há a ocorrência das línguas crioulas na literatura escrita e na oralidade –, como os de expressão inglesa, como a Jamaica – onde o *patois* também está presente nos textos escritos e na oralidade –, contam com um quesito a mais a ser considerado nas interseccionalidades, qual seja, suas diferentes línguas.

A fim de se pensar um espaço assim tão heterogêneo, seria necessário o entendimento de que o lugar caribenho não é fixo, calcado na lógica de uma identidade homogênea como a defendida pelas culturas europeias. Em sua tese de doutorado, Alcione Correa Alves (2012) discute sobre a noção de “*litterature-monde*” em francês, para o deslocamento do lugar de enunciação a partir do romance “*Adèle et la pacotilleuse*” (2005), de Raphaël Confiant:

De certa forma, uma objeção ao conceito de lugar, calcada na fixidez, opõe a mobilidade das formas de poder ante a mobilidade da resistência a essas formas, donde resulta seu caráter insubmisso: da fecundidade da noção de mobilidade, resultam formas diversas e particularmente americanas de resistir à dominação cultural; em última instância, pressupor a fixidez das formas de poder implica pressupor a posse desse poder por alguém, por um grupo, quiçá

---

<sup>15</sup> “In their analyses of the functioning of oppression against Black women, the African American feminists, as well as Black Caribbean feminists, have pointed out that gender, race, class, sexuality are historical constructions, which are imbricated, despite their specificities.” (HAMILTON, 2018, p. 50).

por aquele denominado, de modo tanto quanto difuso, como colonizador, bem como implica pensar a resistência como uma luta cujo objetivo consiste em recuperar, ou tomar esse poder situado em uma posição fixa. (ALVES, 2012, P. 134).

Para o autor, assim como o conceito de lugar não deve ser pensado como algo fixo, as formas de poder não devem ser vistas como fixas, pois fortaleceriam a dicotomia colonizador/colonizado, uma vez que a resistência pode ser pensada como uma forma de recuperar ou tomar esse poder que está em uma posição estática, concentrado no cânone literário, bem como nas línguas consideradas superiores às outras, como aquelas oriundas do colonizador, e que essas mulheres muitas vezes mesclam as línguas crioulas ou o *patois* à sua escrita. Se as línguas, francesa ou inglesa, seriam as línguas hegemônicas, pensar o feminismo Negro Caribenho seria desconstruir as noções de fixidez de poderes contidos nos lugares sociais e nas línguas e traçaria vias de interseccionalidade que possam dar conta de manter as identidades heterogêneas na literatura, assim como na tradução feminista Negra.

Nesse mesmo sentido, Norma Diana Hamilton (2018) chama a atenção para a noção de antropofagia:

“Antropofagia” é um conceito criado pelos/as escritores/as modernistas para descrever a maneira como autores/as do “Terceiro Mundo” usam formas alternativas de escrita. Na nossa compreensão, canibalizam elementos escritos da literatura europeia, com o intuito de transformá-las em novos padrões inovativos de escrita que sejam adequados para representar suas experiências como indivíduos e como uma nação. No caso das escritoras caribenhas Negras, fora a transformação das categorias literárias europeias temos notado que elas mesclaram o uso da língua Inglesa com as línguas crioulas – um aspecto que indica sua criatividade potencial. (HAMILTON, 2018, p. 54, tradução minha)<sup>16</sup>

A criouliização de línguas pode ser lida como uma estratégia de resistência. A língua é reconhecida como um instrumento de poder que utilizado pelo colonizador para dominar tanto os/as indígenas quanto as pessoas negras que vieram como escravizadas do continente africano. A essas pessoas foi negado o direito de manter sua própria língua, com a imposição da língua

---

<sup>16</sup>““Anthropophagy” is a concept that was created by modernist writers to depict the way in which authors from the “Third World” use alternative modes of writing. In our comprehension, they “cannibalize” writing elements and categories from European literature, in order to transform them into new and innovative standards of writing that is adequate for representing their experiences as individuals and as a nation. In the case of the Black female Caribbean writers, besides the transformation of European literary categories, we have seen that they have mixed the usage of the English language with Creole languages – one aspect that points to their enriching creativity.” (HAMILTON, 2018, p. 54).

do/a colonizador/a. No Caribe, a resistência resultou nas línguas crioulas; nos EUA e Brasil, o idioma do colonizador venceu, e não teríamos hoje línguas crioulas como nas Antilhas. Entretanto, o fato de não haver línguas crioulas hoje não indicaria que, nos primeiros séculos de colonização, não houve um tipo de crioulização, pois muito provavelmente os processos aconteceram. No entanto, quanto maior a urbanização e o aumento da intensidade de contato com falantes de português, mais as prováveis línguas crioulas se assemelharam a esse idioma. Hoje, variedades de português faladas por grupos específicos – negros e indígenas – ainda guardam traços da substituição de línguas.

Na conclusão de seu trabalho, Hamilton (2018, p. 56) chama a atenção para a necessidade de tradutores/as negros/as ou brancos/as não reproduzirem ideologias dominantes ao traduzirem textos escritos por mulheres Negras para mulheres Negras. Destaca também que, ao assumirem o papel nobre de representar essas mulheres, devem atentar para a responsabilidade de preencher as lacunas nas quais a rica contribuição das mulheres negras tem sido menosprezada há tanto tempo. Esses/as tradutores/as podem contribuir para a visibilidade, o reconhecimento e a inclusão dessas escritoras, cujas perspectivas têm tanto para oferecer à compreensão da realidade do nosso mundo. Conforme comenta a autora,

Acreditamos que Literatura depende da diversidade de pontos de vista e perspectivas que precisam ser reconhecidas, com vistas a refletir, de uma forma mais justa e sincera, a riqueza da nossa sociedade. Tradução Literária pode e deve ser usada como um local de combate e resistência. (HAMILTON, 2018, p. 56, tradução minha)<sup>17</sup>.

No artigo “Diáspora Negra em Contexto de tradução: Discutindo a Publicação de Mulheres, Raça e Classe, de Angela Davis, no Brasil”, Luciana de Mesquita da Silva (2018) também faz um resumo das principais teorias da tradução feminista. Em seguida, analisa o momento histórico e o contexto da publicação de “Mulheres, Raça e Classe”; apresentando ainda um breve estudo sobre a tradução do livro e a recepção do texto no Brasil. Mesquita da Silva (2018) observa:

[...] o quanto a tradutora se mostrou atenta ao lidar com passagens que continham desafios com relação a questões de gênero e étnico-raciais, o que pode ser um reflexo de sua própria identidade e afiliações [...], tendo em vista sua formação acadêmica na área de Ciências Sociais e de seu interesse em temas como teorias de gênero. Desse modo, ela dialoga com a política de

---

<sup>17</sup>“We believe that Literature depends on a diversity of views and perspectives that need to be recognized, in order to reflect, in a more just and sincere way, the richness of our society. Literary Translation can and should be used as a site of struggle and resistance.” (HAMILTON, 2018, p. 56).

tradução feminista proposta por Sonia E. Alvarez e Claudia de Lima Costa (2014), uma vez que acaba colaborando para a formação de uma rede que rompa com paradigmas colonialistas, patriarcais e racistas. (MESQUITA DA SILVA, 2018 p. 225).

“Mulheres, Raça e Classe “teve um grande sucesso de vendas no Brasil, sinalizando a carência de teorias caras ao feminismo negro brasileiro e demonstrando que temos um mercado receptivo para esse campo de estudos. O seu público é composto principalmente por estudantes e professores/as negros/as, como também por militantes dos movimentos negros.

Levando em consideração o que explicitado nesta seção do meu trabalho, dedicada à Tradução Feminista Negra, noto que as teóricas que estudei me mostraram como há bastante a ser feito nesse sentido e que, sobretudo, ainda não há uma noção elaborada especificamente sobre essa linha teórica.

Concordo com o que afirma Tatiana Nascimento dos Santos, quando elabora uma crítica à tradução de um texto de Kya Lilly Caldwell:

O tradutor apagou o termo *women of color* e despolitizou sua carga semântica para carregar de sentidos suas próprias ideologias. Discuti como isso foi racista e se conectou às políticas de apagamento da figura desse tradutor – que não assina a tradução –, as quais me mostram que outras coisas importantes precisam ser apagadas para essa manobra funcionar: Ao invés de traduzir *women of color* como “mulheres não brancas” (*non white women*), o tradutor poderia ter traduzido como “mulheres de cor”. Sua escolha é lida aqui como muito colonial e desrespeitosa. Porque desmontou a rede semântica do sentido contextual de Caldwell e definiu a tradução a partir do contexto de um tradutor invisível, desconsiderando o histórico daquela rede semântica: autodefinição das lutas de mulheres negras, chicanas, asiáticas, indígenas, caribenhas em termos étnico-raciais cunhados por elas mesmas e tomando-se a si mesmas como referente ao invés da branquitude. (NASCIMENTO DOS SANTOS, 2014, p. 167-168, grifos da autora).

Vejo o que Nascimento dos Santos (2014) defende não somente como uma crítica ao tradutor e à escolha feita por ele nesse excerto, mas também como uma crítica a uma linguagem hegemônica muito presente até hoje. No caso das traduções de teorias feministas negras e também de obras de autoria de mulheres negras e de outras identidades, é preciso respeitar a heterogeneidade das línguas dessas mulheres, bem como suas culturas e as implicações teóricas por detrás dos termos que elas escolhem usar.

Nessa perspectiva, Mathias (2017), assim como outras estudiosas, aponta para a necessidade de mais traduções de textos escritos por pessoas negras. Mesquita da Silva (2018) explica o sucesso da publicação do livro de Angela Davis e elogia o cuidado e o sucesso da

tradução feita por Heci Regina Candiani, uma acadêmica da área de Ciências Sociais. Diana Hamilton (2018) se aproxima bastante do que se poderia considerar uma Tradução Feminista Negra, enfatizando a necessidade das tradutoras/es mulheres ou homens, negras/os ou brancas/os primarem pela qualidade do que traduzem e como traduzem; aponta também a necessidade de contribuírem para a visibilidade dessas pessoas e riqueza dos seus textos.

A seguir, apresento o referencial teórico que trabalho na construção do meu projeto.

### **Favela**

Favela, quarto de despejo  
lugar do abandono  
onde o pobre é depositado  
sem esperanças de um dia dali sair.  
A diáspora africana se repete na cidade brasileira  
os políticos a cada ano pensam que me enganam

Negridade, negra cor, preta sou...  
Esta é a cor que mais predomina  
no lugar, onde a maioria de nós tem que voltar  
depois de uma longa jornada de trabalho  
árdua, nada fácil!  
inclusive para as mulheres de vida difícil...

É preciso mudar esta situação!  
Mas como?  
Com informação, educação,  
essa é uma solução

A cada dia o pão fica mais caro  
a carne escassa  
o arroz e feijão nem se fala  
Foi o que restou para nossa raça

Para mim ficou a casa grande...  
Onde também limpo o assoalho  
Que nada se compara a meu barraco  
E os meus braços cansados  
Meus trapos  
Quisera eu que fossem como as elegantes roupas  
Que as madames da cidade iluminada vestem...  
Eita vida ingrata!  
Vida de preta favelada...

Mas lutar eu vou!  
Vou honrar meu povo  
meus antepassados  
a minha mãe  
guerreira que veio do interior  
para tentar dar à família  
uma vida melhor...  
Trabalhou na casa do 'senhor'  
e quando quis ir embora  
teve que sair às escondidas  
como se a escravidão  
já não tivesse terminado

Hoje ela é professora  
e eu também quero e vou ser  
Posso não conseguir resolver nada  
mas faço a minha parte  
com muito coração e arte

As coisas que penso serem  
mais importantes desta vida

são:

Amor

Irmandade

Saúde

Prosperidade...

Saber ler

Escrever

Estudar para entender  
como funcionam as leis  
e lutar para nos defender  
ou morrer tentando..

A minha parte eu vou fazer!

E você?

Luciene Rêgo

06/08/2014

Inspirada nas leituras de *Quarto de Despejo*, de Carolina de Jesus, e *Negridade*, de Raimar Batista

#### 4 ALGUMAS NOÇÕES TEÓRICAS

Williams & Chesterman (2002) dividem os Estudos da Tradução em diferentes áreas. Partindo da divisão proposta pelos autores, destaco as três áreas que se entrecruzam na presente pesquisa: 1) Tradução Comentada; 2) História da Tradução, e 3) Ética na Tradução. O projeto de tradução de “*Incidents*” pode ser identificado como uma tradução comentada, por ser um trabalho em que os comentários evidenciam o processo do fazer tradutório, com os diálogos e reflexões internas que envolveram as tomadas de decisões. Insere-se no capô da História da Tradução porque a própria obra já compõe essa área, havendo sido traduzida na década de 1980 para o português e, anteriormente, para outras línguas como o alemão etc. Há ainda, na pesquisa, os seguintes questionamentos: Quem? O que? Por que? Como? Desse modo, também é possível identificar que esta proposta se refere a uma temática em que há uma grande lacuna, tanto na história como na história da tradução, qual seja, a escravidão e as autoras negras.

Minha decisão de traduzir a obra escolhida parte do engajamento político e do local de fala não-neutra de uma mulher negra e feminista que visa trazer à tona uma mulher negra no papel de autora, a qual, mesmo escravizada, consegue escrever sua autobiografia no século XIX. Na pesquisa, meu lugar de fala é sempre evocado, sobretudo quando escolho me posicionar na primeira pessoa. Durante todo o meu processo de escrita acadêmica, desde a graduação, nunca escrevi em primeira pessoa. Logo, para me situar teoricamente, evoco, em mim mesma, um “Eu” adormecido e neutro. Assim como Harden (2016) assinala na passagem abaixo, minha subjetividade também está inserida na pesquisa, sem, contudo, deixar de ter rigor nas fontes e no material histórico.

Ainda que se possa dar uma única resposta às inquietações dos historiadores da tradução acerca do objeto e dos métodos do seu *métier*, algumas tendências recentes podem ser identificadas: i) fortalecimento no fator humano; ii) reconhecimento da subjetividade do pesquisador; iii) aproximação aos métodos e debates da História; iv) adoção de uma perspectiva interpretativa e contextualizada dos dados. Isso significa que hoje os tradutores e outros agentes textuais são também um objeto válido de pesquisa e não somente textos, sistemas literários ou ideologias. Significa também que o desejado do historiador não é a objetividade ou neutralidade, mas sim rigor com relação à confiabilidade de suas fontes ou textos primários, à verificação de pesquisas anteriores ou material histórico que se refiram a essas fontes [...], e o reconhecimento de sua própria subjetividade. (HARDEN, 2016, p. 114).

De acordo com Harden, o papel dos(as) historiadores(as) da tradução se encontra mais fortalecido na atualidade, e o fator humano, bem como a subjetividade que envolve o trabalho de investigação das fontes históricas e da tradução em si fazem com que o/a historiador/a da tradução desempenhe uma tarefa mais ativa dentro desse âmbito, de forma a ser reconhecido/a pelo seu trabalho e pela sua abstração nesse processo. Destarte, outro item importante, ainda elencado por Williams & Chesterman (2002), compreende o âmbito da Ética na Tradução, com a definição de quesitos a serem considerados quando se realiza um trabalho de tradução, que são: a) Diferentes tipos de Ética; b) Fatores culturais e ideológicos; c) Códigos de conduta; d) Ética pessoal e profissional. Dos pontos relativos à Ética na Tradução, todos foram considerados neste estudo, embora os que mais se destacaram foram os **fatores culturais e ideológicos**, os quais se configuraram como a base de motivação da pesquisa realizada.

No tocante aos fatores culturais, afirmo que o texto de Harriet Jacobs é importante para a cultura de chegada, configurando-se como um fundador do gênero autobiográfico estadunidense, que discute a escravidão com o olhar de uma mulher negra que fala de dentro, no que Patricia Hill Collins (2016) denomina de “*Ousider Within*” – ou “estrangeira de dentro”:

Por muito tempo mulheres afro-americanas participaram dos segredos mais íntimos da sociedade branca. Inúmeras mulheres negras iam de ônibus para a casa de suas “famílias” brancas, onde elas não apenas cozinhavam, limpavam e desempenhavam outras tarefas domésticas, mas também cuidavam de suas “outras crianças”, ofereciam importantes conselhos aos seus empregadores e, frequentemente, tornavam-se membros honorários de suas “famílias” brancas. Essas mulheres viram as elites brancas, tanto as de fato como as aspirantes, a partir de perspectivas que não eram evidentes a seus esposos negros ou aos grupos dominantes. (COLLINS, 2016, p. 99).

Na autobiografia de Harriet, há a presença da “*Ousider Within*”, quando a autora narra sua infância, adolescência e fase adulta na casa de seu ‘dono’; como ela via e interpretava os fatos que aconteciam na casa onde vivia como sujeita escravizada; como era a relação do ‘dono’ com a esposa e filhos, e como ela própria via sua condição inferiorizada perante o sistema escravista. Harriet não possuía direito sobre seus próprios filhos, mas ao mesmo tempo tinha de deixar de cuidar dos seus para cuidar das crianças dos seus proprietários. Essa mulher não podia ser dona do seu próprio corpo, que era desejado pelo homem branco.

No contexto acima exposto, no qual a autora fala de si, a partir do seu local, meu papel de tradutora não é inocente. Tenho consciência do impacto desse texto para a sociedade em que vivo e para a comunidade que almejo alcançar. E, como Mona Baker,

[...] defendo que a tradução não media encontros culturais que existem fora de seu âmbito, mas sim participa na produção destes encontros. A tradução não reproduz textos, mas constrói realidades culturais ao intervir no processo de narração e renarração que constitui todos os encontros e que essencialmente constrói o mundo para nós. Não se trata de um ato inocente de mediação desinteressada, mas um importante meio de construir identidades e configurar os moldes de qualquer encontro. (BAKER, 2018, p. 340).

Desse modo, traduzir e trazer à tona questões do feminismo negro para o campo dos Estudos da Tradução é uma tarefa política e ideológica que tenciona manifestar minha inquietação diante de uma área ainda tão pouco explorada, a tradução feminista, a partir do viés do feminismo negro. Minha intenção é provocar mais debates e despertar maior interesse das nossas teóricas feministas para esse campo de estudo. A fim de tornar possível esse debate, recorro à (re)tradução de “*Incidents*”, fundamentando-me nas teorias da (re)tradução).

#### 4.1 (Re)tradução: algumas noções

Grande parte das pesquisas que discutem (re)tradução estão pautadas em Berman (1990), quando afirma que as traduções envelhecem e, por isso, há a necessidade de se retraduzir; segundo ele, nenhuma tradução seria superior ao texto original, mas seria, sim, submissa ao tempo. Apesar de concordar em parte com a afirmação de Berman, percebo que o termo (re)tradução implica uma complexidade que vai além do prazo de validade do texto. Gambier (1994) também discute sobre (re)tradução, alertando para o potencial de marketing que ela carrega, apontando que ela pode ser de um texto total ou parcial. Como observa Malta (2016, p. 286):

Tanto Berman como Gambier convergem no sentido de que vários motivos levam um texto a ser retraduzido. Eles vão desde a atualização de uma tradução que já não representa para o público atual a obra original, até questões comerciais, como o lançamento de novas (re)traduções em datas comemorativas. O fato é que, segundo os autores, a primeira tradução tem sempre uma tendência a ser mais assimiladora em função do argumento de se garantir sua legibilidade pelo público alvo.

Berman e Gambier podem ser considerados como os primeiros autores – da primeira onda da retradução – que discutiram sobre (re)tradução e os motivos que levam uma obra a ser (re)traduzida. Nessa mesma linha de raciocínio, a segunda onda de autores traz o mesmo apelo para a necessidade de se retraduzirem os clássicos:

A “segunda onda” de interesse em retraduições teve como pioneira Isabelle Vanderschelden (2000), em um artigo que discutia os motivos potenciais por detrás da retradução, e Michel Ballard (2000), que fez um estudo de caso da

retradução de Camus L'Etranger para o inglês. Esses dois artigos apareceram no mesmo volume. Nos dois casos, o ponto de partida era a ideia vaga, porém muito difundida, de que os clássicos (ou “livros extraordinários”) necessitam de retradução – ou a evocam. (PALOPOSKI, O.; KOSKINEN, A., 2010, p. 32, tradução minha).<sup>18</sup>

Na literatura dos EUA, o gênero “*slave narratives*” possui seus clássicos, que, apesar de não inseridos na literatura canônica, são reconhecidos como textos fundadores do gênero (YELLIN, 2004). “*Incidents*” é reconhecido como o primeiro livro autobiográfico escrito por uma mulher negra estadunidense (YELLIN, 2004). Por esse fato, suponho que a qualidade da obra – tanto para as mulheres e homens norte-americanas/os, estudiosas/os, militantes e interessadas/os na temática, quanto para a leitora-alvo brasileira – clama por uma (re)tradução atualizada, com vistas a atingir esse público.

Eu instaurou um diálogo com a abordagem teórica de Gleiton Malta (2016, p. 302), que, em sua pesquisa de doutorado, embasado na teoria da tradução com um foco processual, chega a duas definições da (re)tradução dentro dessa abordagem, como tarefa e como processo:

Tarefa na qual o tradutor parte de um texto-fonte já traduzido para a mesma língua-alvo, podendo, ou não, utilizar a(s) tradução(ões) existente(s) desse mesmo texto-fonte, na produção da nova tradução. Nesse caso, as traduções existentes funcionam como apoio/insumo para a reformulação da nova tradução.

Processo que envolve a produção de um texto-alvo, tendo por base o texto-fonte, além de uma ou mais traduções desse texto-fonte na mesma língua, ou não, que podem servir de suporte para a produção da nova tradução. (MALTA, 2016, p. 302).

Desse modo, situo minha (re)tradução como um processo, já que o texto-base é o texto-fonte. No entanto, faço uma comparação com a tradução já existente, que figura como suporte tanto para aceitar as escolhas tradutórias e lexicais quanto para delas discordar, pautando-me no projeto tradutório que define o caminho a ser trilhado, com o embasamento político da tradução negro-feminista. Sendo minha (re)tradução um processo, necessito ancorar-me em outras teorias que permitiram que o percurso fosse alcançado.

---

<sup>18</sup> “The “second wave” of interest in retranslations was pioneered by Isabelle Vanderschelden’s (2000) article discussing potential reasons behind retranslation and Michel Ballard’s (2000) case study on retranslating Camus’ L’Etranger into English; these two articles appeared in the same volume. In both cases, the starting point was the vague but very widespread idea of classics (or “great books”) needing or calling for retranslation.” (PALOPOSKI, O.; KOSKINEN, A., 2010, p. 32)

## 4.2 Tradução comentada

Conforme explicitado anteriormente, a (re)tradução proposta neste estudo envolve um processo, que está subdividido em etapas. Uma das teorias que se constitui como base para o andamento dessas etapas é a tradução comentada. É ela que me permite refletir sobre a atividade cognitiva que envolve as tomadas de decisões que implicam escolhas lexicais e que são pautadas em um projeto político de tradução. Desse modo, situo minha pesquisa no que foi descrito por Williams & Chesterman (2002) como uma tradução com comentários (ou tradução comentada). Segundo os autores (2002, p.7), a tradução comentada “é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva na qual a pessoa traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário no seu próprio processo tradutório”.

Trata-se de um tipo de pesquisa bastante presente nos estudos da tradução, uma vez que os comentários da tradução se constituem um espaço onde o/a tradutor/a tem sua voz e seu local de fala reconhecido. Permitem também que ele/ela exponha sua opinião acerca das decisões tomadas durante o processo da tradução, assim como dúvidas e questionamentos sobre conceitos e implicações de escolhas lexicais. Segundo Torres,

[...] ambos os verbos, traduzir e comentar remetem a um olhar comparatista e historicista. Traduzir e comentar, ao meu ver, não são duas ações tão distintas, pois podem ser intercambiáveis. No entanto, existe alguma confusão entre os dois termos, que às vezes podem se substituir: fala-se às vezes de tradução de um texto para assinalar um comentário e, ao contrário, algumas traduções são verdadeiros comentários. A tradução ainda tem uma vantagem sobre o comentário, uma vez que transporta com ela, quando bem-sucedida, a polissemia do texto “original”, original entre aspas, pois considero a tradução também como um original. As relações entre tradução e comentário são relações de similaridade e de diferença. O comentário pode anteceder a tradução. Pode também a suceder. (TORRES, 2017, p.16).

No excerto acima, Marie-Hélène Torres alerta para a confusão que pode ocorrer entre os termos traduzir e comentar, localizando-os como ações distintas. Contudo, a autora ainda considera, a meu ver, a tradução como superior ao comentário, já que ela teria a “vantagem” de poder ter significados polissêmicos, assim como o texto “original”. Por outro lado, o comentário traz uma interpretação dessa polissemia, podendo construir relações similares ou não, ocorrendo antes ou depois da tradução.

Para realizar uma tradução negra-feminista, enfrentei um dos maiores problemas na escrita acadêmica, como já ressaltado anteriormente: o uso da primeira pessoa e a dificuldade em lidar com um “Eu” aparente que rompe com a estrutura da escrita acadêmica de um modo

geral. Apesar de ser cada vez mais notória a escrita em primeira pessoa na academia em áreas de humanas como as artes, a antropologia, a história, a psicologia, entre outras, ainda é possível se notar que no campo das Letras (língua e literatura) há poucos trabalhos escritos dessa forma. Assim, o desafio inicial configura-se em uma batalha interna entre a subjetividade e a objetividade, entre o científico e o empírico, o comentário amparado pelas teorias da tradução e o comentário relativo a um processo interno que implica tomada de decisões e dúvidas a respeito das escolhas realizadas ao longo desse processo, no ato de citação e no trabalho com as nossas narrativas orais, os subalternizados, A seguir, explico como foi construído o projeto tradutório e as etapas que fundamentaram o processo de tradução.

#### 4.3 Construção do projeto tradutório

O projeto tradutório passou a ser construído a partir da orientação da função do texto alvo (TA), que se destina às feministas, acadêmicas ou não, com o enfoque do feminismo negro. As escolhas teóricas seguem o que é proposto pela tradução feminista, primando por romper intencionalmente com os padrões patriarcais que regem a modalidade padrão do Português Brasileiro, marcando-a com escolhas lexicais e semânticas.

“*Incidents in the Life of a Slave Girl*” é um texto autobiográfico de conteúdo histórico feminista, e seu público receptor inicial eram as mulheres do Norte dos Estados Unidos no século XIX. Atualmente, seu público receptor ainda é o feminino; entretanto, traduzo a obra para o público brasileiro – ou leitor de língua portuguesa – do século XXI. O lugar de enunciação, o tempo, a cultura e a língua devem ser considerados na tradução, e o texto alvo (TA) é direcionado pela recepção alvo (RA).

Os paratextos editoriais adquirem um papel importante na análise do texto-fonte (TF), uma vez que ele fornece os dados necessários para a melhor compreensão do texto de Harriet Jacobs. A introdução de Yellin, presente na edição utilizada por Waltensir Dutra, e a introdução acrescentada à edição mais recente de 2009 fornecem provas de que a obra é de natureza autobiográfica e não um romance, como se acreditava antes da pesquisa histórica realizada por Yellin (2004). Há provas também de que o texto foi escrito por Harriet Jacobs, e não contado ou ditado por ela, pois a autora dominava o padrão da norma culta, conforme Yellin conseguiu atestar em sua pesquisa.

O prefácio da autora traz um texto que se dirige às leitoras do Norte, as quais ela quer alcançar com seu escrito; nele, há uma confissão de Jacobs atestando que seu texto é

autobiográfico. O prefácio da organizadora do texto também confirma a autoria de Harriet Jacobs, ressaltando não haver alterado o conteúdo da obra, havendo apenas situado a escrita em uma ordem mais didática para o/a leitor/a.

O modelo funcionalista proposto por Christiane Nord (1988) possibilita o esboço de um projeto que analisa o texto fonte (TF), a primeira tradução de Waltensir Dutra, direcionando-me ao texto alvo (TA), voltado para o público feminista. Com base nesse modelo, identifiquei onde pretendo chegar, orientando-me pelo referencial teórico e pelas escolhas léxico-semânticas ao longo da tradução.

Os textos que serão (re)traduzidos foram escolhidos levando-se em conta o tempo disponível para a realização da pesquisa e também o que desejo evidenciar por meio deste estudo. Sendo assim, foram traduzidos: o prefácio da autora; o prefácio da organizadora; o primeiro capítulo, referente à infância de Jacobs; os capítulos 6,7 e 10, que relatam as investidas sexuais de seu “dono”, que proibiu Harriet de se casar com quem queria, um homem negro livre. Os capítulos escolhidos visam mostrar os sofrimentos, violências e abusos enfrentados por Harriet ao longo de sua vida como escravizada, sua opinião e análise das dificuldades enfrentadas e a exposição de seu modo de ver o mundo, sob a condição subalternizada a que estava sujeita.

Por fim, apresento excertos mais aprofundados, traçando comentários sobre as escolhas tradutórias e tecendo reflexões sobre o aspecto histórico-feminista, sobretudo, sobre o caráter de denúncia expresso na escrita da autora. Evidencio o recorte do feminismo negro, quando exponho e comparo as experiências singulares enfrentadas por essa mulher de cor vivendo como escravizada em uma família branca do sul dos Estados Unidos. A experiência da tradução feminista e da interface com os estudos culturais, históricos, assim como a percepção da implicação do recorte racial são elementos relevantes para se pensar um feminismo que contemple as mulheres negras em situação de opressão. Por último, na (re)tradução, é possível encontrar os trechos selecionados para a pesquisa, no texto fonte (TF), a tradução de Waltensir Dutra e a tradução proposta por este trabalho. No próximo tópico, discuto mais detalhadamente o funcionalismo e modelo de Nord (1988) e apresento o projeto tradutório, seguido dos comentários.

#### 4.4 O funcionalismo e o modelo de Christiane Nord

Um grande marco na virada dos Estudos da Tradução é a publicação do livro “*Die Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik*” (“As Possibilidades e Limites da Crítica da Tradução”), de Katharina Reiss, em 1971. Na abordagem funcional dentro dos Estudos da Tradução, destaco Katharina Reiss e Hans J. Vermeer (1984) em “*Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*” (“Fundamento da Teoria Geral da Tradução”), com a proposta de elaboração de uma teoria geral da tradução com aspectos teóricos e práticos da tradução e problemas gerais, e “*Textanalyse und Übersetzen*” (“Análise textual em tradução”), de Christiane Nord, publicado na Alemanha em 1988 (MOREIRA, 2014).

A “*Skopostheorie*” (“Teoria do Escopo”) teve Hans Vermeer, em seu ensaio “*Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie*”, (“Esboço de uma Teoria Geral da Tradução”), de 1978, como autor. Vermeer rompeu com os padrões que norteavam as teorias da tradução até então, as quais primavam sobretudo pela fidelidade ao texto original. Por meio da *Skopostheorie*, a centralidade das teorias se volta para a função do texto, ou o receptor e suas especificidades. Como observa Fanaya:

A idéia central de Vermeer é a de que o objetivo (*skopos*) da tradução é o destinatário (que é o receptor pretendido do texto-alvo), e seu entendimento de mundo é determinado por sua cultura específica, suas expectativas e necessidades de comunicação (NORD, 1997, p.12). A partir daí, Vermeer relativiza os conceitos de texto e de tradução (SNELL-HORNBY, 2006, p.52), o que abriu caminho para que, ao longo do tempo, não só ele, mas também outros estudiosos da tradução pudessem libertar-se da tradição e buscar caminhos interdisciplinares diferentes que contribuíssem para fortalecer esse campo de estudos. (FANAYA, 2009, p. 53).

A partir da “*Skopostheorie*”, Christiane Nord desenvolve seu modelo funcionalista, com foco no/a receptor/a do texto ou na função que lhe foi atribuída pelo autor, orientando-se pelos signos comunicativos, tanto do texto fonte (TF) quanto do texto alvo (TA); os papéis: do iniciador e do tradutor; os princípios linguísticos e discursivos; as tipologias textuais do texto fonte (TF) e do texto alvo (TA); o/a receptor/a e o processo de recepção do texto (NORD, [1988]2016).

Recorro, neste trabalho, à edição de “*Textanalyse und Übersetzen*”, de Christiane Nord, traduzida para o português e publicada em 2016 como “Análise Textual em Tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática”, em uma tradução coletiva, coordenada por Meta Elisabeth Zipser com o auxílio da própria autora do texto original.

Segundo Nord ([1988] 2016), a maioria dos textos que abordam a teoria da tradução concluem que o texto fonte (TF) deve ser primeiramente analisado e compreendido corretamente, antes de se traçar um plano de abordagem para sua tradução. Entretanto, a autora também afirma que, quando se trata da tradução, essa compreensão do texto exige diferentes abordagens, já que ela não apenas deve se basear na análise literária, gramatical, linguística e textual da língua fonte, precisando também fornecer um alicerce confiável para as possíveis decisões do/a tradutor/a, bem como se constituir numa referência ao longo do processo tradutório. Desse modo, Nord propõe um modelo que possa ser aplicado a toda e qualquer tradução, literária ou não, e que seja um guia para tradutores/as experientes, profissionais, professores/as e/ou estudantes.

O modelo deve ser: (a) suficientemente geral para ser aplicado a qualquer texto e (b) suficientemente específico para contemplar tanto os problemas de tradução existentes quanto os que possam surgir. Problemas ou dificuldades interculturais e interlinguísticas específicas, dependendo do nível de competência do tradutor ou do sentido do processo de tradução, podem então ser introduzidos nas linhas correspondentes do modelo. O modelo que estamos nos esforçando para produzir, então, é bastante voltado para os aspectos da cultura, da comunicação e da tradução, independente da língua. (NORD, [1988] 2016, p.22).

Tais foram os fundamentos seguidos pelo modelo de Nord para se constituir. A tradução já esteve mais ligada à linguística e/ou à literatura. No entanto, quando Reiss propôs a abordagem funcional em 1971, a função da tradução passou a ser incluída e seu modelo de crítica de tradução torna-se um critério, que visa estabelecer uma categoria de análise pautada em casos onde o texto alvo (TA) tem função diferente do texto fonte (TF). Nord ([1988] 2016) descreve o processo tradutório especificando os componentes de uma tradução como: “iniciador/a” (INI), em que um/a cliente contrata o tradutor (TRD) com o intuito de traduzir determinado texto alvo (TA) para um destinatário ou receptor desse texto (R-TA). Como observa Nord:

Também pode acontecer de precisamente ser o/a iniciador/a quem queira entender na língua alvo (LA) um determinado texto fonte (TF) escrito em uma língua fonte (LF) por um autor inserido em uma cultura fonte (CF), ou ainda transmitido desta língua fonte (E-TF). (NORD, [1988] 2016, p. 17-180).

Ainda segundo a autora,

Os elementos e componentes do processo de ação tradutória são, em ordem cronológica: produtor do TF, emissor do TF, texto fonte, receptor do TF,

iniciador, tradutor, texto alvo, receptor do TA. Estes são os papéis comunicativos que podem, na prática, ser representados por um mesmo indivíduo. Por exemplo, o próprio autor do TF, o receptor do TA ou mesmo o tradutor podem agir como iniciadores de uma tradução. (NORD, [1988] 2016, p.24).

Neste trabalho, sou a Iniciadora do processo tradutório e também a Tradutora, uma vez que se trata de uma pesquisa de mestrado, que parte de um desejo pessoal, que impulsiona a (re)tradução. No próximo tópico, os elementos serão definidos e identificados na elaboração do projeto de tradução, seguindo o modelo de Nord.

Christiane Nord discute sobre os modelos que geralmente são utilizados no processo de tradução, de duas ou de três fases; apresenta um terceiro modelo, que denomina de circular. O modelo de duas fases consiste de duas etapas sequenciais, a primeira de análise (ou decodificação) do TF, e a segunda de reverbalização (ou reconstrução) do TF para a LA. Esse modelo “se baseia no pressuposto de que traduzir é uma operação de “troca de códigos” (“*code-switching*”) na base de signo por signo” (NORD, [1988] 2016, p. 66). Talvez esse modelo possa se referir mais à interpretação simultânea, conforme a autora aponta, do que à tradução em si, tendo em vista que o processo de interpretação ocorre de forma mais dinâmica, na fala, sem muito tempo para reflexões teóricas ou questionamentos sobre escolhas.

Em seguida, o modelo de três fases apresentado por Nord possui uma fase intermediária localizada entre as duas fases ora citadas, dividindo-se em: “análise (fase de decodificação ou de compreensão), transferência (ou transcodificação) e síntese (ou recodificação)” (NORD, [1988] 2016, p. 66). A autora também ressalta como esse modelo é o que se aproxima mais da realidade da tradução como atividade profissional.

Ambos os modelos sugerem que o TF carrega em si todas as informações necessárias à sua decodificação e recodificação, independentemente da função do TF e do TA, cabendo a/o tradutor/a o papel de analisar TF e o TA e realizar o processo tradutório, mesmo que ele/a seja apenas um/a receptor/a e “a sua opinião sobre o texto fonte não pode ser considerada definitiva” (NORD, [1988] 2016, p. 68).

Assim, o modelo circular proposto por Nord, seguindo a “*Skopostheorie*” elaborada por Reiss e Vermeer (1984), traz uma nova proposta, de acordo com a abordagem funcional, na qual a função determina o caminho a ser trilhado pelo/a tradutor/a. O esquema abaixo, retirado da edição brasileira de 2016, demonstra como ocorre esse processo:

Figura 4. Modelo circular – passos propostos por Christiane Nord (1988, p.71).

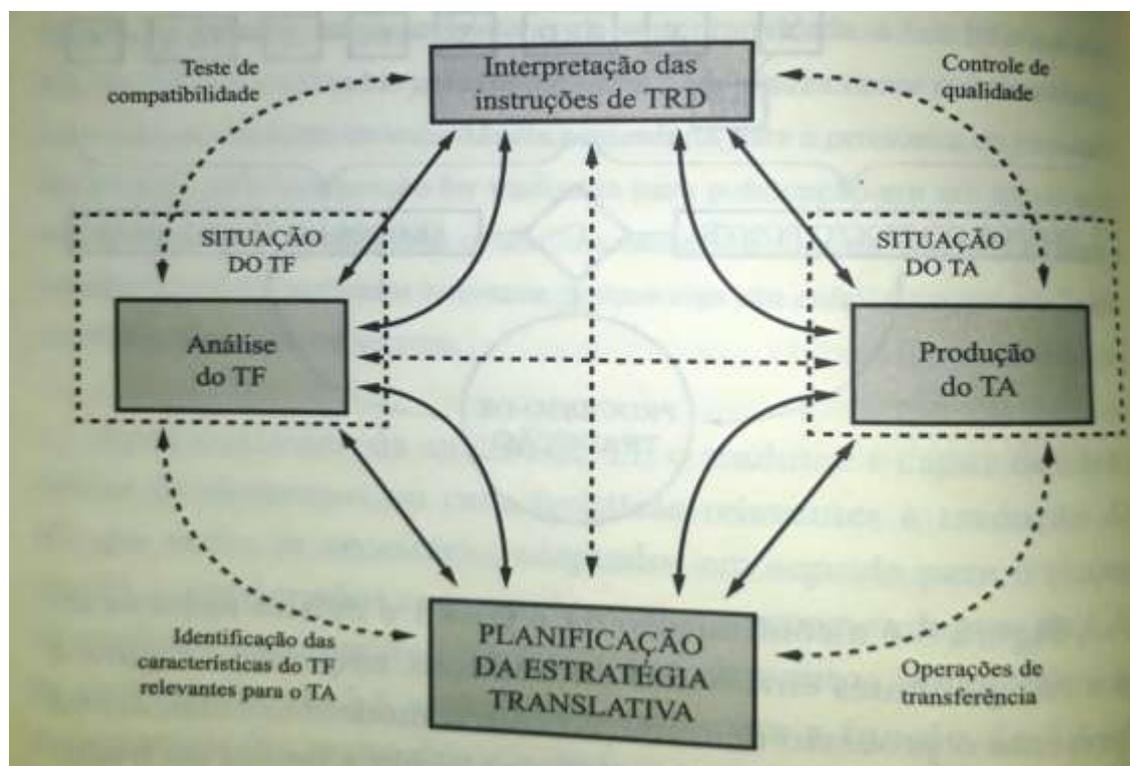


Nord opta pelo termo ‘passos’, em vez de ‘fases’, para nomear os variados procedimentos adotados no processo tradutório. O movimento é ‘circular’, uma vez que é possível retornar ao ponto de início ou a qualquer outro ponto, sempre que necessário para se adequar ao que está sendo exigido da função requerida pelo/a iniciador/a.

Conforme a Figura 4, estão, lado a lado, as situações comunicativas do TF (SIT-F) e do TA (SIT-A) e, abaixo de cada uma delas, sua respectiva produção e recepção do TF e do TA. Vê-se, na ponta da linha central traçada verticalmente, a palavra “tradução”. Entretanto, um pouco mais acima, do lado direito, tem-se a recepção do TF (TF-R), que, direcionada para baixo, ao lado da palavra tradução, apresenta uma seta ligando o TF ao seu/sua emissor/a e, novamente, ao TF. Desse modo, observa-se que o segundo passo se subdivide em dois: o primeiro é uma análise geral do TF, e o segundo exige uma análise mais detalhada de todas as categorias que envolvem o texto, as quais são de grande importância para o “*skopos*” do TA e a produção deste. Assim, traça-se um “*skopos*” do TF, que, determinado pelo/a iniciador/a, direciona a tradução ao TA, de acordo com o público receptor definido pelo/a iniciador/a, direciona posteriormente a recepção do TA (TA-R). Logo abaixo do esquema, do lado esquerdo, vê-se o “*skopos*” do TF; no meio, está a tradução, envolvida por um círculo e, em seguida, o TA. O círculo implica o movimento de ida e volta que pode ocorrer por intermédio

do/a tradutor/a sempre que necessário. Esses movimentos circulares podem ser percebidos com mais exatidão na figura abaixo:

Figura 5. Modelo circular (o processo de tradução descrito pelo modelo de Nord (1988, p.72).



Como é possível perceber, os passos estão em ordem circular e em direções opostas, sem necessariamente seguirem uma sequência. A partir do momento em que se inicia a tradução, de acordo com os passos propostos pela figura 5, não se segue uma ordem sequencial, pois as interpretações feitas do TF, que levam à produção do TA, também passam pelas estratégias translativas, ou seja, os passos da figura 4 explanados anteriormente. Um termo que pertence ao funcionalismo e que está presente nesse tipo de tradução é a “translação” ou o/a **translador/a**. Conforme Reiss & Vermer:

O translador parte de um texto pré-determinado, por ele compreendido e interpretado. Um texto é, por assim dizer, uma oferta de informação a um receptor por parte de um produtor. (O tipo de oferta depende de condições situacionais [...]) O translador formula um texto de chegada que, enquanto texto, também é conseqüentemente uma oferta de informação a um receptor. Um translato é, assim, descritível como uma oferta de informação de uma determinada espécie acerca de uma oferta de informação. (REISS; VEERMER, 1984, *apud* MOREIRA, 2014, p. 150).

A translação vai além da simples compreensão e decodificação de um TF e sua recodificação em TA, processo descritos no modelo 1 e 2. O/a translador/a tem em seu poder

um TF, apresentado por um/a iniciador/a, no qual ele/a realizará um trabalho multicircular de compreensão, interpretação e conhecimento das culturas do TF e do TA. A compreensão dos contextos culturais de textos produzidos em culturas e tempos diferentes engloba também variações linguísticas, sincrônicas e diacrônicas, entre outros elementos. Sendo assim, a estratégia translativa compreende todos esses fatores, orientados pela função do texto que determinará a natureza do TA final, a qual não necessariamente está presa à chamada fidelidade ao “texto original”, mas, sim, à equivalência funcional.

#### 4.5 Funcionalismo e Tradução Feminista

O entrecruzamento da teoria funcionalista com a tradução feminista negra resultou em um projeto tradutório que é fruto de uma intersecção de teorias. A seguir, exponho passo a passo como o processo assim se configurou.

##### 4.5.1 O projeto tradutório

A retradução da obra Harriet Jacobs se direciona a todas as mulheres, especialmente àquelas com interesse nas causas feminista e abolicionista, sobretudo o feminismo negro, em particular no âmbito acadêmico. Por se tratar de um público significativamente amplo, fez-se necessário o foco no âmbito acadêmico voltado aos estudos de gênero e à tradução feminista, sem excluir, contudo, as feministas não acadêmicas e todas as pessoas interessadas em estudos de gênero. Neste ponto é importante reconhecer a função do texto de partida e de chegada. A função do texto deve ser mantida, mas a intenção pode variar na tradução, tendo em vista que se trata de públicos-alvo diferenciados e em tempos históricos distintos.

A função do texto de partida traduzido neste trabalho é comunicar os sofrimentos vivenciadas por Jacobs, no período da escravidão, por meio de uma autobiografia. Foi possível identificar essa função de forma expressa já no título *“Incidents in the life of a slave girl: written by herself”* (“Incidentes da vida de uma escrava contados por ela mesma”). O nome, no caso, se insere no gênero autobiográfico conhecido como “narrativa ou memória de escravos” (ou de escravizados); *“slave narrative”* em inglês – ou, como preferem alguns autores, uma narrativa de emancipação, *“a narrative of emancipation”* (BRAXTON, 2010). A característica mais importante do gênero é ser um reflexo do momento em que os próprios negros escravizados se envolvem no movimento de emancipação, deixam de ser objetos observados e passam a usar

sua voz para darem um testemunho e expressarem seus sentimentos como seres humanos presos em um sistema monstruoso.

É importante considerar as características intratextuais e extratextuais do texto de partida, que dependem das suas relações com a situação comunicativa ou com o texto. De acordo com Nord (2005), os fatores extratextuais podem ser encontrados por intermédio das seguintes questões:

Quem transmite: para quem/ para o que/ qual o meio/ onde/ quando/por que um texto e com que função? Qual a importância do tema/ ela/e diz o que/ (o que não diz) / em que ordem/usando quais elementos não-verbais/ em quais palavras/ em que tipo de sentenças/ em que tom/ para qual efeito? (NORD, 2005, p. 41).<sup>19</sup>

Levando-se em consideração tais questionamentos, considero possível fazer uma comparação entre o texto de partida e o texto de chegada, de forma a verificar, assim, se a função foi mantida, identificando as intenções que se almeja alcançar.

Monique Pfau (2010, p. 50-51) organizou uma tabela com base nos critérios definidos pelo modelo de Nord, na qual inseriu tópicos e respostas. A seguir, emprego a divisão da sua tabela, a fim de sistematizar as informações no projeto tradutório realizado:

---

<sup>19</sup> “Who transmits: to whom/ what for/ by which médium/ where/when/why/ a text/ with what function? On what subject matter does s/he say/what/ (what not)/ in what order/ using wich non-verbal elements/ in wich words/in what kind of sentences/ in wich tone/ to what effect?” (NORD, 2005, p. 41).

Quadro 4 - Fatores externos e internos.

	<b>Texto fonte</b>	<b>Primeira tradução</b>	<b>Texto alvo</b>
<b>Fatores externos</b>			
Emissor	Harriet Ann	Waltensir Dutra	Luciene do Rêgo da Silva
Intenção	Transmitir a própria narrativa pessoal no período da escravatura nos EUA e suas vivências, denunciando os sofrimentos e violências enfrentados em sua trajetória.	Tradução Comercial realizada para publicação por uma editora.	Compartilhar com o público brasileiro a narrativa de uma mulher escravizada nos EUA do século XIX e suas vivências; denunciar os sofrimentos e violências enfrentados em sua trajetória.
Receptor	Leitoras/es dos EUA abolicionistas, feministas e/ou interessadas/os na temática da escravidão nos EUA, a partir da narrativa de uma mulher.	Público em geral.	Mulheres feministas ou não, acadêmicos/as da área de Tradução, Estudos de Gênero e Raça.
Meio	Livro impresso	Livro impresso.	Dissertação de Mestrado.
Lugar	New York - Estados Unidos	Rio de Janeiro - Brasil.	Brasília-Brasil.
Tempo	1861	1988	2017/2018
Propósito	Denunciar as violências, principalmente contra a mulher, imputadas pela escravidão por meio da escrita autobiográfica.	Tornar acessível a leitura de <i>Incidents</i> ao público em geral	Tornar acessível a leitura de <i>Incidents</i> às acadêmicas (e não acadêmicas) feministas ou às/aos interessadas/os pela temática, por uma tradução feminista comentada sob o viés negro-feminista.
Função textual	Autobiografia.	Autobiografia traduzida.	Autobiografia traduzida e comentada.

	<b>Texto fonte</b>	<b>Primeira Tradução</b>	<b>Texto alvo</b>
<b>Fatores internos</b>			
Tema	Escravidão negra nos Estados Unidos do século XIX e violência contra a mulher escravizada.	Escravidão negra nos Estados Unidos do século XIX e violência contra a mulher escravizada.	Escravidão negra nos Estados Unidos do século XIX e violência contra a mulher escravizada.
Conteúdo	Texto autobiográfico da vida de Harriet Ann Jacobs.	Texto autobiográfico da vida de Harriet Ann Jacobs.	Texto autobiográfico da vida de Harriet Ann Jacobs.
Estruturação	Prefácio, introdução e capítulos.	Prefácio, introdução e capítulos.	Prefácio, introdução e capítulos 1, 6, 7 e 10.
Léxico	Linguagem formal, com marcas da língua inglesa do século XIX.	Linguagem padrão (rebuscada) da norma culta.	Texto acadêmico; linguagem formal e simples.
Sintaxe	Simples.	Simples.	Simples.
Efeito do Texto	Causar impacto na luta abolicionista e no movimento feminista em ascensão, à época, nos EUA, por meio de um relato em primeira pessoa a respeito dos sofrimentos infringidos à mulher negra escravizada.	Traduzir uma obra do século XIX com um fim comercial.	Chamar a atenção das feministas (acadêmicas ou não) para um dos textos fundadores da escrita feminina negra dos Estados Unidos, em tradução feminista comentada de <i>Incidents</i> , mostrando os sofrimentos infringidos à mulher negra escravizada.

#### 4.5.2 Discussão sobre pontos específicos da (re)tradução de *Incidents in the Life of a Slave Girl*

Inicialmente, realizei uma análise detalhada do texto de Harriet Jacobs para, em seguida, me debruçar sobre a tradução de Dutra. Logo após, procurei assumir uma posição tradutória que se configura como engajada, com o aporte do feminismo interseccional e do feminismo negro. Este projeto de tradução foi traçado principalmente sob o viés feminista, como uma operação criativa. Conforme observa Castro,

[...] entendendo a tradução como ‘operação criativa’, e não como ‘mera recriação’ (Godard), as teorias feministas querem elevar o papel da tradução ao nível de tarefa criativa e produtora de significados, e com esse movimento, metaforicamente, promover a visão da mulher não como mera reprodutora, como tendo tarefa secundária na sociedade, mas como produtora. É interessante destacar a expressão ‘mera recriação’ porque ela diz muito sobre a redefinição do traduzir pelas feministas. (CASTRO, 2007, p. 64).

Castro aborda a reescrita do feminino, sob a perspectiva de se assumir uma postura política de engajamento na tradução. Tal posicionamento reflete-se diretamente na língua e nas escolhas lexicais e semânticas; é uma tarefa criativa. O gênero que figura na tradução é resultado de um projeto tradutório em que a mulher e o feminino são as personagens principais e, também, o público a quem o texto se dirige em primeiro lugar.

De modo a desconstruir a hegemonia masculina expressa, Butler (2003, p. 22) propõe questionar e subverter esses valores, os quais se encontram principalmente na linguagem. Assim sendo, “as estruturas jurídicas da linguagem e da política constituem o campo contemporâneo do poder; conseqüentemente, não há posição fora desse campo, mas somente uma genealogia crítica de suas próprias práticas de legitimação”. A linguagem é uma estratégia de luta, uma das mais fortes e de valor inquestionável, uma vez que é o meio utilizado pelos seres humanos para se comunicarem. Dessa maneira, é por meio dela que se torna possível desconstruir valores hegemônicos na nossa sociedade.

Na tabela a seguir, constam algumas das mudanças propostas no projeto de tradução, a serem analisadas posteriormente, em uma comparação com a tradução de Dutra e com o texto de partida:

Quadro 5- Fatores externos e internos.

Texto de partida	Tradução de Dutra	Retradução
<i>Incidents in the life of a slave girl</i>	Incidentes <b>da</b> vida de uma <b>escrava</b>	Incidentes <b>na</b> vida de uma <b>garota escravizada</b>
<i>written by herself (presente como folha de rosto na primeira edição).</i>	<b>contados</b> por ela mesma (na capa do livro)	<b>escritos</b> por ela mesma (na capa do livro)

No texto de partida, as partes que foram modificadas na retradução aparecem em negrito e são diferentes da primeira tradução. Na retradução, a escolha por ‘garota escravizada’ aparece como mais próxima do texto de partida, também apontando para uma condição, um estado temporário, e não permanente. Como explica Harkot-de-la-Taille & dos Santos:

Enquanto o termo escravo reduz o ser humano à mera condição de mercadoria, como um ser que não decide e não tem consciência sobre os rumos de sua própria vida, ou seja, age passivamente e em estado de submissão, o vocábulo escravizado modifica a carga semântica e denuncia o processo de violência subjacente à perda da identidade, trazendo à tona um conteúdo de caráter histórico e social atinente à luta pelo poder de pessoas sobre pessoas, além de marcar a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores. (HARKOT-DE-LA-TAILLE; DOS SANTOS, 2012, p. 8-9).

A pessoa escravizada convivia diariamente com uma profunda violência física e psicológica. A palavra ‘escravizada’ denuncia esse processo de perda de dignidade; chama a atenção para alguém que não vivia conformado com essa condição e com o poder que a palavra ‘escrava’ carrega semanticamente. O opressor abusava constantemente desse poder sobre os subjugados, principalmente as mulheres, que eram triplamente violentadas: física, psicológica e sexualmente. Conforme Davis,

Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras. (DAVIS, 2016, p. 20).

Dessa forma, a escolha da palavra ‘escravizada’ assume, neste estudo, o papel de denúncia ao sistema escravagista injusto sob o qual vivia a protagonista.

No texto de partida, a palavra ‘*written*’ foi traduzida por Waltensir Dutra por ‘contados’; na minha tradução, e escolha foi por ‘escritos’. Observo que o termo ‘contado’, no Dicionário Aurélio Online (2017, n/p), se refere, em língua portuguesa, ao adjetivo masculino singular, particípio passado do verbo contar, e indica: “dado por conta; referido; de contado: pago no ato da compra; determinar o número, o valor, a quantidade; calcular; ter o número de; levar em conta; incluir”; e contar (verbo) “determinar o número, o valor, a quantidade; calcular; **narrar; referir; entrar em conta, incluir-se, dizer-se**” (grifo meu), entre outros. Com exceção dos significados “‘narrar’, ‘referir’ e ‘dizer-se’, que podem ser relacionados à escrita, os demais não contemplam a tradução de ‘*written*’ do texto de partida, já que “contados” permite um significado muito aberto, podendo ser interpretado como uma narrativa ditada pela autora, e não escrita por ela mesma.

Nesse sentido, a escolha da tradução de ‘*written*’ para ‘escritos’ se justifica primeiramente pela sua definição na língua portuguesa no Dicionário Aurélio Online (2017, n/p), como adjetivo/substantivo masculino singular; particípio passado do verbo ‘escrever’, que denota “papel em que há letras manuscritas; ordem por escrito; representado em caracteres, grafado”; e ‘escrever’ (verbo): “pôr, dizer ou comunicar por escrito; encher de letras; compor, redigir; ortografar; fixar, gravar; representar o pensamento por meio de caracteres de escrita; formar letras; ser escritor; dirigir-se por escrito a alguém”, etc. Já no dicionário Linguee Online (2017), a definição de ‘*written*’ aparece como adjetivo/particípio passado, traduzido para o português como “escrito; redigido; elaborado; impresso; inscrito; registrado”; e ‘*write*’ (verbo -‘*wrote*’, ‘*written*’): “escrever (algo); compor; grafar (algo); anotar (algo); redigir (algo)”.

Harriet Ann Jacobs, além de escrever sua própria história, teve a ousadia de publicá-la e direcioná-la às mulheres – em especial as do Norte – para que tomassem consciência do que as mulheres escravizadas do Sul passavam e das atrocidades às quais estavam sujeitas. A escritora aprendeu a ler e escrever ainda na infância, com sua antiga ‘dona’ O livro de Harriet é o testemunho de uma mulher negra que tinha a caneta e a habilidade da escrita nas mãos e que soube usar essa vantagem em prol de seu povo, tornando-se porta-voz das mulheres que viviam em cativeiro, conforme se pode confirmar logo no prefácio de seu livro:

Não escrevi minhas experiências a fim de atrair a atenção para minha pessoa, pelo contrário, seria mais apazível para mim ter silenciado a respeito da minha história. Tampouco me importo em despertar simpatia por meus sofrimentos. Entretanto, desejo sinceramente levantar as mulheres do Norte, no sentido de se conscientizarem das condições de dois milhões de mulheres do Sul, ainda em Cativeiro sofrendo o que eu sofri e, a maioria delas até pior.

Quero acrescentar meu testemunho ao das artes da pena a fim de convencer as pessoas dos Estados Livres sobre o que a Escravidão realmente é. (JACOBS, 1961, p. 2, tradução minha)<sup>20</sup>.

No prefácio escrito por Jacobs sob o pseudônimo de Linda Brent, encontra-se o texto direcionado a/o READER – vocábulo grafado em caixa alta. Na sua transposição para o português, questiono-me sobre como traduzi-lo. Qual seria a escolha a ser adotada? Qual seria o gênero, o feminino ou o masculino? Ou os dois? Essa é uma reflexão que deve considerar a língua tanto do texto de partida quanto do texto de chegada, assim como o projeto de tradução feminista negra. O caminho traçado influencia diretamente a palavra selecionada na hora da transposição para a língua de chegada.

A tradução feminista traz em seu cerne o questionamento aos valores hegemônicos predominantes no cânone literário. A primeira tradução foi realizada por um tradutor do sexo masculino, que produziu várias traduções comerciais. Supõe-se que o/a leitor/a alvo da edição publicada em português pela Editora Campus era o grande público em geral. Acredita-se que a tradução em questão cumpriu sua função em relação ao leitor almejado. No presente momento, porém, proponho uma (re)tradução mais voltada para o público feminista. Sobre a questão, Chamberlain comenta a respeito dos

[...] efeitos e o mercado de decisões relativamente ao que será traduzido, por quem e como as traduções serão comercializadas, os efeitos das traduções no cânone e no gênero, a função das diferentes formas de escrita “silenciosa” como a tradução de um discurso articulado da mulher e a subversão das formas hegemônicas de expressão. A teoria feminista e a pós-estruturalista têm nos encorajado a ler no entorno ou nas entrelinhas do discurso dominante para obter informações e autoridade. A tradução pode fornecer uma riqueza de informações sobre práticas de dominação e subversão. (CHAMBERLAIN, 2004, P. 319, tradução minha).<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> “I have not written my experiences in order to attract attention to myself; on the contrary, it would have been more pleasant to me to have been silent about my own history. Neither do I care to excite sympathy for my own sufferings. But I do earnestly desire to arouse the women of the North to a realizing sense of the condition of two millions of women at the South, still in bondage, suffering what I suffered, and most of them far worse. I want to add my testimony to that of abler pens to convince the people of the Free States what Slavery really is.”(JACOBS, 1961, p. 2).

<sup>21</sup> “[...] the effects and the market-place on decisions concerning which texts are translated, by whom, and how these translations are marketed; the effects of translations on canon and genre; the role of “silent” forms of writing such as translation in articulating woman’s speech and subverting hegemonic forms of expression. Feminist and poststructuralist theory has encouraged us to read between or outside the lines of the dominant discourse for information about cultural formation and authority; translation can provide a wealth of such information about practices of domination and subversion.”(CHAMBERLAIN, 2004, p. 319).

Assim como expresso na passagem anterior, a tradução feminista traz como característica a subversão. A linguagem hegemônica é a masculina; o leitor almejado nas traduções é o masculino, aquele que, em grande parte, não questiona se o texto o contempla ou se é direcionado a ele. Na retradução de *Incidents*, a leitora a quem o texto se destina é do gênero feminino em primeiro lugar. Não excluo, neste trabalho, os demais gêneros; entretanto, mantenho a leitora ideal o mais próximo possível da meta do texto de partida, que originalmente direcionava-se às mulheres do Norte (dos Estados Unidos). No momento atual, direciono esse texto à mulher brasileira, ou quiçá de um país africano de língua portuguesa; às mulheres negras e não-negras, que podem ainda não ter conhecimento dessa escrita e/ou que tenham interesse na temática, e principalmente, às feministas negras e defensoras do feminismo interseccional, assim como às acadêmicas. Desse modo, escolho traduzir ‘*READER*’ como ‘*LEITORA*’, de modo a causar, assim, um estranhamento proposital no texto de chegada, provocando a reflexão sobre o porquê dessa escolha e, de forma mais geral, sobre este projeto tradutório.

Quadro 6 - Exemplo de tradução.

<p><b>READER</b> be assured this narrative is no fiction. <b>I am aware</b> that some of my adventures may seem incredible; but <b>they are, nevertheless strictly true.</b> I have not exaggerated the wrongs <b>inflicted</b> by Slavery; on the contrary, my descriptions <b>fall far short</b> of the facts. <b>I have concealed</b> the names of places, and <b>given persons fictitious names.</b> I had no <b>motive for secrecy on my own account, but I</b></p>	<p><b>LEITOR, / PODES ter certeza</b> de que esta narrativa não é fictícia. <b>Sei</b> que algumas de minhas aventuras podem parecer inacreditáveis, <b>mas apesar disso são rigorosamente verídicas.</b> Não exagerei os males <b>causados</b> pela Escravidão; pelo contrário, minhas descrições <b>ficam muito aquém</b> dos fatos. <b>Ocultei</b> os nomes de lugares e <b>dei nomes fictícios</b> às pessoas. Não <b>tinha motivos para ser reservada em relação a</b></p>	<p><b>LEITORA, esteja certa</b> de que esta narrativa não é fictícia. <b>Estou consciente</b> de que algumas das minhas aventuras podem parecer inacreditáveis, <b>mas elas são, todavia, estritamente verdadeiras.</b> Não exagerei nas injustiças <b>infligidas</b> pela Escravidão, pelo contrário, minhas descrições <b>estão ainda longe</b> dos fatos. <b>Omiti</b> os nomes dos locais e <b>dei às pessoas nomes fictícios.</b> Não o fiz por <b>motivos pessoais, mas considerei gentil ocultá-los,</b></p>
--	---	---

deemed it kind and considerate towards others to pursue this course.	mim mesma, mas julguei que seria um ato de bondade e consideração para com os outros adotar essa atitude.	uma vez que as pessoas seguem seu caminho.
--	---	--

No próximo capítulo, apresento um quadro em que estão posicionados o texto original, a tradução de Waltensir Dutra e a minha (re)tradução, com alguns comentários constantes nas notas de rodapé. Os trechos sobre os quais me dediquei neste estudo foram: a dedicatória do livro, o prefácio da Autora, a introdução da organizadora do texto, o primeiro capítulo e o capítulo 6.

### **Me lembro da escola**

os meninos jogando bola  
as meninas brincando  
e eu ali de canto  
sempre deixada de lado  
perguntava o porque  
ninguem sabia o que dizer  
vários apelidos:  
neguinha, cabelo de bombril,  
nega do cabelo duro que não gosta de pentear!  
queria saber o que fiz  
para isso merecer

depois fui crescendo  
meu corpo foi mudando  
e eu me questionando  
se isso ia mudar  
se aqueles meninos  
um dia iam parar de me xingar

aí na escola eu ´tava tão feliz  
ia ter aquela festa  
tudo que eu sempre quis  
me produzi, me arrumei,  
meu cabelo alisei  
tudo aquilo pra ser aceita  
mas para eles eu não passava  
de uma neguinha, feinha,  
cabelo de bolinha  
(e agora alisada)  
ficava sempre (na minha) quietinha

Só existiam as meninas brancas  
ou "morenas" de cabelo liso  
eu não entendia nada disso  
para mim nada fazia sentido  
por mais que eu me arrumasse  
meu cabelo estirasse  
era como se nada importasse

em casa só problemas  
minha vida era um dilema  
sempre muitas brigas  
abriam em mim uma ferida  
eu não era compreendida

e aquela menina crescia

mas dentro dela  
um ódio também nascia  
de toda aquela gente  
que gente deprimente

aí eu conheci o hip hop  
me aceitei como mulher preta  
e agora tudo mudou  
hoje eu sei o que é o amor  
sei quem eu sou  
e me dou muito valor.

Luciene Rêgo  
2009 (na Casa do Hip Hop - Parque Piauí - Teresina – Piauí - Brasil)

## 5 A (RE)TRADUÇÃO DE “INCIDENTS IN THE LIFE OF A SLAVE GIRL”

### 5.1 Dedicatória

Incidents in the Life of a Slave Girl: written by herself	Incidentes da Vida de uma Escrava: contados por ela mesma	Incidentes da Vida de uma Garota Escravizada: escritos por ela mesma
<p>Northerners know nothing at all about Slavery. They think it is perpetual <b>bondage</b> only. They have no conception of the depth of <b>degradation</b> involved in that word, SLAVERY; if they had, they would never cease their efforts until so horrible a system was <b>overthrown</b>.</p> <p>A Woman Of North Carolina.</p>	<p>A dedicatória do texto foi suprimida da tradução de Waltensir Dutra.</p>	<p>As pessoas do Norte não sabem nada a respeito da Escravidão. Pensam que é apenas <b>Cativeiro</b><sup>22</sup> perpétuo. Não têm noção da profundidade de degradação<sup>23</sup>envolvida nesta palavra: ESCRAVIDÃO. Se tivessem, nunca deixariam de</p>

<sup>22</sup> ‘Bondage’ em inglês pode significar “*the tenure or service of a villein, serf, or slave 2: a state of being bound usually by compulsion (as of law or mastery): such as a: captivity, serfdom; b: servitude or subjugation to a controlling person or force*” (MERRIAM-WEBSTER, 2018). Em português, escolhi a palavra ‘cativeiro’ por considerar que as definições “1. Qualidade ou estado de quem se acha cativo; 2. Lugar em que alguém se encontra cativo; prisão, clausura; 3. escravidão, servidão; 4. fig. Opressão ou prisão moral ou espiritual; domínio” (HOUAISS, 2018) conseguem dar conta das opressões vivenciadas por Harriet Jacobs durante todo o período em que esteve sob o poder do “dono” que possuía sua “propriedade”.

<sup>23</sup> A palavra ‘degradação’ está em itálico no texto original. Na tradução, retirei o itálico com o intuito de assumir o sentido literal da palavra, que, conforme o dicionário Merriam-Webster (2018), significa, entre suas várias definições: “*1. the act or process of degrading; 2.environmental degradation; 3. the gradual degradation of organic matter; 4. moral or intellectual decadence*”. Já em português, de acordo com o dicionário Houaiss (2018), significa: “substantivo feminino: ato ou efeito de degradar(-se); degradamento. 1. Destituição desonrante de grau, dignidade, cargo etc. <o escândalo resultou na d. do ministro>; 2. fig.Condenação ao exílio; banimento, desterro; 3. Degeneração moral; aviltamento, depravação, corrupção <a d. de um alcoólatra>”.

		lutar até que um sistema tão horrível fosse <b>derrocado</b> <sup>24</sup> . Uma Mulher da Carolina do Norte
"Rise up, ye women that are at ease! Hear my voice, ye careless daughters! Give ear unto my speech." Isaiah xxxii. 9.		Levantai-vos, mulheres, que estais sossegadas, e ouvi a minha voz; e vós, filhas, que estais tão seguras, inclinai os ouvidos às minhas palavras. <sup>25</sup> Isaías 32.9.

<sup>24</sup> No texto original, o verbo *'overtroun'* está no particípio passado acompanhado do verbo *'to be'* no pretérito, sinalizando uma situação que já estaria concluída, caso a partícula condicional *"if"* não existisse. O verbo *'overtroun'*, no Merriam-Webster (2018) está elencado como *"to cause the downfall of: bring down, defeat"*, o que na língua portuguesa poderia ser traduzido, de acordo com o Linguee (2018), por "derrubar, derrotar, derrocar, depor algo/alguém". A palavra escolhida para a tradução foi 'derrocada', visto que, segundo Houaiss (2018), pode implicar "verbo 1t.d. e pron. Pôr ou vir abaixo (construção humana ou natural); destruir(-se), desmornar(-se) <d. o prédio> <a montanha se derrocou no terremoto>; 2t. d. e pron.; fig. Pôr ou vir abaixo (qualquer realidade subjetiva ou social); abater(-se), arrasar(-se) <a corrupção derroca o país> <ele derrocou-se com sentimentos de autodestruição>; 3t. d. fig. Fazer decair de sua grandeza; humilhar <d. o orgulho e a soberba>; 4t. d. fig. destituir do poder; derrubar <d. o governo>". Sendo assim, os pontos 2 e 3 fundamentam a minha escolha, uma vez que a instituição da Escravidão poderia ter sido destruída, vir abaixo ou decair de sua grandeza, como a autora alerta, caso as mulheres do Norte soubessem das mazelas a que estavam sujeitas as mulheres negras que viviam escravizadas no Sul dos EUA.

<sup>25</sup> Os versículos 9 até 11 exortam as mulheres de Israel e, como um exemplo, as mulheres dos últimos dias. O versículo 9 inicia da seguinte forma: "Vocês, mulheres tão sossegadas, levantem-se e escutem-me! Vocês, filhas, que esse sentem, ouçam o que vou lhes dizer!" (Bíblia Sagrada Português-Inglês, 2003). 'Sossegada' significa "tranquila" atualmente, mas a palavra hebraica da qual 'sossegada' foi traduzida significa "confiante" ou "segura". Harriet Jacobs, segundo minha interpretação, adverte as mulheres do Norte que estão confiantes ou seguras, utilizando no prefácio essa invocação juntamente de uma passagem bíblica com o intuito de denunciar as atrocidades vividas pelas mulheres negras escravizadas no Sul. Na seguinte passagem, Carvalho diz: "A libertação do povo judeu, descrita no Velho Testamento, tornava-se imagem poderosa para abolicionistas, livres e *escravos*. A famosa guia de *escravos*, Harriet Tubman, que os conduzia para o Norte, ficou conhecida como o Moisés de seu povo" (CARVALHO, 1999, p. 37). Sendo assim, o gênero *"Slaves Narratives"* também faz abordagem de citações bíblicas em seus escritos, a fim de justificar a libertação de pessoas escravizadas, o que se configura em um excelente argumento utilizado por Harriet em seu livro.

## 5.2 Prefácio da autora

Original	Tradução de Waltensir Dutra	Retradução comentada
<p><b>Preface</b> <b>By The Author</b></p>	<p><b>Prefácio da autora</b></p>	<p><b>Prefácio da autora</b></p>
<p><b>READER</b> be assured this narrative is no fiction. I am aware that some of my adventures may seem incredible; but they are, nevertheless, strictly true. I have not exaggerated the wrongs inflicted by Slavery; on the contrary, my descriptions fall far short of the facts. I have concealed the names of places, <b>and given persons fictitious names.</b> I had no motive for secrecy on my own account,</p>	<p><b>LEITOR,</b> PODES ter certeza de que esta narrativa não é fictícia. Sei que algumas de minhas aventuras podem parecer inacreditáveis, mas apesar disso são rigorosamente verdadeiras. Não exagerei os males causados pela Escravidão; pelo contrário, minhas descrições ficam muito aquém dos fatos. Oculte os nomes dos lugares e <b>dei nomes fictícios às pessoas.</b> Não tinha motivos para ser reservada em relação a mim</p>	<p><b>LEITORA,</b><sup>28</sup> esteja certa de que esta narrativa não é fictícia. Estou consciente de que algumas das minhas aventuras podem parecer inacreditáveis, todavia elas são, estritamente verdadeiras. Não exagerei nas injustiças infligidas pela Escravidão; pelo contrário, estão ainda longe de descrever o que realmente aconteceu. Omiti os nomes dos locais<sup>29</sup> e <b>dei</b></p>

<sup>28</sup> Na retradução de *Incidents*, a ‘leitora’ a quem direciono o texto é uma ‘leitora’ do gênero feminino em primeiro lugar. Não excludo, neste trabalho, os demais gêneros; mantenho, porém, a leitora ideal o mais perto possível da meta do texto de partida, que originalmente era direcionado às mulheres do Norte (dos Estados Unidos). No momento atual, direciono esse texto à mulher brasileira, ou quiçá de algum país africano de língua portuguesa, às mulheres negras e não-negras, que podem ainda não ter conhecimento desse texto, e/ou que se interessem na temática, e principalmente às feministas negras e defensoras do feminismo interseccional, assim como às acadêmicas e/ou militantes.

<sup>29</sup> A cidade em que a autora nasceu e viveu, assim como o nome da fazenda do seu “proprietário” não são mencionados no texto. Os locais onde a autora viveu e pelos quais passou são referidos pela autora sem, contudo, apresentar detalhes de nomes de bairros, ruas, localidades etc.

<p>but I <b>deemed</b><sup>26</sup> it kind and considerate towards others to pursue this course.</p>	<p>mesma, mas julguei que seria um ato de bondade e consideração para com os outros <b>adotar essa atitude</b>.<sup>27</sup></p>	<p><b>às pessoas</b><sup>30</sup> <b>envolvidas</b><sup>31</sup> nomes fictícios. No que diz a respeito a mim, não tinha motivos para guardar segredo, entretanto considere que adotar essa atitude seria um ato de gentileza e deferência para com as outras pessoas.</p>
<p>I wish I were more competent to the task I have undertaken. But I trust my readers <b>will excuse</b> deficiencies in consideration of circumstances.</p>	<p>Gostaria de ser mais competente para a tarefa que me propus. Confio, porém, em que meus leitores <b>desculparão</b> as deficiências, tendo em</p>	<p>Gostaria de ter sido mais competente para a tarefa que assumi. Entretanto, <b>acredito</b><sup>33</sup> que minhas leitoras irão <b>escusar</b><sup>34</sup> as deficiências</p>

<sup>26</sup> ‘Deem’, de acordo com o dicionário Merriam-Webster (2018). pode significar “believe, conceive, consider, esteem, feel, figure, guess, hold, imagine, judge”, entre outros significados.

<sup>27</sup> Waltensir Dutra (1988), apesar de adotar uma linguagem culta, não atinge o grau de rebuscamento requerido pela passagem do texto em inglês. Assim, embora eu tenha aceitado uma de suas soluções, como “adotar essa atitude”, decidi modificar a ordem das palavras e tomar outras escolhas lexicais para essa passagem.

<sup>30</sup> Os nomes elencados em todo o texto são fictícios. Daí a dificuldade e demora em identificar a história de Harriet como verídica, o que veio a acontecer somente após anos de pesquisa histórica específica realizada por Jean Fagan Yellin, que, conseguiu após vinte anos, provar que Harriet era autora de seu próprio livro e que não se tratava de uma obra fictícia, mas de uma autobiografia.

<sup>31</sup> Nessa parte, senti a importância de acrescentar o adjetivo ‘envolvidas’ ao substantivo ‘pessoas’, por julgar que esse adjetivo facilita a compreensão da leitora brasileira, não deixando espaço para ambigüidade nesse ponto. Defendo que o texto deve ser claro e objetivo, tal como o original, trazendo determinados elementos retóricos para marcar a época em que foi escrito.

<sup>33</sup> Nesse excerto, escolhi traduzir o verbo ‘trust’ para acreditar, porque levo em conta uma das definições do dicionário Vocabulando (2015, p. 516), que o define como “rely on”, o qual, de acordo com o Linguee (2018), remete a “acreditar em algo ou alguém”.

<sup>34</sup> O verbo ‘excuse’ significa “desculpar, perdoar”, de acordo com o dicionário Linguee (2018). No entanto, uma das definições do verbo desculpar em língua portuguesa, conforme o Houaiss (2018), é a de “escusar”, entre outras. Na minha tradução, o termo escusar, não utilizado com frequência na atualidade, é capaz de provocar o estranhamento intencional que almejo. Esse vocábulo, ao mesmo tempo que remonta a uma palavra antiga, em desuso, também remete a um termo de origem rebuscada, uma característica do texto original escrito por Harriet Jacobs.

<p>I was born and reared in Slavery; and I remained in a Slave State twenty-seven years. Since I have been at the North, it has been necessary for me to work <b>diligently</b> for my own support, and the education of my children. This has not left me <b>much leisure</b> to make up for the loss of early opportunities to improve myself; and it has compelled me to write these pages at irregular intervals, whenever I could snatch an hour from <b>household duties</b>.</p>	<p>vista as circunstâncias. Nasci e fui criada no Cativo; vivi no Estado Escravista durante 27 anos. Desde que vim para o Norte, foi-me necessário trabalhar <b>com empenho</b> para meu próprio sustento, e para a educação de meus filhos. Isso não me deixou <b>muito tempo</b><sup>32</sup> para compensar a perda de oportunidades, no passado, para aperfeiçoar-me, e obrigou-me a escrever estas páginas a intervalos irregulares, sempre que podia roubar umas horas aos deveres domésticos.</p>	<p>devido às circunstâncias. Nasci e fui criada na Escravidão e permaneci em um Estado Escravocrata por 27 anos. Desde que cheguei ao Norte, precisei trabalhar <b>diligentemente</b><sup>35</sup> para me sustentar e educar meus filhos. Isso não me deixou <b>muito tempo</b> para compensar as oportunidades que perdi, quando jovem, de me aperfeiçoar e me compeliu a escrever estas páginas em intervalos irregulares, sempre que podia fugir um tempo dos meus <b>afazeres</b><sup>36</sup> <b>domésticos</b>.</p>
<p>When I first arrived in Philadelphia, Bishop Paine advised me to publish a sketch of my</p>	<p>Quando cheguei a Filadélfia, o bispo Paine aconselhou-me a publicar um esboço de minha</p>	<p>Assim que cheguei à Filadélfia, o Bispo Paine me aconselhou a publicar um esboço da minha</p>

<sup>32</sup> Considero que *'leisure'*, de acordo com a aceção do dicionário Linguee (2018), não significa apenas tempo, mas “lazer, recreação, tempo livre, horas vagas, folga”.

<sup>35</sup> ‘Diligentemente’ denota “que tem ou denota diligência; ativo, aplicado, que tem prontidão; rápido, ligeiro”, o que para mim justifica a escolha pela tradução para o termo. Ademais, também remonta a uma palavra ainda compreensível para a leitora do século XXI, mas ainda assim com um elemento arcaico (HOUAISS, 2018).

<sup>36</sup> Apesar de *'household duties'* ter sido traduzido por Waltensir Dutra por ‘deveres’, parto do princípio de que a leitora do século XXI se identifica com ‘afazeres domésticos’, tendo em vista que essa expressão se encaixa melhor na realidade atual da mulher brasileira, em sua consciência de que os afazeres domésticos podem e devem ser executados por ambos os gêneros. Apesar do texto de Harriet ser do século XIX, traduzir *'household duties'* por ‘afazeres domésticos’ e não por ‘deveres domésticos’ constitui-se numa escolha de base política e de cunho feminista consciente.

<p>life, but I told him I was altogether incompetent to such an undertaking. Though I have <b>improved my mind somewhat</b> since that time, I still remain of the same opinion; but I trust my motives will excuse what might otherwise seem presumptuous. I have not written my experiences in order to attract attention to myself; on the contrary, <b>it would have been more pleasant to me to have been silent</b> about my own history. <b>Neither do I care to excite sympathy</b> for my own sufferings. But I do earnestly desire to arouse the women</p>	<p>vida, mas eu lhe disse que era totalmente incompetente para tal empresa. Embora tenha <b>melhorado minha mente</b> desde aquela época, continuo sendo da mesma opinião; confio, porém, em que meus motivos desculparão aquilo que de outra forma, poderia parecer presunção. Não escrevi as minhas experiências a fim de atrair a atenção para mim; pelo contrário, <b>ter-me-ia</b> sido mais <b>agradável, silenciar</b> sobre minha história. <b>Também não me preocupo em despertar simpatias</b> para meus sofrimentos. Mas desejo sinceramente</p>	<p>vida, mas eu lhe disse que era totalmente incompetente para essa tarefa. Embora tenha <b>aprimorado meu intelecto</b>,<sup>37</sup> de certo modo, desde então, ainda continuo com a mesma opinião, mas acredito que meus motivos justificarão o que, de outra forma, poderia parecer pretensioso. Não escrevi um <b>relato</b><sup>38</sup> de minhas experiências a fim de atrair a atenção para minha pessoa. Pelo contrário, <b>ter-me-ia</b><sup>39</sup> sido mais <b>aprazível</b><sup>40</sup> <b>manter-me em silêncio</b><sup>41</sup> sobre minha história. <b>Tampouco me</b></p>
--	---	--

<sup>37</sup> Defendo que a melhor escolha de tradução para *'improved my mind'* seja 'aprimorado meu intelecto', considerando que Harriet era uma mulher culta e não precisava *'melhorar sua mente'*, mas 'aprimorar seu intelecto', que já possuía bastante conhecimento para uma mulher negra escravizada do século XIX. Harriet sabia ler e escrever, o que não era comum no século XIX.

<sup>38</sup> Acrescentei a palavra 'relato' porque compreendo que Harriet escreveu, de fato, um relato de suas experiências, já que precisou recorrer ao uso da sua memória; ademais, no meu entender, suas experiências foram escritas em forma de relato, bastante característico do gênero autobiográfico.

<sup>39</sup> Mantive a mesóclise no futuro do pretérito por julgar que o texto manteria seu caráter mais antigo, causando certo estranhamento no português atual e demonstrando que a norma usada por Harriet era a norma culta da língua inglesa.

<sup>40</sup> Escolhi 'aprazível' em vez de 'agradável' por considerar que essa palavra aproxima o texto da característica da norma culta padrão vigente à época da escrita de Jacobs.

<sup>41</sup> 'Manter-me em silêncio' foi a escolha que fiz, diferentemente de Waltensir, que escolheu 'silenciar'. Considero que silenciar é um ato que dura apenas um momento, enquanto manter-se em silêncio pode durar toda uma vida, ou, no caso de um texto escrito como o de Harriet, pode durar muitos séculos. Assim *'have been silent'*, conforme a autora em seu texto, é um ato contínuo. Desse modo, acredito que a tradução de *'have been'* para 'manter-me' parece a escolha mais apropriada.

<p>of the North to a realizing sense of the condition of two millions of women at the South, still in bondage, suffering what I suffered, and most of them far worse. I want to add my testimony to that of abler pens to <b>convince</b> the people of the Free States what Slavery really is. Only by <i>experience</i> can anyone realize how deep, and <b>dark, and foul</b></p>	<p>despertar as mulheres do Norte para a compreensão das condições de dois milhões de mulheres do Sul, ainda no cativeiro, sofrendo o que sofri, e a maioria delas, mais ainda. Quero acrescentar meu testemunho ao de penas mais capazes <b>de convencer</b> as pessoas dos Estados Livres do que a Escravidão realmente é. Só pela <b>experiência</b> se pode</p>	<p><b>importo</b><sup>42</sup> em <b>provocar simpatia</b> para meus sofrimentos. Entretanto, desejo sinceramente despertar<sup>43</sup> as mulheres do Norte, no sentido de se conscientizarem das condições de dois milhões de mulheres do Sul<sup>44</sup>, ainda em Cativeiro sofrendo o que eu sofri e a maioria delas muito <b>pior</b><sup>45</sup>. Quero acrescentar meu testemunho ao de penas mais capazes de</p>
--	---	--

<sup>42</sup> *Neither*, conforme o Linguee (2018) pode significar “adv. tampouco, ‘também não’. Na primeira tradução, a escolha de Waltensir foi ‘também não’. Nesta tradução, creio que ‘tampouco’ seria melhor, já que, segundo o Dicionário Houaiss, é usado “para reforçar uma negação; também não, muito menos, tão pouco”. Da mesma forma, considero ‘tampouco’ uma escolha que melhor se insere na norma culta. Assim também, escolho traduzir *care* por ‘importar’, em vez de “preocupar”, como fez Dutra.

<sup>43</sup> No excerto, ocorre a intertextualidade com a passagem bíblica Isaías 32:9. A autora dirige seu texto às mulheres que estão dormindo, tranquilas, alertando-as que devem se levantar e sair do torpor, da ignorância, da morte, do sossego, da apatia. *Arouse* também pode significar “despertar, exortar, estimular, suscitar, provocar” (LINGUEE, 2018).

<sup>44</sup> Nesse período, o Norte e o Sul dos EUA estavam divididos por questões econômicas. Os estados do Sul tinham uma economia baseada na agricultura e no sistema escravista, enquanto a base dos Estados do Norte era a manufatura e o comércio, com mão-de-obra livre composta principalmente por imigrantes (IZECKSOHN, 2003). Assim, quando Harriet Jacobs escreve seu livro, os EUA estão no início da Guerra Civil, provocada principalmente pelo choque de ideologias entre o Norte e o Sul. A Guerra Civil, ou Guerra de Secessão, começou em 1861, seguindo até 1865. *Incidents* é publicado em 1861, ano do início da Guerra, e traz a mensagem abolicionista defendida pelos estados do Norte. A Guerra Civil se iniciou com a eleição de Abraham Lincoln para a presidência dos EUA. Lincoln era nortista e a favor da abolição da escravatura (XAVIER, 2014).

<sup>45</sup> No trabalho escravo, as mulheres negras experimentaram a igualdade com os homens na produção, na força, nas surras, muitas das quais seguidas de morte, predominando múltiplas violências às mulheres, pelo sexo, estupro, reprodução e lactação. Contudo, este estudo aponta algo que se opõe a diversos trabalhos sobre a temática, ressaltando a insubmissão dos/as escravizados/as, durante e pós-abolição. Nesse sentido, assumo como marco o movimento antiescravagista, que originou o feminismo negro, apesar da inclusão de mulheres brancas nesses movimentos (DAVIS, p. 47). Pela falta de experiências, as feministas brancas, no século XIX, por volta de 1840, aderiram ao movimento antiescravagista feminino, com a fundação, em 1833, da Sociedade Antiescravagista Feminina da Filadélfia, apresentando objetivos diversos em suas pautas, como a igualdade com os homens/brancos. Tal adesão, porém, deu visibilidade ao feminismo, motivo pelo qual é considerado o marco feminista nos Estados Unidos. Nas diferenças de objetivos no interior da categoria mulher, as causas das mulheres negras ficaram subsumidas, enfraquecendo o feminismo negro, até o alcance dos desígnios das brancas (SANTOS; OLIVEIRA, 2018).

<p>is that pit of abominations. May the blessing of God <b>rest</b> on this imperfect effort <b>in behalf of</b> my persecuted people!</p> <p>Linda Brent</p>	<p>compreender como é profundo, e <b>escuro</b>, e <b>repugnante</b> aquele poço de abominações. Que as bênçãos de Deus <b>recaiam</b> sobre este esforço imperfeito <b>em favor</b> do meu perseguido povo!</p> <p>Linda Brent</p>	<p>mostrar às pessoas dos Estados Livres o que a Escravidão realmente é. Somente por meio da <b>vivência</b> se pode compreender quão profundo, tenebroso e vil imundo é aquele poço de abominações. Que as bênçãos de Deus <b>caiam</b> sobre este esforço imperfeito <b>em prol</b> do meu povo perseguido!</p> <p>Linda Brent</p>
---	---	--

### 5.3 Introdução da organizadora do texto

<b>Introduction By The Editor</b>	<b><i>Prefácio da organizadora do texto</i></b>	<b>Introdução<sup>46</sup> da organizadora do texto</b>
The author of the following autobiography is personally known to me, and her <b>conversation</b>	CONHEÇO PESSOALMENTE a autora da autobiografia que se segue, e sua <b>conversaço</b>	Conheço pessoalmente a autora da seguinte biografia e sua <b>postura</b> <sup>47</sup> e modos me inspiram

<sup>46</sup> Considero o trecho de autoria da Organizadora do texto como uma introdução e não um prefácio, como escolheu Waltensir Dutra. De acordo com o dicionário Houaiss (2018), ‘prefácio’ significa “texto preliminar de apresentação, ger. breve, escrito pelo autor ou por outrem, colocado no começo do livro, com explicações sobre seu conteúdo, objetivos ou sobre a pessoa do autor”. Introdução pode ser definida como “1. Ato ou efeito de introduzir(-se); 2. O que serve de abertura para uma tese, um livro etc, prefácio”. Apesar de serem sinônimos, no texto de Harriet o termo foi introdução, logo, escolho traduzir para o vocábulo ‘introdução’, em vez de ‘prefácio’, como na edição de Dutra.

<sup>47</sup> O substantivo ‘*conversation*’ é definido no dicionário Merriam-Webster (2018) como “*conduct, behavior; oral exchange of sentiments, observations, opinions, or ideas*”, entre outros significados. Na minha opinião ‘*behavior*’ é o que melhor se encaixa nessa parte do texto, já que, entre suas definições, pode compreender “*the way in which someone conducts oneself or behaves*”. O dicionário Linguee (2018) aponta como acepções mais frequentes ‘comportamento’ e ‘postura, atitude, hábitos’. Assim, ao fazer uma

<p>and manners inspire me with confidence. During the last seventeen years, she has lived the greater part of the time with a distinguished family in <b>New York, and has so deported herself as to be highly esteemed by them. This fact is sufficient, without further credentials</b> of her character. I believe those who know her will not be disposed to doubt her <b>veracity</b>, though some incidents in her story are more romantic than fiction</p>	<p>e suas maneiras inspiram-me confiança. Durante os últimos 17 anos, ela passou grande parte do tempo com uma distinta família em <b>Nova Iorque, e comportou-se de modo a ser muito estimada por eles. Esse fato basta, sem outras credenciais</b>, quanto ao seu caráter. Acredito que aqueles que a conhecem não duvidarão de sua <b>veracidade</b>, embora alguns incidentes de sua história sejam mais românticos do que a própria ficção.</p>	<p>confiança. Durante a maior parte dos últimos dezessete anos, ela viveu com uma família distinta em <b>New York</b><sup>48</sup> e <b>tornou-se muito estimada por eles.</b><sup>49</sup> <b>Esse fato</b><sup>50</sup> <b>basta, sem necessidade de mais referências</b> quanto ao seu caráter. Acredito que aqueles que a conhecem não irão duvidar da <b>veracidade de suas palavras</b>,<sup>51</sup> embora alguns incidentes de sua história sejam mais românticos do que a própria ficção.</p>
---	--	---

leitura de Harriet como mulher forte e dona de si, escolho ‘postura’ entre as demais definições; considero a escolha de Waltensir – ‘conversação’ – um tanto obsoleta nos dias atuais, podendo levar a uma interpretação equivocada da mensagem enunciada pela organizadora nessa passagem.

<sup>48</sup> Na primeira tradução, ‘*New York*’ foi traduzido para ‘Nova Iorque’ e ‘*South Carolina*’ não foi traduzido. Escolhi não traduzir nenhum dos nomes de lugares, por julgar incoerente fazê-lo apenas para um dos termos.

<sup>49</sup> Nesse trecho, interferei na tradução, omitindo a possibilidade de traduzir ‘*deported herself as to be highly esteemed by them*’ por ‘comportou-se de modo a ser muito estimada por eles’, de acordo com a primeira tradução, por supor que essa opção mais se aproxima da descrição de uma empregada doméstica do que do caráter de Harriet. A omissão, nesse caso, tem o intuito de valorizar as boas qualidades em Harriet Jacobs.

<sup>50</sup> Escolhi manter ‘esses fatos bastam’ no plural por concluir que a organizadora primeiramente atesta que conhece a autora para, em seguida, expor o fato de Harriet ser conhecida por uma família distinta em New York por mais de dezessete anos. Sendo assim, a meu ver, são mostrados dois fatos e não somente um, que atestam a veracidade das palavras escritas por Harriet Jacobs.

<sup>51</sup> Incluí ‘de suas palavras’ após ‘veracidade’ por se tratar de um texto autobiográfico; a organizadora se refere à autobiografia de Harriet, e nós, leitoras do século XXI, temos como estabelecer contato com esse escrito por meio das palavras de Harriet, sendo importante atestar-se a veracidade delas, já que, em primeiro lugar, a própria autora da introdução dá testemunho da idoneidade de Harriet.

<p>At her request, <b>I have revised her manuscript</b>; but such changes as I have made have been mainly for purposes of condensation and orderly arrangement. I have not added anything to the incidents, or changed the import of her very pertinent remarks. <b>With trifling exceptions, both the ideas and the language are her own.</b> I pruned excrescences a little, but otherwise I had no reason for changing her lively and dramatic way of telling her own story. The names of both persons and places <b>are known to me</b>; but for good reasons I suppress them.</p>	<p>A seu pedido, <b>revi o original</b>, mas as modificações que fiz visaram mais aos objetivos de condensação e disposição lógica. Não acrescentei nada aos incidentes nem modifiquei o conteúdo de suas observações muito pertinentes. <b>Com insignificantes exceções, tanto as idéias, como a linguagem são dela.</b> Podei um pouco as excrescências, mas não tive, afora isso, razões para modificar a maneira viva e dramática de contar sua história. Os nomes de pessoas e lugares <b>são do meu conhecimento</b>, mas por boas razões os suprimi.</p>	<p>A seu pedido, <b>revisei seu manuscrito</b><sup>52</sup>, mas as mudanças que fiz foram principalmente com o propósito de condensação e organização lógica. Não adicionei nada aos incidentes nem alterei o conteúdo de suas observações muito pertinentes. <b>Com insignificantes exceções, tanto as ideias, como a linguagem, são dela</b><sup>53</sup>. Podei um pouco os excessos, porém as ideias e a linguagem são dela, mas, fora isso, não havia motivos para mudar sua maneira viva e dramática de contar sua própria história. Os nomes de pessoas e lugares <b>me são conhecidos</b>, mas por boas razões os suprimi.</p>
--	---	---

<sup>52</sup> 'Manuscript' é definido, em Merriam-Webster (2018), como "a written or typewritten composition or document as distinguished from a printed copy also: a document submitted for publication". No caso da introdução, o texto de Harriet ainda não havia sido publicado, logo não concordo com a tradução para 'original' por acreditar que manuscrito é o vocábulo que mais se aproxima da palavra escolhida pela organizadora do texto.

<sup>53</sup> Com essa afirmativa, Lydia Maria Child assume definitivamente que seu trabalho no texto foi apenas como organizadora, justificando também a escolha da tradução de 'editor' para 'organizadora'.

<p>It will naturally excite surprise that a woman reared in Slavery should be able to write so well. But circumstances will explain <b>this</b>. In the first place, nature endowed her with <b>quick perceptions</b>. Secondly, <b>the mistress</b>, with whom she lived till she was twelve years old, was a kind, considerate friend, who taught her <b>to read and spell</b>. Thirdly, <b>she was placed in favorable circumstances</b> after she came to the</p>	<p>Provocará surpresa, naturalmente, que uma mulher criada no Cativo seja capaz de escrever tão bem. As circunstâncias, porém, explicam <b>isso</b>. Em primeiro lugar, a natureza dotou-a de uma <b>percepção rápida</b>. Em segundo lugar, <b>a senhora</b> com quem viveu até os 12 anos era uma amiga bondosa e considerada, que a ensinou <b>a ler e escrever</b>. Terceiro, ela foi <b>colocada em circunstâncias</b></p>	<p>Provocará surpresa, naturalmente, que uma mulher criada na Escravidão possa escrever tão bem. Mas as circunstâncias vão explicar <b>esse fato</b><sup>54</sup>. Em primeiro lugar, a natureza a dotou de <b>percepção rápida</b><sup>55</sup>. Em segundo lugar, a <b>'dona'</b><sup>56</sup> com quem viveu até aosdoze anos, foi uma amiga bondosa e atenciosa, que lhe ensinou <b>a ler e escrever</b>. Em terceiro lugar, ela foi <b>inserida</b><sup>57</sup> <b>em circunstâncias</b></p>
---	---	--

<sup>54</sup> O acréscimo da palavra 'fato' tem por objetivo eliminar a ambiguidade do texto e torná-lo mais fácil de ser compreendido.

<sup>55</sup> Em inglês, aparece o termo '*quick perceptions*', traduzido para 'percepção rápida' por Waltensir Dutra. O significado de percepção é "*quick, acute, and intuitive cognition: appreciation; a capacity for comprehension*" (MERRIAM-WEBSTER, 2018). De acordo com o mesmo dicionário, '*Acute*' pode denotar "*marked by keen discernment or intellectual perception especially of subtle distinctions*". Na minha tradução, escolho 'inteligência rápida' por acreditar que melhor define os termos em inglês.

<sup>56</sup> A autora Rita Segato (2016, p. 98) desenvolve a noção de '*dueñidad*' e '*señorio*' para discutir a relação entre sujeitos/as dominados/as dentro do sistema capitalista no século XXI, como explica a passagem a seguir: "Un escenario de esas características indica que ya no podemos hablar de mera desigualdad, como hacíamos en los años setenta, sino que el tema hoy es la dueñidad o señorío —lordship. Señorío tiene aquí el sentido muy preciso de que un pequeño grupo de propietarios son dueños de la vida y de la muerte en el planeta". Utilizo os termos 'dono' e 'dona' para me referir a '*mistress*' e '*mister*' como uma escolha política consciente que visa criticar nomenclaturas hierarquizantes que alimentam o sistema colonialista, tais como 'senhor' e 'senhora'. Minha posição teórica coloca a protagonista como consciente da sua condição subalternizada. Em uma relação entre 'senhor/a' e 'escrava'. Harriet poderia ser considerada como subalterna; entretanto, na relação 'dono/a' e 'sujeita escravizada', há uma sujeita pensante que reconhece que 'o/a dono/a' pode até ter o domínio sobre sua vida e morte, porém não da sua mente, já que ela, ao escrever sua história, questiona o sistema escravista que a coisifica.

<sup>57</sup> Nesse caso, a palavra escolhida remete à posição social favorável em que Harriet foi inserida socialmente, o que a possibilitou estabelecer contatos sociais que mais tarde favoreceram a realização de seus objetivos. '*Placed*', de acordo com o dicionário Merriam-Webster (2018), entre outros significados pode remeter a "*relative position in a scale or series: such asposition in a social scale*", o que, no caso de Harriet, possibilitou que ela entrasse em contato com as mulheres e homens abolicionistas, os quais, mais tarde, a ajudaram com suas fugas, aconselhando-a a escrever sua história e a publicá-la.

<p>North; having frequent intercourse with intelligent persons, who felt a <b>friendly interest</b> in her welfare, and were disposed to give her opportunities for self-improvement.</p>	<p><b>favoráveis</b> depois de sua vinda para o Norte, tendo contato freqüente com pessoas inteligentes, que sentiram um <b>interesse amigo</b> pelo seu bem-estar, e que estavam dispostas a dar-lhe oportunidades de auto-aperfeiçoamento.</p>	<p><b>favoráveis</b> depois que chegou ao Norte, relacionando-se frequentemente com pessoas inteligentes, que sentiram uma <b>atenção acolhedora</b><sup>58</sup> em relação seu bem-estar e estavam dispostas a dar-lhe oportunidades de autoaperfeiçoamento.</p>
<p>I am well aware that many will accuse me of indecorum for presenting these pages to the public; for the experiences of <b>this</b> intelligent and <i><b>much-injured woman</b></i> belong to a class which some call <b>delicate subjects, and others indelicate</b>. This peculiar phase of Slavery has</p>	<p>Sei bem que muitos me acusarão de falta de decoro por apresentar ao público estas páginas, pois as experiências <b>desta</b> mulher inteligente, e <b>a quem fizeram tanto mal</b>, pertencem a uma <b>classe</b> que algumas pessoas consideram <b>assunto delicado, e outras, indelicado</b>. Essa</p>	<p>Estou bem ciente de que muitos me acusam de falta de decoro por apresentar essas páginas ao público, pois as experiências <b>dessa</b><sup>59</sup> mulher inteligente, e <b>que passou por tanto sofrimento</b>,<sup>60</sup> pertencem a uma <b>categoria</b> que algumas pessoas chamam de <b>assuntos</b><sup>61</sup></p>

<sup>58</sup> *'Friendly interest'* pode ser traduzido nessa passagem por 'atenção acolhedora', no lugar de 'interesse amigo', com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão da mensagem do texto e uma maior aproximação com o termo em língua inglesa.

<sup>59</sup> Já mencionada no texto, essa mulher remete a Harriet Jacobs.

<sup>60</sup> O verbo *'injure'* pode significar *"to do an injustice to; a: wrong, b: to harm, impair, or tarnish the standing of injured his reputation, c: to give pain to injure a person's pride; 2 a: to inflict bodily hurt on"* (MERRIAM-WEBSTER, 2018). Analisando esses significados, discordo da primeira tradução quando afirma que lhe fizeram tanto mal. Minha discordância se dá pelo fato de que não lhe fizeram apenas mal, pois Harriet passou por uma intensidade de sofrimento imensurável. Desse modo, concluo que ela não é uma vítima comum, tendo consciência do sofrimento por que passou. Logo, decido por traduzir para 'que passou por tanto sofrimento'.

<sup>61</sup> *'Subjects'* é um substantivo traduzido por Dutra como assuntos, e está no plural em inglês, Já os adjetivos 'delicate and indelicate' são invariáveis no inglês, por isso não flexionam para concordar com o substantivo. Em português, os adjetivos concordam com os substantivos a que se referem. Por isso, discordo da tradução de 1986 que, em vez de optar por traduzir *'subjects'* para 'assuntos', o fez para 'assunto', mudando assim o seu significado e colocando os adjetivos no singular simplesmente para concordar com essa escolha. A palavra *'subjects'* no plural, no texto fonte, sugere a existência de outros assuntos, e esse seria mais um dentro dessa categoria.

<p>generally been kept veiled; but the public ought to be made acquainted with its monstrous features, and <b>I willingly take the responsibility of presenting them with the veil withdrawn.</b> I do this for the sake of my sisters in bondage, who are suffering wrongs so <b>foul</b>, that our ears are too delicate to listen to them. <b>I do it with the hope of arousing conscientious and reflecting women at the North to a sense of their duty in the exertion of moral influence on the question of Slavery</b>, on all possible occasions. I do it with the hope that <b>every man</b> who reads this</p>	<p>face peculiar da Escravidão tem sido geralmente mantida sob um véu; o público, porém, deve ser informado de suas características monstruosas, e <b>assumo voluntariamente a responsabilidade de apresentá-las sem esse véu.</b> Faça-o em favor de minhas irmãs que estão na servidão, que sofrem ofensas tão <b>abjetas</b> que nossos ouvidos são delicados demais para ouvi-las. <b>Faço-o com a esperança de despertar as mulheres conscientes e sensatas do Norte para um sentido de seu dever de exercer uma influência moral sobre a questão da</b></p>	<p><b>delicados e outras indelicados.</b> Esse <b>aspecto</b><sup>62</sup> peculiar da Escravidão tem sido geralmente mantido velado, mas o público deve tomar conhecimento de suas características monstruosas, <b>assumo</b><sup>63</sup> <b>a responsabilidade de apresentá-las sem o véu as escondia.</b> Faça-o por minhas irmãs em <b>cativeiro</b>,<sup>64</sup> que estão sofrendo injustiças tão <b>vis</b> que nossos ouvidos são delicados demais para ouvi-las. Faça-o na <b>esperança de despertar mulheres conscienciosas e capazes de reflexão no Norte sobre a</b></p>
--	---	--

<sup>62</sup>A palavra ‘*phase*’, significa “1: *a particular appearance or state in a regularly recurring cycle of changes*; 2 *a: a distinguishable part in a course, development, or cycle*; *b: an aspect or part (as of a problem) under consideration*” (MERRIAM-WEBSTER, 2018). Pelo conceito 2b, ‘*phase*’ é “um aspecto ou parte de um problema levado em consideração”, o que se aproxima bastante da palavra face, adotada por Waltensir em sua tradução. Contudo, de acordo com o Linguee (2018), ‘*phase*’ é definido como “fase; período; estágio; etapa; época”. ‘*Face*’ (do inglês) pode ser definida como “face, rosto; frente; expressão; aspecto”, de acordo com o dicionário Linguee. Avaliando os conceitos de ‘*phase*’ e ‘*face*’ em inglês e em português, chego à conclusão de que, apesar de concordar com a escolha da primeira tradução, levando em consideração que não se tratar somente um estágio ou fase da escravidão, mas de um aspecto dela que antes estava velado, a voz que ecoa no texto de Harriet Jacobs é oriunda de um contexto antes omitido, qual seja, o lado oprimido da mulher escravizada. Assim, entendo que face pode ser confundido com ‘rosto’ ou ‘frente’, podendo remeter a outro significado. Por isso escolhi o vocábulo ‘aspecto’ como tradução para ‘*phase*’ nessa passagem.

<sup>63</sup> Retirei a palavra ‘voluntariamente’, que Dutra traduziu para ‘*willingly*’, por entender que o termo ‘assumir’ traz em si o traço de vontade própria e por julgar que não há a necessidade de frisar que a organizadora fez isso ‘voluntariamente’.

<sup>64</sup> A justificativa para essa escolha está na nota de rodapé n. 22 (p. 93).

<p>narrative will swear solemnly before God that, so far as he has power to prevent it, no fugitive from Slavery shall ever be sent back to suffer in that loathsome <b>den of corruption and cruelty</b>.</p> <p>L. Maria Child</p>	<p><b>Escravidão</b>, em todas as ocasiões possíveis. Faço-o com a esperança de que <b>todo homem</b> que ler esta narrativa jure solenemente perante Deus que, na medida de suas forças para impedi-lo, nenhum fugitivo da Escravidão será mandado de volta para sofrer naquele desprezível <b>antro de corrupção</b>.</p> <p>L. Maria Child</p>	<p><b>questão da Escravidão</b>,<sup>65</sup> em todas as ocasiões possíveis. Faço-o na esperança de que <b>toda pessoa</b><sup>66</sup> que leia esta narrativa jure solenemente diante de Deus que, na medida de suas forças para combater essa instituição, nenhum/a fugitivo/a da Escravidão será enviado/a de volta para sofrer naquele repugnante <b>antro de corrupção e crueldade</b>.<sup>67</sup></p> <p>L. Maria Child</p>
--	---	---

<sup>65</sup> Suprimi algumas partes dessa passagem por defender que a escravidão não é apenas uma questão de dever moral, mas de humanidade; ela diz respeito a todas as mulheres. As mulheres negras não são menos humanas que as brancas, e a questão da escravidão vai além da moral cristã, pois envolve violência física, mental e foi responsável por todo tipo de sofrimento, como estupros e assassinatos de mulheres e crianças em cativeiro nessa época.

<sup>66</sup> ‘*Man*’, nesse sentido, se refere à pessoa e não somente aos homens. Esta tradução é feminista e visa tornar o feminino visível na linguagem. Logo, escolher o vocábulo ‘pessoa’ nesse caso é uma escolha de cunho político consciente, direcionando a publicação a todas as pessoas.

<sup>67</sup> Na tradução, Dutra suprimiu a palavra ‘crueldade’. Em inglês, está no texto a seguinte expressão: ‘*den of corruption and cruelty*’, traduzido por mim como ‘antro de corrupção e crueldade’. Na primeira tradução, aparece somente ‘antro de corrupção’. Defendo que omitir a palavra crueldade desse trecho pode amenizar as mazelas da escravidão e diminuir o impacto negativo da leitura dessa passagem.

## 5.4 Infância

I. Childhood	I Infância	I Infância
<p>I was born a slave; <b>but I never knew it till six years of happy childhood had passed away.</b> My father was a carpenter, and considered so intelligent and <b>skillful</b> in his trade, that, when <b>buildings out of the common line were to be erected</b>, he was sent for from long distances, to be head workman. On condition of paying <b>his mistress two hundred dollars</b> a year, and supporting himself, he was allowed to work at his trade, and manage his own affairs. His strongest wish was to purchase <b>his children</b>;</p>	<p>NASCI ESCRAVA, <b>mas só tive consciência disso depois de transcorridos seis anos de infância feliz.</b> Meu pai era carpinteiro, e considerado tão inteligente e <b>habilidoso em</b> seu ofício que, quando <b>se tratava de construir edifícios</b> fora do comum, <b>mandavam-no chamar, até mesmo de lugares distantes,</b> para chefiar o trabalho. Sob a condição de pagar à <b>sua senhora 200 dólares</b> por ano e de manter-se, tinha a permissão de exercer seu ofício e tomar conta de seus próprios negócios.</p>	<p>Nasci na condição escrava, <b>mas só tomei consciência disso</b><sup>68</sup> <b>após seis anos de uma infância feliz.</b> Meu pai era carpinteiro e considerado tão inteligente e <b>competente</b> em seu ofício que, quando <b>iam ser erguidos edifícios</b> fora do comum, <b>era enviado até mesmo de longas distancias,</b> para chefiar o trabalho. Sob a condição de pagar duzentos dólares por ano a <b>sua dona</b><sup>69</sup> e se sustentar, era-lhe permitido trabalhar em seu ofício e cuidar dos próprios negócios. Seu maior desejo</p>

<sup>68</sup> O verbo ‘to know’ pode significar: “(1): to perceive directly, have direct cognition of; (2): to have understanding of importance of knowing oneself; (3): to recognize the nature of, discern; b (1): to recognize as being the same as something previously known; (2): to be acquainted or familiar with; (3): to have experience of” (MERRIAM-WEBSTER, 2018). Já no dicionário Linguee (2018), o verbo é definido por “saber algo; conhecer algo/alguém; aprender; estar informado; compreender algo; ter conhecimento de algo; entender algo; reconhecer algo/alguém; estar ciente de algo/alguém”. Entendo que tomar consciência é uma ação mais profunda do que ter consciência, pois envolve um processo mais forte de reconhecimento interior de determinada situação. Assim, escolhi ‘tomar consciência’ para a tradução dessa frase, concordando apenas em parte com a primeira tradução, porém tomando um rumo um pouco diverso na estrutura frasal, como é possível notar mais à frente.

<sup>69</sup> Vide nota n. 36 (p. 97).

<p>but, though he several times offered his hard earnings for that purpose, he never succeeded. In complexion, <b>my parents</b> were a light shade of <b>brownish yellow</b>, and were termed mulattoes. They lived together in a comfortable home; and, though we <b>were all slaves</b>, I was so fondly shielded that I never dreamed I was a piece of merchandise, trusted to them for safe keeping, <b>and liable to be demanded of them at any moment. I had one brother</b>, William, who was two years younger than myself_a bright, affectionate child. <b>I had also a great treasure</b> in my maternal grandmother, who was a remarkable woman in many respects. She was the daughter</p>	<p>Seu mais forte desejo era comprar a liberdade <b>dos filhos</b>, e embora tivesse oferecido, várias vezes, as suas duras economias com essa finalidade, jamais conseguiu realizá-lo. Na cor, <b>meus pais</b> eram de um tom claro de <b>amarelo-amarronzado</b>, sendo considerados mulatos. Viviam juntos numa casa confortável, e embora fôssemos <b>todos escravos</b>, eu era tão carinhosamente protegida que nunca imaginei ser uma peça de mercadoria, <b>cuja guarda lhes estava confiada, e que lhes podia ser retirada a qualquer momento. Tinha um irmão, William, dois anos mais novo do que eu</b> – uma criança inteligente e afetuosa. <b>Eu tinha</b></p>	<p>era de comprar a liberdade de <b>suas crianças</b>, mas apesar de inúmeras vezes ter oferecido suas duras economias para esse propósito, nunca obteve êxito. A cor da pele <b>da minha mãe e do meu pai</b><sup>70</sup> era uma de <b>um tom</b><sup>71</sup> claro de <b>castanho-amarelado</b> e eram considerados mulatos. Viviam juntos em um lar confortável e embora vivêssemos <b>todos/as em situação de escravidão</b>,<sup>72</sup> fui tão carinhosamente protegida que nunca imaginei ser uma peça de mercadoria, <b>cuja guarda lhes estava confiada e sujeita a ser reivindicada a qualquer momento.</b><sup>73</sup> <b>Eu</b><sup>74</sup> <b>tinha</b> um irmão,</p>
--	---	---

<sup>70</sup> ‘Parents’ usualmente é traduzido por ‘pais’. Porém, nesta (re)tradução feminista, optei por ‘mãe’ e ‘pai’, enfatizando o feminino na linguagem.

<sup>71</sup> Nesse caso, achei importante mostrar que a cor à qual a autora se refere é a cor da pele.

<sup>72</sup> A situação vivenciada pela família de Harriet Jacobs era uma condição, não um contexto permanente, como uma condenação irrevogável.

<sup>73</sup> A mãe e o pai tinham somente a guarda temporária de Harriet Jacobs. Desse modo, considero importante a permanência da palavra ‘guarda’ para marcar a condição temporária. A guarda de Jacobs poderia ser reivindicada a qualquer momento pelo colono e a colona.

<sup>74</sup> Creio ser importante manter o sujeito nessa frase para frisar de quem é o lugar de fala e quem enuncia no texto. Na primeira tradução, o sujeito foi retirado.

<p>of a planter in <i>South Carolina</i>, who, at his death, left her mother and his three children free, with money to go to St. Augustine, where they had relatives. It was during the Revolutionary War; and they were captured on their passage, carried back, and sold to different purchasers. Such was the story my grandmother used to tell me; but I do not remember all the particulars. She was a <b>little girl</b> when she was captured and sold to the keeper of a large hotel. I have often heard her tell how hard she fared during childhood. But as she grew older she evinced so much intelligence, and was so faithful, that her</p>	<p><b>também um grande tesouro</b> em minha avó materna, uma mulher notável sob muitos aspectos. Era filha de um fazendeiro de <b>South Carolina</b> que, ao morrer, deixou-a mãe de três filhos seus, e livre, com dinheiro para ir para St Augustine, onde tinham parentes. Isso aconteceu durante a Guerra da Independência, e eles foram capturados na viagem, levados de volta e vendidos a diferentes compradores. Era essa a história que minha avó costumava contar-me, mas não me recordo de todos os detalhes. Era <b>menina</b> quando foi capturada e vendida ao dono de um grande hotel. Muitas vezes a ouvir dizer que sua infância tinha sido</p>	<p>William, dois<sup>75</sup> anos mais jovem que eu – uma criança alegre e carinhosa. <b>Também tinha</b><sup>76</sup> <b>uma grande estima</b><sup>77</sup> por minha avó materna, que era uma mulher extraordinária em muitos aspectos. Era filha de um agricultor da <b>South Carolina</b>,<sup>78</sup> que ao falecer deixou a mãe dela e seus três filhos livres e com dinheiro para ir a St. Augustine, onde tinham parentes. Isso aconteceu durante a Guerra da Independência e eles foram capturados, trazidos de volta e vendidos para diferentes compradores. Essa era a história que minha mãe costumava me contar, porém eu não me lembro de todos os detalhes. Ela era uma <b>garotinha</b><sup>79</sup> quando foi</p>
---	--	--

<sup>75</sup> Na (re)tradução, os numerais estão escritos por extenso, como no texto de Harriet Jacobs.

<sup>76</sup> Nesse excerto, não julgo necessário a permanência do pronome em primeira pessoa, tendo em vista que a frase se encontra logo após a anterior, em que há ênfase do pronome ‘Eu’.

<sup>77</sup> A locução ‘*great treasure*’ foi traduzida por Waltensir Dutra de forma literal. Em minha tradução, a escolha, ‘grande estima’, priorizou o sentido.

<sup>78</sup> Vide nota n. 29 (p. 96).

<sup>79</sup> Traduzi ‘*little girl*’ por ‘garotinha’ em vez de ‘menina’, por considerar que o diminutivo de garota se aproxima mais das palavras escolhidas pela autora em inglês e por reconhecer que ‘garotinha’ aproxima Harriet de um ser humano fragilizado, e não apenas uma menina em situação de escravidão.

<p>master and mistress could not help seeing it was for their interest to take care of such a valuable piece of property. She became an indispensable personage in the household, officiating in all capacities, from cook and wet nurse to seamstress. She was much praised for her <b>cooking</b>; and her nice crackers became so famous in the neighborhood that many people were desirous of obtaining them. In consequence of numerous requests of this kind, she <i>asked permission</i> of her mistress to bake crackers at night, after all the household work was done; and she obtained leave to do it, provided she would clothe herself and her children from the profits. Upon these terms, after working hard all day for her mistress, she began her <b>midnight bakings</b>, assisted by her</p>	<p>muito dura. À medida que crescia, porém, demonstrou tanta inteligência, e era tão fiel, que seus senhores não puderam deixar de compreender que era de seu interesse cuidar bem de uma propriedade tão valiosa. Tornou-se indispensável na família, em todas as atividades, desde cozinheira e ama-de-leite até costureira. Sua <b>cozinha</b> era muito elogiada, e seus excelentes biscoitos ficaram tão famosos nas vizinhanças que muita gente desejava comprá-los. Em consequência dos numerosos pedidos desse gênero, ela solicitou de sua senhora a autorização para preparar os biscoitos à noite, depois de feito todo o trabalho de casa. A autorização foi dada, desde que ela vestisse, e aos filhos, com os lucros obtidos. Nessas condições, depois de trabalhar</p>	<p>capturada e vendida para o guarda de um grande hotel. Eu a ouvi muitas vezes contar como foi duro o que passou na infância. Entretanto, quando ela cresceu, manifestou tanta inteligência e era tão <b>confiável</b>,<sup>80</sup> que <b>seu dono e sua dona</b><sup>81</sup> não conseguiam negar que era do seu interesse cuidar da propriedade de mercadoria tão valiosa. Tornou-se uma personagem indispensável na residência, trabalhando em muitas funções, de cozinheira e ama de leite a costureira. Era muito elogiada por sua <b>culinária</b> e seus maravilhosos biscoitos se tornaram tão famosos na vizinhança que muitas pessoas ansiavam por comprá-los. Em consequência de numerosos pedidos desse tipo, solicitou autorização a sua colona<sup>82</sup> para assar biscoitos à noite, depois de</p>
---	---	---

<sup>80</sup> A palavra *'faithful'* poderia ser traduzida para 'fiel', caso em que, entretanto, não causaria o estranhamento que almejo com esta tradução. Por essa razão, escolhi a palavra 'confiável', uma das definições de *'faithfu'*, que, de acordo com o dicionário Linguee, pode ser definida como: "fiel, verdadeiro/a; fidedigno/a; leal; sincero/a; exato/a; autêntico/a; firme; verídico/a; confiável".

<sup>81</sup> Vide nota n. 36 (p. 97).

<sup>82</sup> Idem.

<p><b>two oldest children.</b> The business proved profitable; and each year she laid by a little, which was saved for a fund to purchase <b>her children.</b> <b>Her master</b> died, and the property was divided among <i>his heirs</i>. The widow had her dower in the hotel, which she continued to keep open. My grandmother remained in her service as a slave; but <b>her children</b> were divided among <b>her master's children.</b> As she had five, Benjamin, the youngest one, was sold, in order that <b>each heir</b> might have an equal portion of dollars and cents. <b>There was so little difference in our ages</b> that he seemed more like my brother than my uncle. He was a bright, handsome lad, nearly white; for he inherited the complexion, my grandmother had derived from <b>Anglo-Saxon ancestors.</b></p>	<p>o dia inteiro para sua senhora, ela começava sua <b>tarefa de meia-noite</b>, assistida pelos <b>dois filhos</b> mais velhos. O negócio foi lucrativo e todo ano ela guardava algum dinheiro, destinado a um fundo para comprar a liberdade de <b>seus filhos.</b> <b>O senhor</b> morreu e seus bens foram divididos <b>entre os herdeiros.</b> A viúva ficou com o hotel, que ela continuou a operar. Minha avó permaneceu em <b>seu serviço como escrava</b>, mas seus filhos foram divididos entre os filhos do senhor. <b>Como eram cinco crianças</b>, Benjamim, o mais novo, foi vendido, a fim de que <b>cada herdeiro</b> tivesse uma parte igual em dólares e centavos. <b>Era tão pequena nossa diferença de idades</b> que ele mais parecia meu irmão do que tio. Era um menino inteligente, bonito, quase branco, pois</p>	<p>feito todo o trabalho doméstico. A autorização foi dada, com a condição de que ela vestisse a si, e a seus filhos, com os lucros obtidos. Nessas condições, depois de trabalhar duro o dia inteiro para sua senhora, ela começava suas <b>fornadas noturnas</b>,<sup>83</sup> auxiliada por suas <b>duas crianças mais velhas.</b> O negócio foi lucrativo e todo ano ela guardava algum dinheiro, que seria destinado para comprar a liberdade de <b>suas crianças.</b><sup>84</sup> <b>Seu ‘dono’</b> morreu e a propriedade foi dividida entre <b>os/as herdeiros/as.</b><sup>85</sup> A viúva recebeu como dote o hotel, o qual ela continuou mantendo aberto. Minha avó permaneceu no seu trabalho como escrava, mas suas crianças foram divididas entre os</p>
--	--	---

<sup>83</sup> ‘*Baking*’ vem do verbo ‘*to bake*’ e significa “assar ou cozer algo no forno” (LINGUEE, 2018). Escolhi traduzir a expressão ‘*midnight bakings*’ por ‘fornadas noturnas’.

<sup>84</sup> Segundo o dicionário Linguee Online, ‘*children*’ pode ser traduzido para “crianças; filhos; pequenos, meninos/as; bambinos”. Como o termo se refere a crianças do gênero feminino ou masculino, escolhi traduzir para crianças, por ser um termo mais inclusivo para o gênero feminino.

<sup>85</sup> ‘Os/as herdeiros/as’ visa marcar o lugar de fala como o de uma (re)tradução feminista.

<p>Though only ten years old, <b>seven hundred and twenty dollars</b> were paid for him. His sale was a terrible blow to my grandmother, <b>but she was naturally hopeful</b>, and she went to work with renewed energy, trusting in time to be able to purchase <b>some of her children</b>. She had laid up <b>three hundred dollars</b>, which <b>her mistress</b> one day begged as a loan, promising to pay her soon. The reader probably knows that no <b>promise or writing given</b> to a slave is legally binding; for, according to Southern laws, a slave, <i>_being_</i> property, can <i>_hold_</i> no property. When my grandmother lent her hard</p>	<p>herdara a cor que minha avó devia aos <b>seus antepassados anglo-saxônicos</b>. Embora com apenas 10 anos de idade, 720 dólares foram pagos por ele. Sua venda foi um golpe terrível para minha avó; <b>sendo ela, porém, uma mulher otimista</b>, voltou ao trabalho com renovada energia, confiante de que, com tempo, seria capaz de comprar <b>alguns de seus filhos</b>. Havia economizado <b>300 dólares, que sua senhora</b> lhe pediu emprestado, certa vez, prometendo devolvê-los logo. <b>O leitor</b> talvez saiba que nenhuma <b>promessa oral ou escrita</b> a um escravo é legalmente compulsória, pois</p>	<p><b>filhos e filhas</b><sup>86</sup> <b>do dono</b>.<sup>87</sup> Quando ela <b>tinha cinco anos</b>,<sup>88</sup> Benjamin, o mais jovem, foi vendido a fim de que cada herdeiro/a tivesse uma porção igual em dólares e centavos. <b>Nossa diferença de idades era tão pequena</b> que ele parecia mais meu irmão que meu tio. Ele era um menino bonito e claro, quase branco, pois herdara a cor que minha avó devia <b>a(o)s antepassada(o)s anglo-saxônica(o)s</b>.<sup>89</sup> Apesar de apenas <b>dez</b><sup>90</sup> <b>anos</b>, foram pagos setecentos e <b>vinte dólares</b><sup>91</sup> por ele. Sua venda foi um golpe terrível para minha avó. <b>Entretanto, sendo ela uma mulher</b></p>
---	---	---

<sup>86</sup> As terras não foram apenas divididas entre os filhos do colono, mas também entre as filhas. Nesse caso, utilizei o feminino e o masculino no plural com vistas a frisar esse detalhe.

<sup>87</sup> Vide nota n. 36 (p. 97).

<sup>88</sup> Nessa passagem, o texto de Harriet não afirma serem cinco crianças, mas que pessoa, sobre quem escreve tinha cinco anos quando seu irmão mais jovem foi vendido. Identifico um erro na primeira tradução desse trecho.

<sup>89</sup> ‘A(o)s antepassada(o)s anglo-saxônica(o)s’ visa marcar o lugar de fala como o de uma (re)tradução feminista.

<sup>90</sup> Na (re)tradução os numerais estão escritos por extenso, como no texto de Harriet Jacobs.

<sup>91</sup> Na (re)tradução os numerais estão escritos por extenso, como no texto de Harriet Jacobs.

<p>earnings to her mistress, she trusted solely to her honor. The honor of a slaveholder to a <b>slave!</b></p>	<p>de acordo com as leis sulistas, o escravo, <b>sendo</b> propriedade não pode ter propriedade. Quando minha avó emprestou suas economias feitas a duras penas à <b>sua senhora</b>, confiava apenas na honra dela. A honra de um dono de escravos para com um <b>escravo</b>.</p>	<p><b>naturalmente esperançosa</b>, trabalhou com energia renovada, confiando que com o tempo seria capaz de comprar algumas de suas <b>crianças</b>. Havia economizado <b>trezentos</b><sup>92</sup> <b>dólares</b>, que sua <b>dona</b><sup>93</sup> um dia pediu emprestado prometendo devolvê-los logo. <b>A leitora</b><sup>94</sup> sabe que nenhuma <b>promessa feita oralmente ou por escrito</b> a uma pessoa escravizada tem <b>foro contratual</b>,<sup>95</sup> uma vez que, de acordo com as leis do Sul, uma <b>pessoa escravizada</b>, por estar em condição de propriedade não pode ser dono ou dona de nada. Quando minha avó emprestou suas economias a <b>sua dona</b>,<sup>96</sup> confiou unicamente</p>
---	---	--

<sup>92</sup>Na (re)tradução os numerais estão escritos por extenso, como no texto de Harriet Jacobs

<sup>93</sup> Vide nota n. 36 (p. 97).

<sup>94</sup> Vide nota n. 7 (p. 33).

<sup>95</sup> De acordo com Houaiss (2018) “foro contratual significa “foro escolhido pelas partes contratantes para diminuir eventuais conflitos ou divergências que possam surgir no decorrer do cumprimento do contrato”.

<sup>96</sup> Vide nota n. 36 (p. 97).

		na palavra dessa pessoa. A honra de uma <b>dona</b> <sup>97</sup> para com uma <b>pessoa escravizada</b> .
--	--	--

<b>To this good grandmother I was indebted for many comforts.</b> My brother Willie and I often received portions of the crackers, cakes, and preserves, she made to sell; and after we ceased to be children, <b>we were indebted to her for many more important services.</b>	<b>A essa boa avó eu devia muitas satisfações.</b> Meu irmão Willie e eu ganhávamos, com frequência, biscoitos, bolos e conservas que ela fazia para vender. E quando deixamos de ser crianças, <b>passamos a dever-lhe muitos serviços mais importantes.</b>	<b>A essa boa avó eu devia muitas satisfações.</b> <sup>98</sup> Meu irmão Willie e eu recebíamos, com frequência, porções de biscoitos, bolos e conservas que ela fazia para vender e quando deixamos de ser crianças <b>ficamos em débito com ela por outros tantos favores</b>
Such were the unusually <b>fortunate</b> circumstances of my early childhood. When I was six years old, my mother died; and then, for the first time, I learned, by the talk around me, that I was a slave. <b>My mother's mistress was the daughter of my grandmother's</b>	Foram essas as circunstâncias excepcionalmente <b>felizes</b> da minha tenra infância. Minha mãe morreu quando eu tinha seis anos. Foi então que, pela primeira vez e devido às conversas à minha volta, tive consciência de que era escrava. <b>A senhora de</b>	Essas foram às circunstâncias excepcionalmente <b>afortunadas</b> <sup>101</sup> da minha primeira infância. Quando tinha seis anos minha mãe morreu e então, pela primeira vez, me dei conta, devido a conversa a minha volta, que era uma pessoa escravizada. <b>A dona de</b>

<sup>97</sup>Vide nota n. 36 (p. 97).

<sup>98</sup> Tomei a mesma decisão tradutória encontrada por Waltensir Dutra por não haver encontrado nenhum outro termo que se encaixasse tão bem a essa passagem como tradução.

<sup>101</sup> Nesse caso, e para uma criança escravizada, ter '*fortunate conditions*' não significava apenas 'condições felizes', como aparece na tradução; por isso escolhi 'condições afortunadas'.

<p><b>mistress.</b> She was the foster sister of my mother; they were both nourished at my grandmother's breast. In fact, my mother had been weaned at three months old, that the babe of the mistress might obtain sufficient food. They played together as children; and, when they became women, my mother was a most faithful servant to her whiter foster sister. On her death-bed her mistress promised that her children should never suffer for anything; and during her lifetime she kept her word. They all spoke kindly of my dead mother, who had been a slave merely in name, but in nature was noble and womanly. I grieved for her, and my young mind was troubled with the thought who would now take care of me and my little</p>	<p><b>minha mãe era filha da senhora de minha avó.</b> Era irmã de leite de minha mãe, já que ambas tinham sido amamentadas por minha avó. Na verdade, minha mãe foi desmamada aos três meses para que o bebê da senhora pudesse ter alimento suficiente. Brincaram juntas em criança, e quando se tornaram mulheres, minha mãe foi uma Serva muito fiel de sua irmã de leite branca. Esta lhe prometeu, no leito de morte, que seus filhos não passariam nunca <b>necessidades</b>,<sup>100</sup> e manteve a palavra durante toda a sua vida. Todos falavam bem de minha falecida mãe, que era escrava apenas no nome, tendo uma natureza nobre e todas as virtudes femininas. Chorei por ela, e minha mente jovem perturbou-se com a</p>	<p><b>minha mãe era filha da colona de minha avó.</b> Era irmã de leite de minha mãe, pois ambas foram amamentadas por minha avó. Na verdade, minha mãe foi desmamada aos três meses, para que a bebê da colona<sup>102</sup> pudesse receber alimento suficiente. Brincaram juntas quando crianças e quando se tornaram mulheres, minha mãe foi a mais fiel serva que sua irmã de leite branca poderia ter. Esta lhe prometeu no leito de morte, que suas crianças nunca passariam necessidades e durante toda a sua vida ela manteve a palavra. Todos/as falaram bem de minha falecida mãe, que podia ser considerada “escrava” meramente no nome, pois possuía uma natureza nobre e feminina<sup>103</sup>. Lamentei por ela</p>
--	---	---

<sup>100</sup> ‘Não passariam nunca necessidades’ torna-se redundante já que ‘nunca’ cumpre a função da negação na frase.

<sup>102</sup> Vide nota n. 36 (p. 97).

<sup>103</sup> Na tradução houve um acréscimo. A palavra ‘*womanly*’ foi traduzida para ‘todas as virtudes femininas’. Na minha tradução, deixo apenas a palavra ‘feminina’, já que considero a mãe de Harriet Jacobs como uma mulher e não apenas uma mercadoria. A tradução de Waltensir Dutra me remete ao discurso proferido por Sojourner Truth, “*Ain’t I a woman*” (1851), poucos anos antes da publicação do livro de Harriet Jacobs. Compreendo que Dutra tenha sentido a necessidade de acrescentar ‘todas as virtudes femininas’

<p>brother. I was told that my home was now to be with her mistress; and I found it a happy one. No toilsome or disagreeable duties were imposed on me. My mistress was so kind to me that I was always glad to do her bidding, and proud to labor for her as much as my young years would permit. I would sit by her side for hours, sewing diligently, with a heart as free from care as that of any free-born white child. When she thought I was tired, she would send me out to run and jump; and away I bounded, to gather berries or flowers to decorate her room. Those were happy days--too happy to last. The slave child had no thought for the morrow; but there came that blight, which too</p>	<p>indagação de quem iria agora tomar conta de mim e do meu irmãozinho. Disseram-me que eu iria morar com a senhora dela, com quem fui feliz. Não me foram impostos trabalhos pesados, nem desagradáveis. Era tão boa para mim que eu sentia prazer em satisfazer suas vontades, orgulhando-me de trabalhar para ela tanto quanto permitiam meus poucos anos. Ficava sentada ao seu lado por horas, cosendo com habilidade, com o coração tão despreocupado quanto o de qualquer criança branca e livre. Quando ela julgava estar eu cansada, mandava-me correr e pular; e lá ia eu colher frutas ou flores para decorar a sala. Foram dias felizes, felizes demais para durarem. Acriança escrava não pensava no amanhã, mas aconteceu por fim a desgraça que</p>	<p>e minha mente jovem estava aflita com o pensamento sobre quem iria cuidar de mim e do meu irmão pequeno. Foi-me dito que aquele lar seria agora da ‘dona’ dela com quem fui feliz. Não me foram impostos trabalhos pesados, nem desagradáveis. Minha dona era tão gentil comigo que eu me sentia agradecida em fazer seus mandados e orgulhosa de trabalhar para ela tanto quanto meus poucos anos permitissem. Ficava sentada ao seu lado por horas, cosendo diligentemente, com o coração tão livre de preocupação como qualquer criança branca nascida livre. Quando ela julgava que eu estava cansada mandava-me correr e pular e colher frutas ou flores para decorar a sala, numa distância delimitada. Foram dias felizes – felizes demais para</p>
--	--	---

por conta da situação de escravidão da mulher, a qual poderia não ser considerada como tal. Contudo, não acrescentei o termo por concordar com Sojourner Truth, que mostra, em seu discurso, como a mulher negra é tão mulher quanto qualquer outra.

<p>surely waits on every human being born to be a “<b>chattel</b>”.<sup>99</sup></p>	<p>muito certamente espera todo ser humano nascido para ser tratado como um objeto.</p>	<p>durarem. A criança escravizada não pensava no amanhã, mas aconteceu, por fim a desgraça, que certamente todo ser humano nascido para ser tratada como uma <b>mercadoria</b>.<sup>104</sup></p>
<p>When I was nearly twelve years old, my kind <b>mistress</b> sickened and died. As I saw the cheek grow paler, and the eye more glassy, how earnestly I prayed in my heart that she might live! I loved her; for she had been almost like a mother to me. My prayers were not answered. She died, and they buried her in the little churchyard, where, day after day, my tears fell upon her grave.</p>	<p>Quando eu tinha quase 12 anos, minha bondosa <b>senhora</b> adoeceu e morreu. Ao ver que ela ficava cada vez mais pálida, e seus olhos mais embaçados, com que empenho rezei no coração para que vivesse! Eu a amava, pois tinha sido quase uma mãe para mim. As minhas orações não foram ouvidas. Morreu e foi enterrada no pequeno adro da igreja, onde, dia após dia, minhas lágrimas caíram sobre sua sepultura.</p>	<p>Quando tinha quase doze anos, minha bondosa <b>colona</b> adoeceu e morreu. Ao ver seu rosto empalidecer e seu olhar ficar embaçado, como rezei sinceramente no coração para que ela pudesse viver! Eu a amava, pois tinha sido quase uma mãe para mim. Minhas orações não foram ouvidas. Ela morreu e a enterraram no pequeno quintal da igreja, onde, dia após dia, minhas lágrimas caíram sobre sua sepultura.</p>
<p>I was sent to spend a week with my grandmother. I was now old enough to begin</p>	<p>Mandaram-me passar uma semana com minha avó. Eu já era então suficientemente grande</p>	<p>Mandaram-me passar uma semana com minha avó. Eu estava agora com idade de começar a</p>

<sup>99</sup> Segundo o dicionário Merriam-Webster (2018), “a palavra ‘*chattel*’ é encontrada em dois sentidos principais. O primeiro dos dois refere-se tecnicamente a uma propriedade especificamente diferente daquela que envolve um título de bens imobiliários. O segundo significado de ‘*chattel*’ pode incitar uma emoção considerável, quando se refere a seres humanos como propriedade, assim como escravos. ‘*Chattel*’ é o sinônimo para uma pessoa mantida em escravidão por outra” (Tradução minha).

<sup>104</sup> Vide nota n. 81 (p.110).

<p>to think of the future; and again and again I asked myself what they would do with me. I felt sure I should never find another <b>mistress so kind</b> as the one who was gone. She had promised my dying mother that <b>her children</b> should never suffer for any thing; and when I remembered that, and recalled her many proofs of attachment to me, I could not help having some hopes that she had left me free. <b>My friends</b> were almost certain it would be so. They thought she would be sure to do it, on account of my mother's love and <b>faithful</b> service. But, alas! We all know that the memory of a faithful slave does not avail much <b>to save her children from the auction block.</b></p>	<p>para começar a pensar no futuro, e repetidas vezes perguntei-me o que fariam comigo. Tinha a certeza de que nunca encontrara outra <b>senhora tão boa</b> quanto ela. Lembrava-me de sua promessa à minha mãe agonizante, de que <b>seus filhos</b> nunca passariam necessidades, e lembrava-me de muitas provas de afeto que me tinha dado; por isso não pude deixar de alimentar alguma esperança de que me tivesse deixado livre. <b>Meus amigos</b> tinham quase certeza disso. Achavam que ela certamente o teria feito devido ao amor e ao serviço <i>fiel</i> de minha mãe. Mas infelizmente, todos nós sabemos que a lembrança de <b>uma escrava fiel</b> não vale muito para <b>salvar seus filhos do leilão.</b></p>	<p>pensar no futuro e repetidas vezes me perguntava o que iriam fazer comigo. Tinha a certeza de que nunca iria achar outra <b>colona tão bondosa</b> como aquela que tinha partido. Lembrava-me de sua promessa à minha falecida mãe, de que <b>suas crianças</b> nunca sofreriam por nada e quando me lembrava disso, recordava as muitas provas de afeto que me tinha dado e que não pude deixar de ter esperança de que ela tivesse me deixado livre. <b>Minhas amigas</b> tinham certeza de que isso aconteceria. Pensavam que ela certamente o teria feito, devido ao amor de minha mãe e ao serviço <b>fiel</b> de minha mãe. Porém, infelizmente todas nós sabemos que a memória <b>de uma pessoa escravizada</b>, mesmo que fiel, não vale muito para <b>salvar suas crianças do leilão.</b></p>
<p>After a brief period of <b>suspense</b>, the will of <b>my mistress</b> was read, and we learned that she had bequeathed me to her sister's daughter, a child</p>	<p>Depois de um breve período de <i>expectativa</i>, o testamento de minha <b>senhora</b> foi lido, e ficamos sabendo que ela me legara à filha da</p>	<p>Depois de um breve período de <b>suspense</b>, o testamento da minha <b>colona</b> foi lido e descobrimos que ela havia me legado para a</p>

<p>of five years old. So vanished our hopes. My <i>mistress</i> had taught me the precepts of God's Word: "Thou shalt love thy neighbor as thyself." "Whatsoever ye would that men should do unto you, do ye even so unto them." But I was her slave, and I suppose she did not recognize me as <b>her neighbor</b>. I would give much to blot out from my memory that one <b>great wrong</b>. As a child, I loved <b>my mistress</b>; and, looking back on the happy days I spent with her, I try to think with less bitterness of this act of injustice. While I was with her, she taught me to read and spell; and for this privilege, which <b>so rarely falls to the lot of a slave</b>, I bless her memory.</p>	<p>irmã, uma menina de cinco anos de idade. Portanto <b>desvaneceram-me</b> nossas esperanças. Minha <b>senhora</b> ensinara-me os preceitos da Palavra de Deus: "Amarás teu próximo como a ti mesmo." "Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós." Mas eu era <b>sua escrava</b> e acho que não me considerava <b>seu próximo</b>. Eu daria muito para apagar da memória <b>aquele mal</b>. Como criança, eu amava <b>minha senhora</b>, e lembrando os dias felizes que passei com ela, tento pensar com menos amargura nesse ato de injustiça. Enquanto eu estava com ela, ensinou-me a ler e escrever, e por esse privilégio, que tão raramente ocorre no destino de <b>um escravo</b>, bendigo sua memória.</p>	<p>filha da irmã, uma criança de cinco anos de idade. Assim <b>desvaneceram</b> nossas esperanças. Minha <b>colona</b> me ensinou os preceitos da palavra de Deus: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". "Portanto, tudo quanto quereis que as pessoas vos façam, assim fazei-o vós também a elas". Mas eu era <b>uma mulher escravizada</b> e suponho que ela não me reconhecia como <b>sua semelhante</b>.<sup>105</sup> Eu daria tudo para apagar da minha memória esse <b>grande mal</b>.<sup>106</sup> Quando criança, eu amava <b>minha colona</b> e agora lembrando dos dias felizes que passei com ela, tento pensar com menos ressentimento nesse ato de injustiça. Enquanto eu estava com ela, ensinou-me a ler e escrever e por esse privilégio, que tão raramente ocorre no destino de <b>uma pessoa escravizada</b>, bendigo sua memória.</p>
---	---	--

<sup>105</sup> 'Sua semelhante' visa marcar o lugar de fala como o de uma (re)tradução feminista.

<sup>106</sup> Concordo com a tradução de Waltensir Dutra nesse ponto.

<p><b>She possessed but few slaves;</b> and at her death those were all distributed among her relatives. Five of them were my grandmother's children, and had shared the same milk that nourished her mother's children. Notwithstanding my grandmother's long and faithful service to her owners, not one of her children escaped the auction block. These God-breathing machines are no more, in the sight of their masters, than the cotton they plant, or the horses they tend.</p>	<p><b>Seus escravos</b> eram poucos, e quando morreu fora todos distribuídos entre <i>os parentes</i>. Cinco <i>deles</i> eram <b>filhos</b> de minha avó e tinham todo tomado o mesmo leite que alimentara <b>os filhos</b> de sua mãe. Apesar da prolongada e fiel servidão de minha avó <b>aos seus senhores</b>, nenhum <i>de seus filhos</i> escapou do leilão. Essas máquinas vivas feitas por Deus não são, aos olhos de <b>seus senhores</b>, mais do que o algodão que plantam, ou os cavalos que criam.</p>	<p>Ela possuiu algumas <b>pessoas escravizadas</b> e quando morreu foram todas distribuídas entre <b>seus familiares</b>. Cinco deles/as eram filhos/as da minha avó e tinham tomado o mesmo leite que alimentara os/as filhos/as de sua mãe. Apesar da longa e fiel servidão de minha avó <b>aos/as seus/suas donos/as</b>, nenhum de <b>seus/suas filhos/as</b> escapou do leilão. Essas máquinas vivas feitas por Deus, não são, aos olhos de <b>seus/suas donos/as</b>, mais do que o algodão que plantam ou os cavalos que criam.</p>
---	---	--

### 5.5 VI A Senhora Ciumenta

VI. The Jealous Mistress	VI Os Ciúmes da Senhora	VI. A Senhora Ciumenta
<p>I would ten thousand times rather that my children should be the half-starved paupers of Ireland than to be the most pampered among</p>	<p>EU PREFERIA dez mil vezes que meus filhos fossem os famintos pobres da Irlanda do que os mais bem tratados entre os <b>escravos</b> da</p>	<p>Eu preferiria dez mil vezes que meus filhos fossem os pobres famintos da Irlanda, do que ser os mais pararicados entre <b>as/os</b></p>

<p><b>the slaves</b> of America. I would rather drudge out my life on a cotton plantation, till the grave opened to give me rest, than to live with an unprincipled master and a jealous mistress. The felon's home in a penitentiary is preferable. He may repent, and turn from the error of his ways, and so find peace; but it is not so with a favorite slave. She is not allowed to have any pride of character. It is deemed a crime in her to wish to be virtuous.</p>	<p>América. Eu preferia arrastar minha vida numa fazenda de algodão, até que a sepultura se abrisse para me dar descanso, do que viver com um senhor sem princípios e uma senhora ciumenta. A casa de um criminoso em uma penitenciária é preferível. Ele pode arrepender-se, afastar-se do erro de seu comportamento, e com isso encontrar a paz, o que não acontece com uma escrava favorita. Ela não pode ter nenhum orgulho de caráter. Nela é considerado crime o desejo de ser virtuosa.</p>	<p><b>escravizadas/os</b> da América. Eu preferiria passar minha vida trabalhando duro em uma plantação de algodão, até que a sepultura se abrisse para me dar descanso, do que viver com um senhorse sem princípios e uma senhora ciumenta. A moradia de um criminoso em uma penitenciária é preferível. Ele pode arrepender-se e desviar-se do erro de certos comportamentos e, assim, encontrar a paz, mas não é assim com <b>uma escrava favorita</b>. Ela não tem permissão para ter qualquer orgulho de caráter. É considerado um crime nela querer ser virtuosa.</p>
<p>Mrs. Flint possessed the key to her husband's character before I was born. She might have used this knowledge to counsel and to screen the young and the innocent among her slaves; but for them she had no sympathy. They were the objects of her constant suspicion and malevolence. She watched her husband with unceasing vigilance; but he was well practiced</p>	<p>A Sra. Flint tinha a chave do caráter do marido antes que eu nascesse. Poderia ter usado esse conhecimento para aconselhar e proteger as jovens e inocentes entre suas escravas, mas não sentia simpatia por elas. Eram objeto de suas suspeitas constantes e de sua maldade. Ela vigiava o marido sem cessar, mas este tinha muita prática em fugir a tal fiscalização.</p>	<p>A Sra. Flint possuía a chave do caráter do marido antes que eu nascesse. Ela poderia ter usado esse conhecimento para aconselhar e examinaras jovens e inocentes entre suas <b>escravizadas</b>, mas ela não tinha compaixão por elas. Eram os objetos de sua constante suspeita e malevolência. Ela vigiava o marido sem cessar, no entanto, <b>ele</b> tinha prática de</p>

<p>in means to evade it. What he could not find opportunity to say in words he manifested in signs. He invented more than were ever thought of in a deaf and dumb asylum. I let them pass, as if I did not understand what he meant; and many were the curses and threats bestowed on me for my stupidity. One day he caught me teaching myself to write. He frowned, as if he was not well pleased; but I suppose he came to the conclusion that such an accomplishment might help to advance his favorite scheme. Before long, notes were often slipped into my hand. I would return them, saying, "I can't read them, sir." "Can't you?" he replied; "then I must read them to you." He always finished the reading by asking, "Do you understand?" Sometimes he would complain of the heat of the tea room, and order his supper to be placed on a small table in the piazza. He would seat himself there with a well-satisfied smile, and tell me to stand by</p>	<p>O que não tinha oportunidade de dizer em palavras, manifestava por sinais. Inventou mais sinais do que jamais pensaram os internos de um asilo de surdos e mudos. Eu os deixava passar como se não entendesse o que queriam dizer; e muitas foram as maldições e ameaças contra mim, pela minha estupidez. Certo dia, ele me surpreendeu aprendendo a escrever. Franziu o cenho, como se não tivesse satisfeito; suponho, porém, que tenha chegado à conclusão de que isso poderia ajudar ao seu plano favorito. Antes que decorresse muito tempo, bilhetes eram, com freqüência, colocados em minha mão. Eu os devolvia, dizendo:</p> <p style="padding-left: 40px;">– Não posso lê-los, senhor.</p> <p style="padding-left: 40px;">– Não pode? – replicava ele. – Então tenho de ler para você. – E sempre terminava a leitura perguntando: – Você entende?</p> <p>Por vezes, ele queixava-se do calor na sala de refeições e mandava que seu jantar fosse</p>	<p>fugir dessa fiscalização. O que ele não conseguia encontrar oportunidade de dizer em palavras, manifestava por sinais. Inventou mais do que jamais pensaram os internos de um <b>asilo de surdos e mudos</b>. Eu os deixava passar, como se não entendesse o que ele queria dizer e muitas foram as maldições e ameaças contra mim pela minha estupidez. Certo dia ele me pegou aprendendo a escrever. Franziu a testa, como se não estivesse satisfeito, mas suponho que ele chegou à conclusão de que essa proeza poderia ajuda-lo com seu plano favorito. Em pouco tempo, bilhetes eram colocados em minha mão. Eu os devolvia, dizendo: "Não posso lê-los, senhor". "Não pode?" ele respondia; "então tenho que ler para você." Ele sempre terminava a leitura perguntando: "Você entende?". Às vezes, ele reclamava do calor da sala de chá e pedia que o jantar fosse colocado em uma pequena mesa na varanda. Ele se sentava lá</p>
--	---	---

<p>and brush away the flies. He would eat very slowly, pausing between the mouthfuls. These intervals were employed in describing the happiness I was so foolishly throwing away, and in threatening me with the penalty that finally awaited my stubborn disobedience. He boasted much of the forbearance he had exercised towards me, and reminded me that there was a limit to his patience. When I succeeded in avoiding opportunities for him to talk to me at home, I was ordered to come to his office, to do some errand. When there, I was obliged to stand and listen to such language as he saw fit to address to me. Sometimes I so openly expressed my contempt for him that he would become violently enraged, and I wondered why he did not strike me. Circumstanced as he was, he probably thought it was better policy to be forbearing. But the state of things grew worse and worse daily. In desperation I told him that I must and</p>	<p>servido na varanda. Sentava-se ali com um sorriso satisfeito, e dizia-me para ficar ao seu lado, espantando as moscas. Comia muito devagar, fazendo pausas entre as garfadas. Esses intervalos eram ocupados com a descrição da felicidade que eu estava tolamente desprezando, e com ameaças do castigo que esperava, no fim, a minha teimosa desobediência. Falava muito da sua tolerância para comigo e lembrava-me de que sua paciência tinha limites. Quando eu conseguia evitar oportunidades de que ele me falasse em casa, mandava chamar-me ao seu consultório, para algum serviço. Ali eu era obrigada a ouvir o que ele julgava oportuno dizer-me. Por vezes eu expressava tão abertamente meu desprezo por ele, que o irritava tanto a ponto de indagar a mim mesma por que não me batia. Devido às circunstâncias, ele provavelmente julgava melhor política ser tolerante. Mas esse estado de coisas tornava-se pior a cada dia. Em</p>	<p>com um sorriso bem satisfeito, e me dizia para ficar de pé e espantar as moscas. Ele comia muito devagar, parando entre as garfadas. Esses intervalos eram usados para descrever a felicidade que eu estava tão tolamente <b>desperdiçando/desprezando</b> e ameaçando-me com o castigo que aguardava, no fim a minha teimosa desobediência. Vangloriava-se da paciência que tinha comigo e me lembrava que sua paciência tinha limite.</p> <p>Quando eu conseguia evitar <b>oportunidades</b> de que ele falasse comigo em casa, recebia a ordem de ir ao seu escritório fazer alguma coisa. Ali, era obrigada a ficar de pé e ouvir o que ele julgava oportuno dizer-me. Às vezes eu expressava tão abertamente o meu desprezo por ele que ele se enfurecia violentamente e eu me perguntava por que ele não me batia.</p> <p>Devido às circunstâncias, ele provavelmente julgava melhor política ser tolerante. Mas o estado das coisas foi piorando a cada dia. Em</p>
---	--	---

<p>would apply to my grandmother for protection. He threatened me with death, and worse than death, if I made any complaint to her. Strange to say, I did not despair. I was naturally of a buoyant disposition, and always I had a hope of somehow getting out of his clutches. Like many a poor, simple slave before me, I trusted that some threads of joy would yet be woven into my dark destiny.</p>	<p>desespero, eu lhe disse que iria pedir a proteção de minha avó. Ameaçou-me de morte e de coisas piores do que a morte, se eu me queixasse a ela. É estranho dizer isso, mas não me desesperei. Eu era naturalmente de disposição animada, e tive sempre a esperança de escapar de suas garras, de alguma forma. Como muitos escravos pobres e simples antes de mim, confiava que alguns fios de alegria ainda se entremeariam na trama do meu negro destino.</p>	<p>desespero, disse-lhe que podia e que iria pedir à minha avó por proteção. Ameaçou-me de morte e de coisas piores que a morte se eu fizesse qualquer queixa a ela. É estranho dizer isso, mas não me desesperei. Eu era naturalmente de uma disposição animada, e sempre tive a esperança de escapar de suas garras alguma forma. Como muitos escravizadas pobres e simples antes de mim, confiei que alguns fios de alegria ainda seriam tecidos em meu destino <b>sombrio</b>.</p>
<p>I had entered my sixteenth year, and every day it became more apparent that my presence was intolerable to Mrs. Flint. Angry words frequently passed between her and her husband. He had never punished me himself, and he would not allow anybody else to punish me. In that respect, she was never satisfied; but, in her angry moods, no terms were too vile</p>	<p>Eu tinha entrado no décimo-sexto ano, e a cada dia tornava-se mais evidente que minha presença era intolerável à Sra. Flint. Palavras irritadas eram trocadas com freqüência entre ela e o marido. Ele nunca me castigava e não permitia que ninguém o fizesse. Sob esse aspecto, ela nunca estava satisfeita e, quando enraivecida, não havia palavras demasiado</p>	<p>Eu havia entrado no meu décimo sexto ano e a cada dia ficava mais visível que minha presença era intolerável para a sra. Flint. Frequentemente eram trocadas palavras furiosas entre ela e o marido. Ele nunca me puniu e não permitiria que alguém me castigasse. Ela nunca ficou satisfeita em relação a essa questão, mas quando estava de</p>

<p>for her to bestow upon me. Yet I, whom she detested so bitterly, had far more pity for her than he had, whose duty it was to make her life happy. I never wronged her, or wished to wrong her, and one word of kindness from her would have brought me to her feet.</p>	<p>baixas para lançar contra mim. Mas eu, a quem ela detestava tanto, tinha mais pena dela do que o marido, a quem cabia torná-la feliz. Nunca a enganei, nem quis enganar, e uma palavra bondosa dela me teria levado aos seus pés.</p>	<p>mal humor não havia palavras que fossem baixas o suficiente para serem jogadas contra mim. No entanto, eu a quem ela detestava amargamente tinha muito mais pena dela do que ele, cujo dever era tornar sua vida feliz. Eu nunca a enganei ou desejei enganá-la, e uma palavra de bondade dela teria me lançado aos seus pés.</p>
<p>After repeated quarrels between the doctor and his wife, he announced his intention to take his youngest daughter, then four years old, to sleep in his apartment. It was necessary that a servant should sleep in the same room, to be on hand if the child stirred. I was selected for that office, and informed for what purpose that arrangement had been made. By managing to keep within sight of people, as much as possible, during the day time, I had hitherto succeeded in eluding my master, though a razor was often held to my throat to force me to change this line of policy. At night I slept by</p>	<p>Depois de repetidas brigas entre o doutor e sua mulher, ele anunciou a intenção de levar a filha mais nova, então com quatro anos, para dormir em seus aposentos. Era necessário que uma criada dormisse no mesmo quarto, para estar presente se a criança acordasse. Fui escolhida para isso e informada qual finalidade dessa disposição. Mantendo-me sempre junto de outras pessoas durante o dia, eu tinha até conseguido evitar o meu senhor, embora uma navalha fosse com freqüência colocada em minha garganta para que mudasse de comportamento. À noite, eu dormia ao lado de</p>	<p>Após repetidas brigas entre o médico e sua esposa, ele anunciou sua intenção de levar sua filha mais nova, então com quatro anos de idade, para dormir em seu aposento. Era necessário que um/a criado/a dormisse no mesmo quarto, para estar a postos caso a criança se despertasse. Fui escolhida para essa função e informada com que finalidade esse acordo havia sido feito. Conseguindo me manter longe da vista das pessoas tanto quanto possível durante o dia, eu até então conseguira escapar do meu senhor, embora muitas vezes era como se uma faca fosse colocada em meu</p>

<p>the side of my great aunt, where I felt safe. He was too prudent to come into her room. She was an old woman, and had been in the family many years. Moreover, as a married man, and a professional man, he deemed it necessary to save appearances in some degree. But he resolved to remove the obstacle in the way of his scheme; and he thought he had planned it so that he should evade suspicion. He was well aware how much I prized my refuge by the side of my old aunt, and he determined to dispossess me of it. The first night the doctor had the little child in his room alone. The next morning, I was ordered to take my station as nurse the following night. A kind Providence interposed in my favor. During the day Mrs. Flint heard of this new arrangement, and a storm followed. I rejoiced to hear it rage.</p>	<p>minha tia-avó, onde me sentia segura. Ele era prudente demais para entrar no quarto dela, uma mulher idosa que estava há muitos anos com a família. Além disso, como homem casado e profissional liberal, considerava necessário manter as aparências, até certo ponto. Resolveu, porém, remover o obstáculo no caminho de seus planos, e achou que o tinha feito sem despertar suspeitas. Sabia o quanto eu prezava meu refúgio ao lado de minha velha tia, e empenhou-se em privar-me dele. Na primeira noite, a criança dormiu sozinha no quarto do doutor. Na manhã seguinte, recebi ordem de ocupar o meu lugar como ama naquela noite. A boa Providência agiu em meu favor. Durante o dia, a Sra. Flint ficou sabendo dessa nova determinação, e houve uma tempestade. Regozije-me ao ouvi-la rugir.</p>	<p>pescoço obrigando-me a mudar essa estratégia. À noite eu dormia ao lado da minha tia-avó, onde me sentia segura. Ele era muito prudente para entrar em seu quarto, ela era uma mulher idosa e estava na família há muitos anos. Ademais, sendo ele um homem casado e com uma profissão, considerou necessário salvar as aparências em alguma maneira. Contudo, resolveu remover o obstáculo no caminho de sua trama que achou que a tinha planejado de modo a evitar qualquer suspeita. Ele estava bem ciente de quanto eu valorizava meu refúgio ao lado da minha tia idosa e estava determinado a me desapropriar disso. Na primeira noite o médico teve a garotinha sozinha em seu quarto. Na manhã seguinte recebi a ordem de tomar meu posto como enfermeira na noite seguinte. Uma espécie de Providência se interpôs a meu favor. Durante o dia a sra. Flint ouviu falar desse novo esquema,</p>
--	---	--

		o que resultou numa tempestade. Eu me regoziquei em ouvir sua raiva.
<p>After a while my mistress sent for me to come to her room. Her first question was, "Did you know you were to sleep in the doctor's room?"</p> <p>"Yes, ma'am."</p> <p>"Who told you?"</p> <p>"My master."</p> <p>"Will you answer truly all the questions I ask?"</p> <p>"Yes, ma'am."</p> <p>"Tell me, then, as you hope to be forgiven, are you innocent of what I have accused you?"</p> <p>"I am."</p> <p>She handed me a Bible, and said, "Lay your hand on your heart, kiss this holy book, and swear before God that you tell me the truth."</p> <p>I took the oath she required, and I did it with a clear conscience.</p>	<p>Algum tempo depois, minha senhora mandou chamar-me em seu quarto. Sua primeira pergunta foi:</p> <p>– Você sabia que tem de dormir no quarto do doutor?</p> <p>– Sim, senhora.</p> <p>– Quem lhe disse?</p> <p>– Meu senhor.</p> <p>– Você responderá sinceramente a todas as perguntas que eu fizer?</p> <p>– Sim, senhora.</p> <p>– Diga-me, então, se espera ser perdoada, está inocente daquilo de que a acusei?</p> <p>– Estou.</p> <p>Entregou-me uma Bíblia e continuou:</p> <p>– Ponha a mão no coração, beije esse livro sagrado e jure perante Deus que está dizendo a verdade.</p>	<p>Depois de algum tempo minha senhora mandou que eu fosse ao seu quarto. Sua primeira pergunta foi: "Você sabia que iria dormir no quarto do doutor?"</p> <p>"Sim, senhora."</p> <p>"Quem te contou?"</p> <p>"Meu senhor."</p> <p>"Você vai responder verdadeiramente todas as perguntas que eu farei?"</p> <p>"Sim, senhora."</p> <p>"Diga-me então se espera ser perdoada, você é inocente do que eu te acusei?"</p> <p>"Eu sou."</p> <p>Ela me entregou uma Bíblia e disse: "Coloque sua mão em seu coração, beije este livro sagrado e jure diante de Deus que você me disse a verdade".</p> <p>Fiz o juramento que ela exigiu, e o fiz com a consciência limpa.</p>

<p>"You have taken God's holy word to testify your innocence," said she. "If you have deceived me, beware! Now take this stool, sit down, look me directly in the face, and tell me all that has passed between your master and you."</p>	<p>Fiz o juramento que ela queria, com a consciência tranqüila.</p> <p>– Você tomou a palavra sagrada de Deus como testemunha de sua inocência. Se tiver me enganando, cuidado! Agora pegue este banco, sente-se e olhe-me diretamente no rosto, e diga tudo o que aconteceu entre seu senhor e você.</p>	<p>"Você tomou a palavra sagrada de Deus para testemunhar sua inocência", disse ela. "Se você me enganou, cuidado! Agora pegue este banquinho, sente-se, olhe diretamente para mim e diga-me tudo o que se passou entre seu senhor e você."</p>
<p>I did as she ordered. As I went on with my account her color changed frequently, she wept, and sometimes groaned. She spoke in tones so sad, that I was touched by her grief. The tears came to my eyes; but I was soon convinced that her emotions arose from anger and wounded pride. She felt that her marriage vows were desecrated, her dignity insulted; but she had no compassion for the poor victim of her husband's perfidy. She pitied herself as a martyr; but she was incapable of feeling for the condition of shame and misery in which her unfortunate, helpless slave was placed.</p>	<p>Fiz o que ela mandava. Enquanto fazia meu relato, suas cores mudavam com freqüência, ela chorava, e por vezes gemia. Falou num tom tão triste que fiquei comovida com seu sofrimento. As lágrimas vieram aos meus olhos, mas convenci-me logo de que suas emoções vinham de raiva e do orgulho ferido.</p> <p>Ela sentia que os votos de seu casamento haviam sido conspurcados, sua dignidade insultada; não tinha porém, compaixão da vítima da perfídia do marido. Tinha pena de si mesma, como uma mártir, mas era incapaz de apiedar-se da situação de vergonha e</p>	<p>Fiz o que ela mandava. Enquanto eu continuava com meu relato, a cor dela mudava com freqüência, ela chorava e às vezes gemia. Ela falou em tons tão tristes, que fiquei tocada pela dor dela. As lágrimas vieram aos meus olhos; mas logo me convenci de que suas emoções surgiam da raiva e do orgulho ferido.</p> <p>Ela sentiu que seus votos matrimoniais foram profanados, sua dignidade insultada; mas ela não tinha compaixão pela pobre vítima da perfídia do marido. Ela se sentiu uma mártir; mas ela era incapaz de ter consideração pela condição de vergonha e miséria em que sua infeliz e indefesa escrava foi colocada.</p>

	infortúnio na qual sua infeliz e desamparada escrava tinha sido colocada.	
<p>Yet perhaps she had some touch of feeling for me; for when the conference was ended, she spoke kindly, and promised to protect me. I should have been much comforted by this assurance if I could have had confidence in it; but my experiences in slavery had filled me with distrust. She was not a very refined woman, and had not much control over her passions. I was an object of her jealousy, and, consequently, of her hatred; and I knew I could not expect kindness or confidence from her under the circumstances in which I was placed. I could not blame her. Slaveholders' wives feel as other women would under similar circumstances. The fire of her temper kindled from small-sparks, and now the flame became so intense that the doctor was obliged to give up his intended arrangement.</p>	<p>Não obstante, talvez ela tivesse algum vago sentimento por mim, pois quando a conversa terminou, falou com bondade e prometeu proteger-me. Eu teria ficado muito reconfortada por essa afirmação se pudesse confiar nela, mas minha experiência na escravidão encheram-me de desconfianças. Ela não era nem mesmo uma mulher muito fina, e não tinha muito controle sobre suas paixões. Eu era um objeto de ciúme e, em consequência, de seu ódio; sabia que não podia esperar bondade ou confiança de sua parte, nas circunstâncias em que eu estava colocada. Não podia culpá-la. As mulheres de donos de escravos sentem como as outras mulheres, em condições semelhantes. O fogo de sua raiva acendia-se em pequenas fagulhas, e as chamas</p>	<p>Entretanto, talvez ela tivesse algum vago sentimento por mim, já que quando a conversa terminou, falou gentilmente e prometeu me proteger. Eu deveria ter ficado muito reconfortada com essa garantia se pudesse confiar nela, mas minhas experiências com a escravidão encheram-me de desconfiança. Ela não era uma mulher muito refinada e não tinha muito controle sobre suas paixões. Eu era um objeto de seu ciúme e consequentemente de seu ódio e eu sabia que não poderia esperar gentileza ou confiança dela nas circunstâncias em que me encontrava. Eu não podia culpá-la, as esposas dos portadores de escravos sentem-se como outras mulheres em circunstâncias semelhantes. O fogo de sua raiva acendia-se com pequenas faíscas e agora as chamas tornavam-se tão</p>

	tornavam-se agora tão intensas que o doutor foi obrigado a desistir do seu plano.	intensas que o doutor foi obrigado a desistir de seu plano.
I knew I had ignited the torch, and I expected to suffer for it afterwards; but I felt too thankful to my mistress for the timely aid she rendered me to care much about that. She now took me to sleep in a room adjoining her own. There I was an object of her especial care, though not to her especial comfort, for she spent many a sleepless night to watch over me. Sometimes I woke up, and found her bending over me. At other times she whispered in my ear, as though it was her husband who was speaking to me, and listened to hear what I would answer. If she startled me, on such occasions, she would glide stealthily away; and the next morning she would tell me I had been talking in my sleep, and ask who I was talking to. At last, I began to be fearful for my life. It had been often threatened; and you can	Eu sabia que tinha acendido a tocha, e esperava sofrer por isso, mais tarde. Mas sentia-me muito grata à minha senhora, pela oportuna ajuda que me prestava, para me preocupar muito com isso. Ela mandou que eu dormisse num quarto pegado ao seu. Ali eu era objeto de seu especial cuidado, embora não de seu consolo, pois passou muitas noites insones a vigiar-me. Por vezes, eu acordava e encontrava-a inclinada sobre mim. Em outras ocasiões, ela murmurava junto ao meu ouvido, como se fosse o marido, e ficava esperando, para ver se eu respondia. Se eu acordava, nessas ocasiões, ela afastava-se sorrateiramente; na manhã seguinte dizia que eu tinha falado no sono, e perguntava com quem conversava. Por fim, comecei a temer pela minha vida, ameaçada com frequência, e	Eu sabia que tinha acendido a tocha e esperava sofrer depois, mas me senti muito grata a minha senhora pela ajuda oportuna que ela me deu para me importar muito com isso. Ela agora me mandou dormir num quarto ao lado dela. Ali eu era objeto de seu cuidado especial, embora não de seu consolo, pois passou muitas noites sem dormir para cuidar de mim. Às vezes eu acordava e a encontrava inclinada sobre mim. Outras vezes sussurrava em meu ouvido, como se fosse seu marido que falava comigo e ouvia o que eu respondia. Se ela me assustasse nessas ocasiões, afastava-se sorrateiramente e na manhã seguinte me dizia que eu estava falando enquanto dormia e perguntava com quem eu estava falando. Por fim, comecei a temer pela minha vida. Muitas vezes havia sido ameaçada e a leitora pode

<p>imagine, better than I can describe, what an unpleasant sensation it must produce to wake up in the dead of night and find a jealous woman bending over you. Terrible as this experience was, I had fears that it would give place to one more terrible.</p>	<p>o leitor pode imaginar, melhor do que eu posso descrever, a sensação desagradável de acordar alta noite e encontrar uma mulher ciumenta debruçada sobre si. Por mais terrível que fosse essa experiência, eu tinha medo de que desse lugar a outra ainda mais terrível.</p>	<p>imaginar, melhor do que eu posso descrever, que sensação desagradável de acordar na calada da noite e encontrar uma mulher ciumenta debruçada sobre você/si. Por mais terrível que tenha sido essa experiência, eu temia que isso desse lugar a uma ainda mais terrível.</p>
<p>My mistress grew weary of her vigils; they did not prove satisfactory. She changed her tactics. She now tried the trick of accusing my master of crime, in my presence, and gave my name as the author of the accusation. To my utter astonishment, he replied, "I don't believe it; but if she did acknowledge it, you tortured her into exposing me." Tortured into exposing him! Truly, Satan had no difficulty in distinguishing the color of his soul! I understood his object in making this false representation. It was to show me that I gained nothing by seeking the protection of my mistress; that the power was still all in his own hands. I pitied Mrs. Flint.</p>	<p>Minha senhora cansou de suas vigílias, que não foram satisfatórias para ela. Mudou de tática. Tentou o recurso de acusar o meu senhor de um crime, em minha presença, dando meu nome como autora da acusação. Para minha surpresa, ele respondeu: "Não acredito, mas se ela disse isso foi porque você a torturou, obrigando-a a denunciar-me." Tortura para denunciá-lo! Realmente, satanás não teria dificuldade em distinguir a cor de sua alma! Compreendi seu objetivo ao fazer essa falsa representação. Era mostrar-me que eu nada ganhava, buscando a proteção de minha senhora; que o poder ainda estava nas mãos</p>	<p>Minha senhora cansou de suas vigílias, que não foram satisfatórias para ela e mudou de tática. Ela agora tentava o truque de acusar o meu senhor de um crime na minha presença, dando meu nome como autora da acusação. Para minha total surpresa ele respondeu: "Eu não acredito, mas se ela confessou isso foi porque você a torturou para me denunciar". Tortura para denunciá-lo! Realmente, Satanás não teria dificuldade em distinguir a cor de sua alma! Eu entendi seu objetivo ao fazer essa representação falsa. Foi para me mostrar que não ganhei nada buscando a proteção de minha senhora, que o poder ainda estava em suas</p>

<p>She was a second wife, many years the junior of her husband; and the hoary-headed miscreant was enough to try the patience of a wiser and better woman. She was completely foiled, and knew not how to proceed. She would gladly have had me flogged for my supposed false oath; but, as I have already stated, the doctor never allowed any one to whip me. The old sinner was politic. The application of the lash might have led to remarks that would have exposed him in the eyes of his children and grandchildren. How often did I rejoice that I lived in a town where all the inhabitants knew each other! If I had been on a remote plantation, or lost among the multitude of a crowded city, I should not be a living woman at this day.</p>	<p>dele. Tive pena da Sra. Flint. Ele a desposara em segundas núpcias, era muitos anos mais nova do que o marido, um depravado já grisalho, capaz de esgotar a paciência de uma mulher mais prudente e melhor. Ela estava totalmente frustrada e não sabia como agir. Teria mandado açoitar-me com satisfação, pelo meu suposto juramento falso. Mas, como já disse, o doutor não permitia que ninguém me castigasse. O velho pecador era hábil: a aplicação do açoite poderia ter levado a comentários que o teriam desmascarado aos olhos de seus filhos e netos. Regozizei-me frequentemente por viver numa cidade em que todos os habitantes sabiam da vida dos outros! Se eu tivesse numa fazenda distante, ou perdida entre a multidão de uma cidade populosa, hoje não estaria viva.</p>	<p>próprias mãos. Eu senti pena da Sra. Flint, ela que fora a segunda esposa, era muitos anos mais nova que o marido, um velho canalha, capaz de esgotar a paciência de uma mulher mais sábia e melhor. Ela estava totalmente frustrada e não sabia como proceder. Ficaria feliz em ter mandando me açoitem pelo meu falso juramento,mas, como já afirmei, o doutor nunca permitiu que alguém me chicoteasse. O velho pecador era prudente. A aplicação do açoite poderia ter levando a comentários que o teriam exposto aos olhos de seus filhos/as e netos/as. Quantas vezes eu me regozizei por viver em uma cidade onde todos os habitantes se conheciam! Se eu estivesse em uma plantação remota ou perdida entre a multidão de uma cidade populosa, hoje não estaria viva.</p>
<p>The secrets of slavery are concealed like those of the Inquisition. My master was, to my</p>	<p>Os segredos da escravidão estão ocultos como os da Inquisição. Meu senhor era, pelo que eu</p>	<p>Os segredos da escravidão estão ocultos como os da Inquisição. Meu senhor, pelo o que eu</p>

<p>knowledge, the father of eleven slaves. But did the mothers dare to tell who was the father of their children? Did the other slaves dare to allude to it, except in whispers among themselves? No, indeed! They knew too well the terrible consequences.</p>	<p>sabia, pai de 11 escravos. Mas ousavam as mães dizer quem era o pai de seus filhos? Ousavam os outros escravos aludir a isto, exceto em murmúrios entre eles mesmos? Não, realmente não! Sabiam muito bem das terríveis conseqüências.</p>	<p>sabia, o pai de onze crianças em situação de escravização. Mas as mães ousavam dizer quem era o pai dos filhos? Os/as outros/as escravizados/as ousavam aludir a isso, exceto em murmúrios entre eles/as mesmos/as? Não, de fato! Sabiam muito bem as terríveis conseqüências.</p>
<p>My grandmother could not avoid seeing things which excited her suspicions. She was uneasy about me, and tried various ways to buy me; but the never-changing answer was always repeated: "Linda does not belong to _me_. She is my daughter's property, and I have no legal right to sell her." The conscientious man! He was too scrupulous to _sell_ me; but he had no scruples whatever about committing a much greater wrong against the helpless young girl placed under his guardianship, as his daughter's property. Sometimes my persecutor would ask me whether I would like to be sold. I told him I would rather be sold to any body</p>	<p>Minha avó não podia deixar de ver coisas que despertavam suas suspeitas. Estava preocupada comigo, e tentou de várias maneiras comprar-me, mas a imutável resposta era sempre repetida: – “Linda não me pertence. É propriedade de minha filha e não tenho direito legal de vendê-la.” Que homem consciencioso! Era escrupuloso demais para <i>vender-me</i>, mas não tinha nenhum escrúpulo de cometer um crime muito maior contra a indefesa menina colocada sob a guarda, como propriedade da filha. Por vezes, meu perseguidor me perguntava se eu gostaria de ser vendida. Eu lhe dizia que preferia ser</p>	<p>Minha avó não podia evitar ver coisas que despertavam suas suspeitas. Estava preocupada comigo e tentou várias maneiras me comprar, porém a resposta que nunca mudava era sempre repetida: "Linda não pertence a mim. Ela é propriedade da minha filha e eu não tenho direito legal de vendê-la". O homem consciente! Ele era muito escrupuloso para me vender, mas ele não tinha escrúpulos em cometer um erro muito maior contra a jovem desamparada colocada sob sua guarda como propriedade da sua filha. Às vezes meu perseguidor me perguntava se eu gostaria de ser vendida. Eu dizia a ele que</p>

<p>than to lead such a life as I did. On such occasions he would assume the air of a very injured individual, and reproach me for my ingratitude. "Did I not take you into the house, and make you the companion of my own children?" he would say. "Have <u>I</u> ever treated you like a negro? I have never allowed you to be punished, not even to please your mistress. And this is the recompense I get, you ungrateful girl!" I answered that he had reasons of his own for screening me from punishment, and that the course he pursued made my mistress hate me and persecute me. If I wept, he would say, "Poor child! Don't cry! don't cry! I will make peace for you with your mistress. Only let me arrange matters in my own way. Poor, foolish girl! You don't know what is for your own good. I would cherish you. I would make a lady of you. Now go, and think of all I have promised you."</p>	<p>vendida a qualquer pessoa do que levar a vida que era a minha. Nessas ocasiões, ele adotava o ar de alguém muito ofendido e censurava-me pela minha ingratidão. "Não a trouxe para casa e não fiz de você a companheira de meus próprios filhos?", perguntava. "Alguma vez a tratei como uma negra? Nunca deixei que fosse castigada, nem mesmo para agradar a sua senhora. E essa é a recompensa que recebo, sua menina ingrata!" Eu respondia que ele tinha razões para me proteger de punições, e que sua atitude fazia com que minha senhora me odiasse e me perseguisse. Se eu chorava, ele dizia: "Pobre criança! Não chore! Não chore! Eu vou fazer as pazes entre você e sua senhora. Mas deixe-me agir ao meu modo. Pobre e tola criança! Você não sabe o que é melhor para você mesma. Eu a trataria bem. Eu faria de você uma dama. Agora vá, e pense em tudo que lhe prometi."</p>	<p>preferiria ser vendida a qualquer pessoa do que levar uma vida que era a minha (que levava?). Nessas ocasiões ele assumia o ar de alguém muito ofendido e censurava-me por minha ingratidão. "Eu não te levei para dentro de casa e fiz de você a companheira de meus próprios filhos?", ele dizia. "Alguma vez eu te tratei como uma negra? Nunca permiti que você fosse castigada nem mesmo para agradar sua senhora. E essa é a recompensa que recebo, sua moça ingrata!" Eu respondia que ele tinha razões para me proteger de punições e que sua atitude fazia com que minha senhora me odiasse e me perseguisse. Se eu chorava, ele dizia: "Pobre criança! Não chore! Não chore! Vou fazer as pazes entre você e sua senhora. Apenas deixe-me arrumar as coisas do meu jeito. Pobre garota tola! Você não sabe o que é melhor para você mesma. Gostaria de cuidar de você. Eu faria de você uma dama. Agora vá e pense em tudo o que te prometi."</p>
---	---	--

I did think of it.	Eu realmente pensei.	Eu realmente pensei.
<p>Reader, I draw no imaginary pictures of southern homes. I am telling you the plain truth. Yet when victims make their escape from the wild beast of Slavery, northerners consent to act the part of bloodhounds, and hunt the poor fugitive back into his den, "full of dead men's bones, and all uncleanness." Nay, more, they are not only willing, but proud, to give their daughters in marriage to slaveholders. The poor girls have romantic notions of a sunny clime, and of the flowering vines that all the year round shade a happy home. To what disappointments are they destined! The young wife soon learns that the husband in whose hands she has placed her happiness pays no regard to his marriage vows. Children of every shade of complexion play with her own fair babies, and too well she knows that they are born unto him of his own household. Jealousy and hatred enter the</p>	<p><b>Leitor,</b> eu não traço quadros imaginários dos lares sulistas. Estou contando pura verdade. Mesmo assim, quando as vítimas fogem da besta selvagem da Escravidão, os nortistas consentem em agir como sabujos e caçar o pobre fugitivo, fazendo-o voltar a sua toca "cheia de ossos de homens mortos e de toda imundície." E o que é mais, não só estão dispostos a isso, como se orgulham de dar suas filhas em casamento a donos de escravos. As pobres moças têm idéias românticas de um clima ensolarado e de trepadeiras que durante todo o ano sombreiam um lar feliz. A que decepções estão destinadas! A jovem esposa logo que o marido em cujas mãos colocou sua felicidade noção se importa com os votos matrimoniais. Crianças de peles de todos os tons brincam com os seus próprios filhos brancos, e ela sabe muito bem que foram geradas por ele com as suas escravas. Ciúme e</p>	<p><b>Leitora,</b> não traço quadros imaginários dos lares do sul. Estou lhe dizendo a pura verdade. No entanto, quando as vítimas escapam da besta selvagem da escravidão os/as nortistas consentem em fazer o papel de sabujos e caçam o/a pobre fugitivo fazendo-o voltar ao seu covil, "cheio de ossos de homens mortos e de toda impureza". Além disso, eles não estão somente dispostos, mas se orgulham em dar suas filhas em casamento aos donos de escravos. As pobres meninas têm ideias românticas de um clima ensolarado e de trepadeiras floridas que durante todo o ano sombreiam um lar feliz. A que decepções eles estão destinadas! A jovem esposa logo descobre que o marido em cujas mãos ela colocou sua felicidade não se importa com seus votos matrimoniais. Crianças de todos os tons de pele brincam com seus próprios filhos/as brancos/as e ela sabe muito bem que foram</p>

<p>flowery home, and it is ravaged of its loveliness.</p>	<p>ódio entram no lar florido, cuja beleza é devastada.</p>	<p>geradas por ele dentro de suas próprias casas. O ciúme e o ódio entram no lar florido, cuja beleza e devastada.</p>
<p>Southern women often marry a man knowing that he is the father of many little slaves. They do not trouble themselves about it. They regard such children as property, as marketable as the pigs on the plantation; and it is seldom that they do not make them aware of this by passing them into the slave-trader's hands as soon as possible, and thus getting them out of their sight. I am glad to say there are some honorable exceptions.</p>	<p>As mulheres do sul casam-se com frequência com homens que sabem ser pais de muitos escravos pequenos. Não se preocupam com isso. Consideram tais crianças como propriedades, tão negociáveis quanto os porcos da fazenda. E raramente não despertam nessas crianças a consciência disso, passando-as às mãos dos negociantes de escravos tão logo possível, e assim afastando-as de sua presença. Tenho o prazer de dizer que há algumas exceções honrosas.</p>	<p>As mulheres do Sul geralmente se casam com um homem sabendo que ele é o pai de muitos/as escravos/as pequenos/as. Não se incomodam com isso. Consideram essas crianças como propriedade, comercializáveis como os porcos da fazenda e raramente despertam nessas crianças não os consciencia disso passando-os para as mãos do negociante de escravos/as o quanto antes, tirando-os assim da sua vista. Fico feliz em dizer que há algumas exceções honrosas.</p>
<p>I have myself known two southern wives who exhorted their husbands to free those slaves towards whom they stood in a "parental relation;" and their request was granted. These husbands blushed before the superior nobleness of their wives' natures. Though they had only counselled them to do that which it</p>	<p>Conheci duas esposas sulistas que exortaram os maridos a libertar os escravos com os quais tinham uma "relação de parentesco", e esse pedido foi atendido. Esses maridos coraram ante a maior nobreza da alma de suas esposas. Embora elas só lhes tivessem aconselhado a fazer o que era dever deles, tal atitude</p>	<p>Eu mesma conheci duas esposas do sul que exortaram seus maridos a libertar os escravos vom os quais eles mantinham uma "relação de parentesco" e seu pedido foi concedido. Esses maridos coraram perante a nobreza da alma de suas esposas. Embora elas só os tivessem aconselhado a fazer o que era dever deles,</p>

<p>was their duty to do, it commanded their respect, and rendered their conduct more exemplary. Concealment was at an end, and confidence took the place of distrust.</p>	<p>provocou respeito e tornou mais exemplar a conduta desses maridos. Acabaram-se os disfarces e a confiança substituiu a desconfiança.</p>	<p>provocou respeito e tornou sua conduta mais exemplar. Chegou ao fim as dissimulações e a confiança tomou o lugar da desconfiança.</p>
<p>Though this bad institution deadens the moral sense, even in white women, to a fearful extent, it is not altogether extinct. I have heard southern ladies say of Mr. Such a one, "He not only thinks it no disgrace to be the father of those little niggers, but he is not ashamed to call himself their master. I declare, such things ought not to be tolerated in any decent society!"</p>	<p>Essa perniciosa instituição embrutece o senso moral, até mesmo nas mulheres brancas, em proporções terríveis, e apesar disso, não é extinta. Ouvi senhoras sulistas dizerem de um Sr. Fulano de tal: "Ele não só considera um mal ser pai daqueles negrinhos, como não tem vergonha de intitular-se senhor deles. Pois eu digo que tais coisas não deviam ser toleradas numa sociedade decente!"</p>	<p>Embora essa instituição ruim enfraqueça o senso moral, até mesmo em mulheres brancas, em proporções terríveis, e apesar disso não é extinta. Ouvi as senhoras do sul dizerem do Sr. Fulano de Tal: "Ele não apenas acha que não é uma desgraça ser o pai daqueles pequenos crioulos, mas ele não tem vergonha de se intitular de mestre deles. Declaro que tais coisas não deveriam ser toleradas em qualquer sociedade decente!"</p>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo me propus a realizar uma (re)tradução feminista negra da autobiografia intitulada “*Incidents in the Life of a Slave Girl*” (1861), de Harriet Ann Jacobs. Trouxe para dentro da minha escrita, assim como Harriet, a militância de sujeita negra, expressando-me em grande parte da pesquisa em primeira pessoa. Expus, assim, a prática de minha escrita cotidiana; modifiquei a escrita do “nós” para o ‘Eu’, que se quer múltiplo. Trata-se do ‘Eu’ que não é somente minha voz de mulher negra brasileira, mas a voz de minhas ancestrais e de minhas irmãs de cor, que trago em meu sangue e que não conseguiram se manifestar por meio da escrita ou não tiveram acesso ao ambiente acadêmico.

A tradução feminista é um projeto desafiador que visa chamar atenção das pessoas, em especial das mulheres, para o papel da mulher na sociedade patriarcal e para a influência desse papel dentro dos textos traduzidos – marcadamente os que são escolhidos para constarem do cânone. Como esse tipo de projeto traz em seu cerne a teoria feminista, foi necessário atentar-me à interseccionalidade e o direcionamento à mulher negra que fala de dentro. No caso do texto de Jacobs, ainda há a especificidade de a língua de partida estar em outro tempo e cultura que o idioma de chegada, apontando para a necessidade de um estudo mais aprofundado dos sistemas linguísticos, culturais e históricos. Essas particularidades, para quem (re)traduz no século XXI, requer uma grande atenção

O feminismo negro, a tradução feminista e o modelo funcionalista desenvolvido por Nord (2005) foram a base deste estudo, orientando o percurso a ser alcançado, as metas a serem cumpridas. A função do original foi modificada, uma vez que o texto de partida, por se tratar de uma obra biográfica escrita no século XIX, tinha como leitoras-alvo as mulheres, sobretudo as do Norte, e as mulheres abolicionistas de um modo geral. Já no texto de chegada, a escrita de Jacobs faz parte de um projeto de mestrado que tem como leitora-alvo as feministas, acadêmicas ou não – com foco, no entanto, sobretudo para as primeiras. A função comunicativa do texto e a intenção (LEITORA-ALVO) diferem também, já que almejo difundir uma escritora negra feminista do século XIX para as feministas e mulheres brasileiras atuais que se interessem pela temática. A tradução, portanto, foi realizada em local, contexto cultural e línguas diversas, e é importante considerar esses fatos para atingir o alvo desejado.

A escolha do vocábulo ‘*READER*’ no começo do prefácio, ou seja, no início, situa o lugar de enunciação como um lugar não neutro, definido de imediato na primeira linha do texto.

Esse aspecto causa o estranhamento almejado no projeto tradutório: ‘LEITORA’ chama as leitoras à reflexão sobre seu lugar e sua voz no mundo patriarcal. Assim, meu objetivo neste trabalho foi uma tradução direcionada às mulheres, que questione e subverta a linguagem masculina hegemônica dominante. A intenção de Harriet Jacobs em dedicar a autobiografia às mulheres do Norte carrega essa escrita de um caráter feminista. Desse modo, sua base pode ser mantida por meio da aplicação, na tradução, do modelo funcionalista de Nord (2005), com a mudança da leitora-alvo para a brasileira (falante ou leitora de língua portuguesa) do século XXI.

Como ainda há uma significativa carência de textos escritos que tratem da tradução feminista negra, tive grande dificuldade em dialogar com uma noção já pré-existente. Por ser uma das pioneiras na área, noto que ainda há muitos pontos a serem abordados e trabalhados no âmbito da tradução feminista negra. Defendo que esse tipo de tradução precisa primar pela fala da mulher negra, de forma que ela ocupe um lugar central dentro desse tipo de teoria. A mulher negra, de acordo com Grada Kilomba, seria o “Outro do Outro” (ou a Outra da Outra – numa tradução feminista); essa mulher ainda precisa ocupar espaços dominados em sua maioria pelos homens brancos e mulheres brancas. A tradução feminista negra permitiria, assim, uma “fala de dentro”, uma vez que a sujeita enuncia, teoriza sobre si e para suas similares. É muito importante que possamos assumir uma posição de equidade, desconstruindo conceitos arraigados e petrificados pelo colonialismo. Para tanto, devemos minar espaços e levantar a voz, trazendo as nossas inquietações de cada dia, a fim de desconstruir e reconstruir a linguagem e, principalmente, escrever e traduzir as nossas irmãs negras e de cor.

Proponho que uma Tradução Feminista Negra considere os seguintes pontos: 1) textos escritos por e para mulheres Negras, concordando com o que afirmado por Hamilton (2018); 2) a tradução deve ser de um texto escrito por mulher(es) Negra(s) para mulheres Negras ou com personagens negras, respeitando a heterogeneidade das línguas, histórias e culturas do texto-fonte e do texto/público-alvo. A meu ver, para que a tradução feminista se configure com essa nomenclatura, ela deveria seguir algumas condições. Evidentemente, pessoas brancas poderiam embasar suas pesquisas nas teorias da Tradução Feminista Negra, desde que respeitando as sujeitas de quem falam, conferindo visibilidade às pessoas negras e priorizando a desconstrução do sexismo e do racismo na linguagem, expondo o lugar de enunciação. Para tanto, haveria diferença entre a tradução feminista Negra feita por mulheres negras e a realizada por mulheres não negras, bem como aquela produzida por homens negros e brancos – com as limitações do seu lugar de fala. É necessário, nessa perspectiva o respeito ao protagonismo das mulheres

negras nas suas traduções (HAMILTON, 2018). As Traduções Feministas Negras empreendidas por mulheres negras podem conter comentários que teorizem sobre os processos tradutórios e enunciem a partir de suas próprias experiências afro-diáspóricas, constituindo uma fala de dentro (*“Outsider Within”*), com especificidades oriundas das intersecções de seus lugares não-estáticos dentro do sistema patriarcal local ao qual pertencem.

Espero haver contribuído para futuros estudos nessa área, chamando a atenção das mulheres negras e não negras – assim como do público masculino – para a nossa produção na academia dentro e fora do Brasil, pois são estudos que refletem as nossas realidades. Também gostaria de alertar às escritoras e futuras tradutoras negras e amefricanas que temos público para nossas teorias e somos a maioria da população nas Américas. Também advogo que as editoras devam se abrir mais para receber e trabalhar com textos não-canônicos produzidos e traduzidos por essas mulheres.

Harriet Ann Jacobs foi a primeira mulher negra a escrever e uma autobiografia e publicá-la de forma independente nos EUA. No Brasil, não há registro de nenhum texto dessa época com tamanha riqueza de detalhes, apesar das nossas pesquisas até o presente momento. Assim como Harriet, há uma gama imensa de mulheres negras que produzem textos desde a época da colonização até os dias atuais. Onde estão essas mulheres? Onde estão os textos publicados? E as traduções dessas obras? Nossos passos vêm de longe, e espero que eles possam ir mais além, a fim de ganhar fronteiras, sair das margens e mudar a forma segregacionista e inferiorizante com que somos olhadas e tratadas no meio acadêmico e fora dele.

## **Não vou mais lavar os pratos**

Nem vou limpar a poeira dos móveis  
Sinto muito. Comecei a ler  
Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi  
Não levo mais o lixo para a lixeira  
Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal  
Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos  
a estética dos traços, a ética  
A estática  
Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros  
mãos bem mais macias que antes  
e sinto que posso começar a ser a todo instante  
Sinto  
Qualquer coisa  
Não vou mais lavar  
Nem levar.  
Seus tapetes para lavar a seco  
Tenho os olhos rasos d'água  
Sinto muito  
Agora que comecei a ler, quero entender  
O porquê, por quê? E o porquê  
Existem coisas  
Eu li, e li, e li  
Eu até sorri  
E deixei o feijão queimar...  
Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto  
Considere que os tempos agora são outros...  
Ah,  
Esqueci de dizer. Não vou mais  
Resolvi ficar um tempo comigo  
Resolvi ler sobre o que se passa conosco  
Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou  
De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi  
você foi o que passou  
Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto  
Desalfabetizou  
Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira  
Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá  
Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis  
Não tocarei no álcool  
Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler  
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar  
Meu tênis do seu sapato  
Minha gaveta das suas gravatas  
Meu perfume do seu cheiro

Minha tela da sua moldura  
Sendo assim, não lavo mais nada  
e olho a sujeira no fundo do copo  
Sempre chega o momento  
De sacudir, de investir, de traduzir  
Não lavo mais pratos  
Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo  
Em letras tamanho 18, espaço duplo  
Aboli  
Não lavo mais os pratos  
Quero travessas de prata, cozinhas de luxo  
E jóias de ouro  
Legítimas  
Está decretada a lei áurea.

Cristiane Sobral, 2016.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Sonia E. Construindo uma política feminista translocal da tradução. **Revista Estudos Feministas – REF**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p.!! 743-753, set.- dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000300007/12126>>. Acesso em: 15 set. 2018.
- ALVES, Alcione Correa. **‘Mon nom, je l’habite tout entier’: littérature-monde en français e seus lugares de enunciação**. 2012. 208 f. Tese (Doutorado em Literatura Francesa e Francófonas) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012a.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. Coleção Primeiros Passos.
- ANDREWS, William L.; FOSTER, Frances Smith; HARRIS, Trudier. **The Oxford Companion to African American Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- AVILA, Renata. **Partes de um livro**. 2011. Disponível em: <<http://www.entrandonumafria.com.br/2011/10/as-partes-de-um-livro.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- ARANTES, Durval. Phillis Wheatley, a primeira escritora Afro-americana – Literatura Afro dos EUA. In: **Mundo Negro**, [S.I.], 15 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.mundonegro.inf.br/phillis-wheatley-a-primeira-escritora-afro-americana-literatura-afro-dos-eua/>>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- BASSNET, Susan. Translation, Gender and Otherness. **Perspectives: Studies in Translatology**, UK, v. 13, n. 2, p. 83-90, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09076760508668976>>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980, p. 11-12.
- BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace della traduction. **Palimpsestes**, Paris, n. 4, p. 1-7, 1990. Disponível em: <<https://palimpsestes.revues.org/596>>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- BÍBLIA SAGRADA PORTUGUÊS-INGLÊS/ HOLY BIBLE PORTUGUES ENGLISH. Nova versão internacional, New international version. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- BRAXTON, Joanne M. **Black Women Writing Autobiography: A Tradition within a Tradition**. Philadelphia: Temple University Press, 1989.
- BOLDEN, Tonya. Biographies. **Digital Schomburg African American Women of the 19<sup>th</sup> Century**, New York, 2000. Disponível em: <[http://digital.nypl.org/schomburg/writers\\_aa19/biographies.html](http://digital.nypl.org/schomburg/writers_aa19/biographies.html)>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- BUTTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. Trad. anônima. **Revista Estudos Feministas – REF**, v. 8, n. 2, p. 91-108, jul.-dez. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11922>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. Racialized boundaries: women's studies and the question of difference in Brazil. **The Journal of Negro Education**, v. 70, n. 3, p. 219-230, Summer, 2001. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2000/Caldwell.PDF>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa. Caro Colega: exclusão linguística e invisibilidade. In: **Leituras em rede: gênero e preconceito**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 373-389.

CARDOSO, Claudia Pons. Amefricanizando o Feminismo: o pensamento de Lèlia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 22, v. 3, p. 965-980, 2014. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2014000300015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2014000300015)>. Acesso em: 1 nov. 2017.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA, Empreendimentos Sociais; TAKANO, Cidadania (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro; Takano Editora, 2003, p.49-58.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p.37.

CASTRO, Marcelle de Souza. **Tradução, ética e subversão: desafios práticos e teóricos**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CHILD, Lydia M. F. Introduction by the editor. In JACOBS, Harriet Ann. **Incidents in the Life of a Slave Girl: written by herself**. Boston: Harvard University Press, 2009 [1861].

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Tradução: Juliana de Castro Galvão. Revisão: Joaze Bernardino-Costa. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

\_\_\_\_\_. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. **Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória**. Parágrafo. v. 5, n.1. jan/jul, p.6 - 17, 2017.

CONFIANT, Raphaël. Questions pratiques d'écriture créole. In: LUDWIG, Ralph (Org.). **Écrire la parole de nuit: la nouvelle littérature antillaise**. Paris: Gallimard, 1994, p.171-80. (Collection Folio/Essais).

COSTA, Claudia de Lima. O tráfico do gênero. **Cadernos Pagu** (11): trajetórias do gênero, masculinidades. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/ UNICAMP 1998, pp. 127-140.

CHAMBERLAIN, Lori. Gender and the Metaphorics of Translation. In: VENUTTI, Lawrence. **The Translations Studies Reader**. 2ed. London: Routledge, 2004. p. 319.

DICIONÁRIO ONLINE DO AURÉLIO. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/contado>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

DICIONÁRIO ONLINE LINGUEE. Colônia, 2018. Disponível em: <<https://www.linguee.com/>>.

DICIONÁRIO ONLINE MERRIAM-WEBSTER, Inc. Springfield, 2018. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/>>.

DUTRA, Waltensir. Processos e Técnicas de Tradução. In: PORTINHO, Walkíria Marchiori (Org). **A Tradução técnica e seus problemas**. São Paulo: Álamo, 1993, p.77-90.

CRENSHAW Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics.** University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Disponível em: <<http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>>. Acesso em 10 out. 2018.

COSTA, Sueli Gomes. Movimentos feministas, feminismos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p. 23-36, 2004.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DÉPÊCHE, Marie-France. **A Tradução Feminista: Teorias e Práticas Subversivas.** Nísia Floresta e a Escola de Tradução Canadense. *Revista Textos de História*, Vol. 8, n. 1/2. p. 157-188. Universidade de Brasília – UnB. 2000. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5908/4885>>. Acessado em: 20 jul. 2018.

FAHS, Ana C. Salvatti. Movimento Feminista. In **Politize!**, [S.I.], 19 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/movimento-feminista-historia-no-brasil/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

FANAYA, Patrícia Melissa Silva Fonseca. **A tradução na era da comunicação interativa: uma releitura do funcionalismo de Nord em interface com a localização.** 2009. 103f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** 50ª edição. Global Editora. 2005.

GAMBIER, Yves. La retraduction, re tour et tour. Meta: **Journal des Traducteurs**, v. 39, p. 413-417, 1994. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7202/002799ar>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais.** Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais.** Montréal: Gallimard, 1997a.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL; SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES. **Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem e entende.** Rio Grande do Sul: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014.

HALEY, Alex. **Autobiografia de Malcolm X.** Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1965.

\_\_\_\_\_. **Negras raízes: a saga de uma família.** Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1976.

HAMILTON, Norma Diana. Translation and the Anglophone Black Female Literature in Brazil. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 34, 2018, p. 47 -57. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/477>>. Acesso em 15 ago. 2018.

HARDEN, Alessandra Ramos de Oliveira. Tradução, história e o Iluminismo luso-brasileiro: a Casa Tipográfica do Arco do Cego e as línguas do progresso. In: SANTOS, Antônio Cesar de Almeida (Org.). **Ilustração, cultura escrita e práticas culturais educativas.** Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2016, p.107-129. (Série Referência).

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth; SANTOS, Adriano Rodrigues. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. In: III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012, Campinas. Dilemas e desafios na contemporaneidade. **Anais do II Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Cultura**. Campinas: UNICAMP, 2012. Disponível em: <[http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT\\_DE\\_LA\\_TAILLE\\_ELIZABETH.pdf](http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf)>. Acesso em: 06. jun. 2017.

IZECKSOHN, Vitor. **Escravidão, federalismo e democracia**: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão. Topoi, Rio de Janeiro, março 2003, p. 47-81.

JACOBS, Harriet Ann. **Incidents in the Life of a Slave Girl**: written by herself. Boston: Harvard University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. **Incidente na vida de uma escrava**: contados por ela mesma. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.

JESUS, Maria Carolina de. **Antologia pessoal**. Rio de Janeiro: UFRJ, [1996] (Org. Meihy, José Carlos Sebe Bom).

\_\_\_\_\_. **Casa de alvenaria** – Diário de uma ex-favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

\_\_\_\_\_. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996 (Org. Meihy, José Carlos Sebe Bom).

\_\_\_\_\_. **Onde estaes felicidade?** FERNANDEZ, Raffaella A.; MOTA, Maria Nilda da C. (Orgs.). São Paulo: Edições Me PARIÓ REvolução, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pedaços da fome**. São Paulo: Aquila, 1963.

\_\_\_\_\_. **Provérbios**. São Paulo: Luzes, 1963.

\_\_\_\_\_. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories**: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2012. Disponível em: [https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada\\_2010\\_plantation-memories.pdf](https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada_2010_plantation-memories.pdf)>. Acesso em 08 set. 2018.

KRUEGER, Robert. **Os Escravos nas Suas Próprias Palavras**: Narrativas e Textos Escritos e Ditos por Escravos Brasileiros. Palestras apresentadas no Departamento de Letras (LET). 5 set 2018.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Frame**. London/New York: Routledge, 1992.

LINS, Regina Navarro. **A Cama na Varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.

MÄDER, Guilherme Ribeiro Colaço. **Masculino genérico e feminino gramatical**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

MALTA, Gleiton. O conceito de (re)tradução sob uma abordagem processual: um estudo empírico-experimental baseado em rastreamento ocular. **Letras & Letras** (UFU), v. 32, p. 283, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33126>>. Acesso em 02 set. 2018.

MATHIAS, Adélia. Traduções Transgressoras: a importância da tradução não oficial social de textos de autoria negra para o ambiente acadêmico. **Translatio**, v. 13, p. 215, 2017.

MATTISON, Hiram; PIQUET, Louisa. **Louisa Picquet, the Octoroon: or Inside Views of Southern Domestic Life**. 1861. Edição da Autora. New York. Disponível em: <<http://docsouth.unc.edu/neh/picquet/cover.html>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

MONA, Baker. **A tradução como um espaço alternativo para ação política**. Tradução: Cristiane Roscoe-Bessa, Flávia Lamberti & Janaína Araujo Rodrigues. Cad. Trad., Florianópolis, v. 38, nº 2, p. 339-380, mai-ago, 2018.

MOREIRA, Marcelo Victor de Sousa. **Estudos Funcionais da Tradução: rupturas e continuidades**. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

MOTT, Luiz. **Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil** - resumo do livro. Rio de Janeiro: Editora Bertrand do Brasil, 1993.

\_\_\_\_\_. Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil colonial. **Cadernos IHU Idéias**, Ano 3, n. 38. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

NASCIMENTO DOS SANTOS, Tatiana. **Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos**. 185p. Tese de doutorado – Departamento de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

\_\_\_\_\_. **Post-its**. Facebook: Tatiana Nascimento dos Santos, 12 de outubro de 2018. Disponível em <<https://www.facebook.com/tateann/posts/10218173947083986>>. Acesso em 18 de outubro de 2018.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Tradução e adaptação coordenadas por Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

\_\_\_\_\_. **Text analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation – Oriented Text Analysis**. Amsterdam – New York: Rodopi, 2005.

PALOPOSKI, O.; KOSKINEN, A. Reprocessing texts: the fine line between retranslating and revising. **Across Languages and Cultures**, v. 11, n. 1, p. 29-49, 2010. Disponível em: <<[http://www.scirp.org/\(S\(351jmbntvnsjt1aadkposzje\)\)/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=904387](http://www.scirp.org/(S(351jmbntvnsjt1aadkposzje))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=904387)>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

PFAU, Monique. **Tradução do diálogo feminista entre culturas periféricas sobre o feminismo de culturas centrais: um estudo de caso para a aplicação do modelo funcionalista de Christiane Nord**. (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94268>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2016.

\_\_\_\_\_. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Abramo, 2003.

RAIMUNDO, Valdenice José; GEHLEN, Vitória; ALMEIDA, Daniely. Mulher negra inserção nos movimentos sociais feminista e negro. **Cadernos de Estudos Sociais (FUNDAJ)**, Recife, v. 1, p. 1-8, 2006. Disponível em:

<http://www.fundaj.gov.br/images/stories/observanordeste/valdenice.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2017.

REISS, Katharina. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**. Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen. München: Hueber, 1971.

REIS, Maria F. dos. A escrava (1887). In MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis**: fragmentos de uma vida. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975c.

\_\_\_\_\_. Cantos à beira-mar (1871). IN: MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina**: fragmentos de uma vida. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975b.

\_\_\_\_\_. Gupeva: romance brasileiro (1861). In MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina**: fragmentos de uma vida. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975a. p. 103-134.

\_\_\_\_\_. “Hino à liberdade dos escravos”. In FARIA, Antônio A. M.; PINTO, Rosalvo G. (Orgs.) **Poemas brasileiros sobre trabalhadores**: uma antologia de domínio público. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2011. p. 53.

\_\_\_\_\_. **Úrsula**. 1859. Rio de Janeiro: Presença; INL, 1988.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Ineildes Calheiro dos; OLIVEIRA, Eduardo. Experiências das mulheres na escravidão, pós-abolição e racismo no feminismo em Angela Davis. **Rev. Estud. Fem.** 2018, vol.26, n.1. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2018000100804&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100804&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 set. 2019.

SCHMIDT, Joessane de Freitas. As mulheres na Revolução Francesa. **Revista Thema**, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 1-19, 2012.

SILVA, Luciana de Mesquita. Diáspora negra em contexto de tradução: discutindo a publicação de Mulheres, raça e classe, de Angela Davis, no Brasil. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, p. 205-228, 2018.

SILVA, Monaliza Rios. **Maya Angelou e suas afroamericanidades**: o ritmo autobiográfico de *The Heart of a Woman*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation**. London: Routledge, 1996.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Editora Garcia, 2016.

SOUZA, Elio Ferreira de. A Carta da Escrava Esperança Garcia do Piauí: uma narrativa precursora da literatura afro-brasileira. In: **Africanidades e Afrodescendência na Produção de Saberes da Universidade Pública**: a experiência da UFPI. 1ª ed. Teresina – Piauí: Editora da UFPI (EDUFPI), 2017, v, p. 143 -157.

TRUTH, Sojourner. **Narrative of Sojourner Truth**. 1850. Disponível em: <<http://digital.library.upenn.edu/women/truth/1850/1850.html>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

TEODORO, Maria de Lourdes. **Identidade Cultural e Diversidade Étnica**: Négritude africano-antilhana e modernismo brasileiro. São Paulo: Scortecci, 2015.

TEODORO, Lourdes. **Poemas Antigos**. Brasília, DF: Edição da Autora, 1996.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana F. (Org.); COSTA, Walter Carlos; TORRES, M. (Org.). **Literatura**

**Traduzida:** Tradução comentada e comentários da tradução. 1. ed. Fortaleza: Substância, 2017. v. 1. p. 15-35. (Transletras; v.2).

\_\_\_\_\_. **Traduzir o Brasil Literário. Paratextos e discurso de acompanhamento.** Volume 1. Tradução do francês de Marlova Aseff e Eleonora Castelli. Copiart: Tubarão, 2011, 127 p.

VERA CRUZ, Rosa M. E. **Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas.** Brasil, 1763.

VERMEER, Hans J. **Ein Rahmen für die allgemeine Translationstheorie.** Lebende Sprache. [s.l.] v. 23, n.3, 1978, p. 99-102.

SOUZA, Itamar de. A Mulher e a Revolução Francesa: Participação e Frustração. **Revista Eletrônica da FARN**, Natal, v.2, n. 2, p.111-124,2003.

TÁBOAS, Ísis. Diga-me, quem te deu o direito soberano de oprimir meu sexo? a afirmação histórica dos direitos das mulheres. **O Direito Alternativo**, Franca, v. 1, n. 1, p. 258-280, 2011.

TUSSI, Fernanda Pivato. **Aborto Vivido, Aborto Pensado, Aborto Punido?** As(inter)faces entre as esferas pública e privada em casos de aborto no Brasil. 144 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VIEIRA, Leonardo. Relatos de Escravos no Brasil em 1ª Pessoa Revelam de Forma Pungente seu Sofrimento. **O Globo**, São Paulo, 21 de fevereiro de 2015. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/relatos-de-cativos-no-brasil-em-1-pessoa-revelam-de-forma-pungente-seu-sofrimento-15402413#ixzz3SWL5cHJ2>>. Acesso em: 15 set. 2017.

VON FLOTOW, Luise. **Translation and gender: translating in the era of Feminism.** Manchester: Ed. St Jerome, 1997, p. 29.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERNAN, Andrew. **The Map: A Beginner's Guide to Doing Research.** Manchester, UK: St. Jerome, 2002.

WRITTEN. **Dicionário online do Linguee.** Disponível em:<<http://www.linguee.com/portugues-ingles/search?source=ingles&query=written>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

XAVIER, Matheus Carlethi. **O legado da escravidão e os usos do passado sobre Abraham Lincoln.** Revista Outras Fronteiras, Cuiabá, vol. 1, n. 2, jul-dez. 2014.

YELIN, Jean Fagan. In: JACOBS, Harriet Ann. **Incidente na vida de uma escrava:** contados por ela mesma. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.